CONCEITOS DE FÉ — POR ÓSCAR LOPES (EM MESA-REDONDA)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SEXTA-FEIRA, 9 DE OUTUBRO DE 1970 N.º 17 170 ANO 50.º PREÇO 1$50

ATENÇÃO
A MOSCA
PICA AOS SÁBADOS

Degelo das relações luso-britânicas

A próxima visita a Londres do secretário de Estado da Indústria, a convite do ministro de Estado que superintende no Ministério da Tecnologia e da Indústria do Reino Unido, deverá promover o degelo das relações luso-britânicas, segundo se pensa nos círculos diplomáticos de Lisboa.

O IMPORTANTE É A PONTE. Sim, a moça em primeiro plano é apenas cenário. A ponte é célebre. É a ponte de Londres que uma empresa comprou á Câmara de Londres e transportou para o deserto do Nevada, pedra por pedra.

O convite endereçado ao eng.º Rogério Martins pelo ministro britânico, *sir* John Eden, abrange não só os dias 12 a 14 da visita oficial, mas inclui o dia 11 e estende-se até 17 de Outubro, o que significa um prazo suficientemente dilatado para o estabelecimento de mais amplos contactos daquele membro do Governo com altas entidades britânicas. Aliás, pensa-se nos mesmos círculos que a viagem de Rogério Martins a Londres se situa no âmbito de «gestos» a fazer para se ir «quebrando o gelo» e criar atmosfera propícia à resolução de outros problemas actualmente existentes nas relações luso-britânicas.

Segundo pudemos saber em círculos autorizados, o próprio Foreign Office (o Ministério dos Negócios Estrangeiros britânico) manifestou certa «ansiedade» pelo conhecimento da resposta ao convite endereçado ao secretário de Estado português. Ora, em termos de pura ortodoxia diplomática, não deixa de ser significativo que o Foreign Office se tenha mostrado «a little anxious to know the decision» («ansioso por conhecer a decisão») sobre o convite.

Observadores fazem notar que esta visita de Rogério Martins a Londres se realiza a poucos dias de se completarem 15 anos sobre a visita oficial do então Chefe do Estado, general Craveiro Lopes, que esteve na capital britânica de 25 a 28 de Outubro de 1955. Embora a rainha Isabel II tenha visitado Lisboa, também oficialmente, em

(Continua na 13.ª página)

Na sua visita a Londres, o eng.º Rogério Martins (em cima) encontrar-se-á, entre outras personalidades, com «sir» Geoffrey Rippon (á esquerda), actual chefe da delegação britânica ás negociações com o Mercado Comum

ULTIMATO DO GENERAL TORREZ A UM REGIMENTO DISSIDENTE

LA PAZ, 9 — (F. P.) — O presidente Torrez lançou um ultimato ao coronel Miguel Ayorosa, comandante do regimento «Ingavi», para que abandone a sua atitude de rebelião e deu ordem ao regimento «Colorados» (escolta presidencial) para submeter o regimento «Ingavi», pela força se for necessário.

Entretanto, o general Luis Reque Teran foi nomeado comandante chefe das Forças Armadas. Trata-se de um oficial enérgico, severo, sendo ele quem, quando servia em Camiri, obrigou Regis Debray e o argentino Ciro Bustos a vestirem o uniforme dos presos comuns.

As embaixadas latino americanas afluem muitas pessoas pedindo asilo. Entre os que o obtiveram conta-se o general Rogélio Miranda.

Os observadores pensam que a revolta do coronel Ayorosa não tem qualquer hipótese de êxito, uma vez que os principais comandantes militares das direitas já se encontram derrotados.

As tropas do general Tor-

(Continua na 13.ª página)

O caso Soljenitsine comparado ao de Pasternak

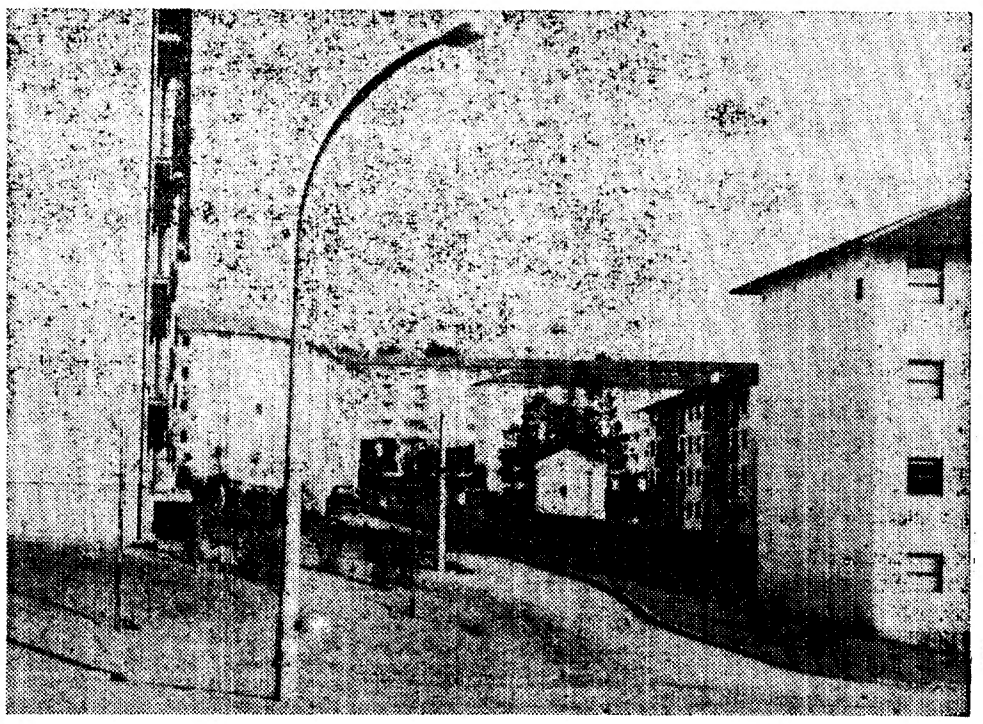
PARIS, 9 — (R.) — O jornal «L'Humanité», órgão do Partido Comunista Francês, admite hoje que a obra de Alexandre Soljenitsine tem valor suficiente para justificar o Prémio Nobel, mas, por outro lado, põe em dúvida os motivos que levam a Academia Sueca a premiar determinados escritores russos e não outros.

«Com Soljenitsine aconteceu o mesmo que com Pasternak. Este foi criticado pela Imprensa soviética e a Academia Sueca apressou-se a premiá-lo por um romance de segunda categoria, depois de ter ignorado, durante vinte anos, o grande poeta que ele era», escreve o jornal em editorial.

«Não valerá a pena notar que o Prémio Nobel de Literatura, que não foi atribuído nunca a Tolstoi, a Chekhov ou a Gorki, contemplou três russos, dois dos quais opositores do regime, cuja distinção o Governo soviético não deixará de considerar desagradável?»

O editorial acrescenta, porém, que a obra de Soljenitsine sobreviverá para além das mesquinhas vantagens que os inimigos do socialis-

(Continua na ultima página)



DOIS NOVOS BAIRROS NO PORTO

Inauguraram-se hoje, no Porto, com a presença do Chefe do Estado, dois novos bairros residenciais. Um deles, o do Monte da Bela, oferece este belo aspecto (Ler na 2.ª pág.)

HOJE 32 PAGS.
VISADO
PELA CENSURA

Dois novos bairros no Porto inaugurados pelo Chefe do Estado

PORTO, 9 — O almirante Américo Thomaz, acompanhado de alguns membros do Governo, iniciou hoje uma visita de cinco dias ao Norte do País.

Esta tarde o Chefe do Estado inaugura dois novos bairros nesta cidade, construídos no âmbito do plano de extinção das «ilhas». Um deles, o Bairro Dr. Pinho Torres, situado em Lordelo do Ouro, é composto de 424 moradias distribuídas por 11 edifícios. Na construção e urbanização foram gastos cerca de 38 600 contos, sendo a obra iniciada em 19 de Dezembro de 1966. O segundo, denominado Bairro do Monte da Bela, situa-se na Corujeira. É formado por 224 fogos distribuídos por 7 blocos. Foram despendidos (construção e urbanização) cerca de 22 000 contos.

À noite o almirante Américo Thomaz assistirá, na igreja de S. Francisco, a um concerto da Orquestra Sinfónica do Porto, em homenagem ao compositor e pianista Óscar da Silva, cujo centenário do nascimento decorre este ano. Será orador oficial o edil, dr. Paulo Pombo, que fará uma palestra intitulada «No centenário de Óscar da Silva».

O programa da Orquestra Sinfónica é preenchido pelas seguintes obras daquele compositor: «Suite n.º 1», «Dolorosas n.os 2 e 3», «Romance», «Rêverie» da suite «Marian», o poema sinfónico «Alma Torturada» e «Marcha Triunfal».

No intervalo serão entregues ao Chefe do Estado exemplares de prata e cobre da medalha comemorativa do Centenário de Óscar da Silva, da autoria do escultor Henrique Moreira. Com este sarau, encerra-se oficialmente o ciclo de comemorações do referido centenário.

Amanhã o Presidente da República visita o concelho de Santo Tirso.

A OBRA DE EMPARCELAMENTO DO PERÍMETRO DE ESTORÃOS

No domingo, às 10 horas, o Chefe do Estado inaugura a obra de emparcelamento do Perímetro de Estorãos onde, através da Junta de Colonização Interna se procedeu à concentração da propriedade e à realização de obras tendentes a melhorar o nível de vida das populações rurais.

ESTAVA A SER OBSERVADO DUAS VEZES POR SEMANA

O PRIMEIRO OPERADO DE LISBOA COM TRANSPLANTAÇÃO RENAL

Efectuou-se esta tarde, da igreja de S. João de Brito para o cemitério de Torre do Bispo (S. Vicente de Paul-Santarém), o funeral do sr. Manuel Martinho Duarte, que ontem faleceu em consequência da rejeição do rim que para ele foi transplantado na primeira intervenção do género que se realizou em Lisboa — em Junho último no Hospital Curry Cabral. O dador foi seu pai, Manuel Duarte Junior, que alguns dias depois faleceu, vitimado por uma trombose.

O extinto, após a intervenção cirúrgica, que decorreu da melhor forma, começou a ter problemas de rejeição, sendo observado duas vezes por semana no Hospital Curry Cabral, nomeadamente pelo cirurgião dr. Viana Barreto. Lembre-se que a primeira transplantação renal efectuada em Portugal foi nos Hospitais da Universidade de Coimbra, pelo prof. Linhares Furtado e sua equipa, em 21 de Julho de 1969, tendo decorrido com o maior êxito, mas falecendo o paciente cerca de seis meses depois, também em consequência de rejeição.

Um embaixador no Algarve

FARO, 9 — O embaixador da República Federal Alemã em Lisboa, acompanhado da esposa, visita oficialmente o Algarve de domingo a terça-feira.

No primeiro dia da sua permanência nesta província, o diplomata e a senhora de Schmidt-Xorix oferecem um jantar íntimo a diversas autoridades regionais.

SANTARÉM

FEIRA DA PIEDADE

DOMINGO, 11 DE OUTUBRO 1970
às 16 horas (quatro da tarde)

CORRIDA DE TOIROS À PORTUGUESA

CARTAZ DE LUXO

UM ESPECTÁCULO RICO PARA BOLSAS POBRES!

6 — Toiros de PALHA BLANCO — 6
de excepcional apresentação com mais de 500 kg!
de FRANCISCO VAN ZELLER PALHA

5 - CAVALEIROS - 5

DAVID RIBEIRO TELLES, GUSTAVO ZENKL, FERNANDO A. SALGUEIRO SOMMER DE ANDRADE
e o amador CARLOS EMPIS

2 - GRUPOS DE FORCADOS - 2

AMADORES DO RIBATEJO
chefiados pelo Ex.mo Sr. Júlio Parente de Almeida

AMADORES DO MONTIJO
chefiados pelo Ex.mo Sr. António Sécio

Toiros em exposição na arena da Praça, das 10,30 às 12 horas, no dia da corrida
(Entrada livre)

PREÇOS INCRIVELMENTE BARATOS!
Desde: Sol 30$00 - Sombra-Sol 40$00 - Sombra 80$00

HAVERÁ UM TOIRO DE RESERVA

VENDA DE BILHETES: em Lisboa, na agência ABEP
Praça dos Restauradores — Telef. 32 88 23
Em Santarém, Rua Guilherme de Azevedo, 15
Telef. 2 54 85 e Agências habituais

DE ONTEM PARA HOJE

DÉCADA DE PERIGO

«Neste ano de 1970 se iniciou uma década de perigo para a Europa», declarou ontem no Grémio Literário o deputado conservador britânico John Biggs Davison que veio para falar da Grã-Bretanha e do Mercado Comum, mas falou da Europa no seu conjunto e nos seus problemas que toda ela é uma. E «a Europa é mais que um mercado. É uma civilização e uma causa a defender». E falou de situações políticas diversas e dos valores por que se regem potências como a Rússia, a China, os Estados Unidos e do embate desses valores e interesses vêm os perigos que acentuou no começo da conferência. Frisou a evolução das relações germano-russas, enquanto adormece e se «normaliza» o problema checoslovaco. Cita depois Molotov: «Quem agarrar Berlim agarra a Alemanha. E quem agarrar a Alemanha agarrara a Europa». E perante estas facetas diversas, o deputado conservador britânico, com lugar no Parlamento desde 1952, disse ainda que «Portugal é um verdadeiro símbolo fiel da interdependência da Africa e da Europa». E depois: «Portugal, em Africa, e, mais ainda, com a comunidade luso-brasileira, tem uma posição-chave na defesa do hemisfério sul contra a expansão imperialista do comunismo que manipula as forças do terrorismo, e da já chamada afro-asiática e latino-americana solidariedade, suportada internacionalmente e até abençoada eclesiásticamente. A Europa tera por tudo isto de ser de novo traçada no mapa do Mundo». E ainda: «A Europa é mais do que os Seis e não é limitada pelo Canal da Mancha nem pelos Pirenéus, como não acaba no «muro» de Berlim. A Europa não é um contrato comercial. É antes um desafio e um chamamento».

A OCUPAÇÃO DE ROMA

O ano de 1970 trouxe várias comemorações centenárias desde aquele Concílio Vaticano I à guerra franco-prussiana, com a ocupação de Roma pelas tropas italianas e a reclusão do Papa no seu Palácio do Vaticano, iniciando-se a Questão Romana, que só findaria em 1929. Sobre a ocupação de Roma fez ontem uma conferência o prof. Salvatore Valitutti, no Instituto de Cultura Italiana.

A BAIXA DA BANHEIRA AGRADECE

Representantes da Baixa da Banheira e de outros centros da região de Setubal foram ontem ao gabinete do Presidente do Conselho. Foram agradecer as providências tomadas pelo Governo sobre a região saúdna e ofereceram-lhe um álbum com as fotografias da visita do prof. Marcello Caetano, há meses, aos concelhos de Alcochete e da Moita.

CAMIÃO QUE TOMBA

Foi junto de Monte de Burgos, no Porto, ao fim da tarde. Um camião-cisterna da Cidla com 12 toneladas ao contornar uma curva inclinou-se demais e tombou. Foram tomadas as medidas para se evitar o perigo e para o Hospital de S. João foi transportado o ajudante do motorista, sr. Manuel dos Anjos Ferreira, de 34 anos, morador em Rio Tinto, que sofreu grave traumatismo torácico.

UM MORTO E DOIS FERIDOS

Junto ás portas de Alconchel, em Évora, uma furgoneta conduzida pela freira suíça D. Paula Hausler, de 54 anos, professora no Colégio de Nossa Senhora do Carmo, despistou-se. Embateu com violência contra uma placa de sinalização. Morreu no desastre o carpinteiro sr. João Reis da Silva, de 85 anos, colhido no desastre bem como o sr. João Mendes, de 51 anos, que teve de ficar internado assim como a referida religiosa, no Hospital da Misericórdia de Évora.

BANQUETE CAMARÁRIO

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa, eng.º Santos e Castro, ofereceu ontem um banquete em honra da magistratura para assinalar a inauguração do Palácio da Justiça. Assistiram diversos ministros, funcionários camarários superiores e magistrados de diversos tribunais.

NO QUARTEL DOS BOMBEIROS

Componentes da Associação de Bombeiros da Califórnia, que se encontram de visita a Portugal, estiveram ontem no Quartel de Bombeiros da Av. D. Carlos, tendo sido recebidos pelo comandante da corporação e outros elementos. Nessa Associação encontram-se filiadas todas as corporações da Califórnia, num total de 120 000 homens. Foram visitadas as dependências do quartel e dadas explicações sobre a actuação dos bombeiros portugueses.

A REBELVA SOLICITA

Os da Rebelva, junto a Carcavelos, foram ontem ao gabinete do sr. ministro da Educação Nacional, pedindo a fundação de uma escola primária na localidade. Acompanharam a delegação o governador civil, dr. Afonso Marchueta, e o presidente da Camara Municipal de Cascais, sr. António Mariano de Carvalho.

O discurso do dr. Sargo Júnior nas comemorações do 5 de Outubro

No almoço de confraternização republicana realizado em Lisboa no dia 5, o dr. Sargo Junior proferiu um discurso, de que transcrevemos alguns passos no nosso número do dia seguinte:

Escreveu-nos agora aquele ilustre republicano, pedindo a rectificação de um lapso desse relato: o de ter-se-lhe atribuído a frase *«Desafio quem quer que seja a medir comigo noções de nacionalismo»*.

E esclarece:

«Ora, em legítima defesa daquilo que sou e sempre fui (um modesto social-democrata) cuso solicitar o favor de rectificar a expressão «nacionalismo», que só por lapso me pôde ser atribuída.

Como todos sabem, aquela expressão tem sido usada para definir determinado sector político, do qual sempre fui adversário. O que eu disse — e pode ser testemunhado pelos convivas ao referido almoço — é que desafiava, quem quer que fosse a medir noções de PATRIOTISMO, o que é bem diferente, dada a acentuada oposição entre o que perfilho e o idedrio das pessoas conhecidas entre nós, por nacionalistas».

«DIÁRIO DE LISBOA»

O sr. dr. Orlando Rodrigues, novo administrador-delegado da Philips em Portugal, teve a amabilidade de vir ao «Diário de Lisboa» apresentar cumprimentos ao nosso director. Na sua visita, o sr. dr. Orlando Rodrigues vinha acompanhado pelo sr. dr. Mário Gonçalves de Castro, secretário da administração daquela empresa.

Agradecemos a gentileza.

O «P. B. X.» LEVA TONICHA AO ROSSIO

«Tonicha ao vivo», com Tonicha e tudo, estará á meia-noite de sábado no Rossio para mais uma transmissão publica do programa «P. B. X.». Objectivo: o lançamento do novo disco desta intérprete.

Tonicha não virá só. Com ela o conjunto de guitarras de Raul Nery, o Coral Ribatejano de Santarém e um «poeta popular». Claro, também o habitual piquete da P. S. P., que certamente terá um trabalhão para impedir o publico (ávido) de impedir o bom andamento (vivo) do programa.

Companhias Reunidas Gás e Electricidade

AVISO AOS CONSUMIDORES

Só é possível uma boa continuidade de fornecimento de energia eléctrica, efectuando constantes trabalhos de reparação e ampliação das nossas redes.

Por isso, no próximo Domingo será interrompida a corrente, para trabalhos urgentes, nos Sectores e Zonas seguintes, durante as horas abaixo indicadas:

3.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Doca de Santo Amaro e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

3.º Sector — Rua Guilherme Anjos, Rua Costa Pimentel, Casal Ventoso de Cima e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

3.º Sector — Casal Ventoso de Baixo e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

10.º Sector — Rua dos Soeiros e Estrada da Luz entre o Bairro de S. João e Avenida Marechal Carmona e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

6.º Sector — Rua Ivens n.os ímpares entre a Rua do Capelo e Cd.ª Nova de S. Francisco. (Das 8 ás 12 horas).

1.ª Zona — **Concelho de Mafra:** Vila de Mafra (parte). (Das 7 ás 13 horas).

2.ª Zona — Azenhas dos Tanoeiros, Rodo, Encarnação, Picanceira, Sobral da Abelheira, Murgeira, Paz e Codeçal. (Das 7 ás 17 horas).

3.ª Zona — **Concelho de V. F. de Xira:** ALHANDRA (parte). (Das 8 ás 12 horas).

4.ª Zona — POVOS (parte), CASTANHEIRA DO RIBATEJO, VALA DO CARREGADO e linhas de A. T. entre Vila Franca e Vala do Carregado. (Das 7 ás 14 horas).

5.ª Zona — PÓVOA DE SANTA IRIA, VIALONGA, MORGADOS, ALPRIATE, GRANJA DE ALPRIATE, QUINTANILHO, SANTA CRUZ, MOGOS, SANTA EULALIA, VERDELHA DO RUIVO, BOCA DA LAPA e linhas de A. T. entre Póvoa e Verdelha. (Das 7 ás 14 horas).

6.ª Zona — **Concelho de Azambuja:** VILA NOVA DA RAINHA e linhas de A. T. entre Vala do Carregado e Espadanal. (Das 7 ás 9 horas).

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

NIGÉRIA — OS MILITARES NO PODER ATÉ 1976

LAGOS — Os militares nigerianos ficarão no Poder até 1976: tal é a principal decisão anunciada em Lagos pelo general Gowon, numa alocução televisiva que pronunciou por ocasião do X Aniversário da independência da ex-colónia britânica.

Falando durante três quartos de hora, num tom simultâneamente moderado e firme, o chefe do Estado federal anunciou um programa que compreende os seguintes nove pontos:

— reorganização das Forças Armadas;
— um plano de desenvolvimento por 4 anos;
— preparação de uma nova Constituição;
— exame ulterior das possibilidades de criação de novos Estados no seio da Federação,
— reforma fiscal;
— preparação de um recenseamento geral da população;
— luta contra a corrupção;
— organização de partidos políticos nacionais;
— preparação de eleições.

Quanto á reorganização das Forças Armadas, não se trata de uma desmobilização importante, embora as forças federais contem mais de 200 mil homens, o que coloca o Exército nigeriano á frente dos Exércitos a sul do Sara. A escolha permitirá evitar dificuldades de ordem social e deverá assegurar ao país a estabilidade política de que este bem precisa, ao fim de 30 meses de guerra civil.

O regresso a um regime normal está, aliás, directamente ligado a essa estabilidade e no estado actual não sofrerá alterações nestes próximos 4 anos.

O apelo á criação de partidos políticos autênticamente nacionais procede do desejo de unidade, que esteve na origem de luta contra o separatismo biafrense. O general Gowon convidou os seus concidadãos a ultrapassarem as querelas étnicas e religiosas, e, sem nunca citar nenhum dos Estados que compõem a Federação, insistiu, contudo, na prioridade que o seu Governo concederia á reconstrução das regiões afectadas pela guerra.

Por PHILIPPE DECRAENE

(Exclusivo «Le Monde»-«D. L.»)

da situação, os dirigentes militares preferem abster-se de fixar um calendário para as eleições.

Foi uma preocupação idêntica que ditou a conduta do general Gowon no tocante á criação eventual de novos Estados. O plano quadrienal de desenvolvimento, que prevê investimentos no valor de mil milhões e meio de libras (nigerianas) foi estabelecido em função dos 12 Estados existentes, e, em princípio, a divisão actual do país

LUTO NACIONAL POR NASSER

O importante discurso político de Gowon não marcou o fim das festividades comemorativas da independência; estas prosseguem, apesar de terem surgido dificuldades imprevistveis. Umas, devidas á morte subita do presidente Nasser. Outras devidas a condições atmosféricas excepcionalmente desfavoráveis.

O desejo dos chefes de Estado africanos irem assistir ao funeral de Nasser provocou várias ausências, como as dos presidentes Ould Daddah, da Mauritânia, e de Nemeiry, do Sudão. Mas a presença de Hailé Selassié (que se demorou 4 horas em Lagos antes de partir para o Cairo) provocou grande satisfação.

A Nigéria decretou três dias de luto nacional (5, 6 e 7 de Outubro) por morte de Nasser. Toda a Imprensa foi unânime nos elogios prestados ao falecido. No dia seguinte ao da morte do dirigente egípcio, o general Gowon pronunciou, na Televisão, o elogio fúnebre do «Rais», sublinhando o auxílio que este prestou á Nigéria, possibilitando a manutenção da unidade política do país durante a guerra civil. Ninguém parece esquecer-se aqui de que o presidente Nasser esteve na base das vendas de armas soviéticas a Lagos, vendas essas que contribuiram para a vitória do Exército federal sobre as tropas separatistas.

O APOLO DA BEIRA

Conto? Conto: era uma vez uma suíça em Santander, no tempo do cha-cha-cha «Nicolasa», e este pássaro rondava-a com inumeráveis voos de raspão, picados e outros. «Finale» trágico. Perdoa-se? A suíça desconhece tudo quanto á volta dela — e marcha pendurada num asturiano que ri, ri cheio de dentes!

Como história é pouco. A suíça chama-se Anne-Marie, tem uma «villa» parecida com as do cinema. Mostrou fotografias: «Tenez, c'est la pelouse, la piscine, mon père avec un chien». Gosta de ouvir falar castelhano, «ce qu'il peut être drôle!» Traduzo mentalmente: relvado, piscina, pai e cão, esquisito. Digo-lhe então qualquer coisa como «abelha branca zumbes, ébria...» (mas na língua original, porque é de um poema de Neruda). Ela descobre o mar, entra por uma onda, desaparece. Foi aqui que o asturiano surgiu á esquerda alta, vindo das barracas.

Há um ensinamento a tirar. Há vários. Aos 18 anos sabes pouco da vida, muito pouco do amor, raspas da Suíça. Precisavas de não imaginar que és (e não és, vê-se logo) um Apolo da Beira. Bom. O asturiano tramou tudo e ainda por cima deu-se ao luxo de convidar a ilustre companhia para vinho, tapas, «cigarrillos rubios»! (Convém que o odeies).

O asturiano é um chato, um bota-de-elástico. Não bastavam estas qualidades e puseram-lhe no baptismo o nome de Pastor. Por vingança contar-se-á depois que «não tinha cão e arranjou uma suíça», piada inoportuna e soez, recebida de amarelo. Ninguém ri. Quer dizer, ri o asturiano, que estava distraído e não sabe outro ofício senão rir, rir cheio de dentes.

É no tempo do «Nicolasa» e das canções á Antonio Machín, gargarteadas em rouco. O Apolo da Beira sente-se melancólico. Vai por vezes passear a pé, janta numa baiuca do porto, folheia o jornal. Pretende escrever uma carta a qualquer amigo. Chega a comprar o selo, que mete no porta-moedas, e dita: «Santander é triste, as pessoas têm pensamentos suburbanos».

Uma tarde mete-se no carro dos pais, que o vieram buscar, e grava na memória o itinerário do regresso. Torrelavega, Cabezón de la Sal, Gijón, Luarca. Gijón. Cabezón de la Sal, Ribadeo. Luarca, Torrelavega, jantar em Gijón, Pendueles, Avilés, Castropol. Viu um moinho, com moleiro e tudo!

MORALIDADE: dois anos depois Anne-Marie, soberba de ternura, comunica por carta que vai ter marido na pessoa do sr. Szabó, refugiado hungaro. Discreta, a resposta de Apolo: «Heureux mariage»

OUTRA MORALIDADE: o optimismo é muito melhor. Uma das maneiras está em raspar periódicamente estas películas mortas — zás, zás, zás.

FERNANDO ASSIS PACHECO

NOTA do dia

QUEM VEM A BARRA?

NÃO ESTÁ MUITO NOS HABITOS da gente portuguesa o registo dos factos e episódios, que observámos em condições particulares, o que nos foi dado ver e ouvir, o nosso testemunho da vida que fizemos e por onde passamos com discrição maior ou menor. É com essa massa que se faz o pão das nossas memórias, género literário entre nós pouco praticado mas que constitui grande manancial para a satisfação da legítima curiosidade dos historiadores. A observação acode quando se vê, na informação do mesmo dia, o lançamento de uma nova série de memórias do general de Gaulle e o salto do «jovem» octogenário Maurice Chevalier, de Paris a Nova York, para lançar ele próprio a tradução das suas.

A verdade é que as memórias são uma fonte preciosa de informação histórica. Quem quer que tenha transitado pela vida, participando nela em acções ou posições donde o horizonte possa abrir-se um pouco mais rasgadamente do que para o comum das gentes, se não foi personagem principal foi testemunha, muitas vezes em condições de legar o depoimento que mais ninguém poderá prestar. E, no entanto desiste-se, se é que de desistência se trata, quando não preferentemente de uma espécie de renúncia involuntária, paralisação de propósitos, certamente não pelo receio do julgamento da História, mas porventura por uma forma de inércia que não é outra coisa, afinal, se não precisamente a nossa falta de vocação.

Dos quarenta anos da vida portuguesa que se encerraram com a morte do dr. Salazar, quais são os depoimentos que ficam? Dele próprio, que se saiba, fica a colecção dos discursos. De memórias nunca se ouviu falar, nem mesmo aos que foram seus colaboradores ou, por qualquer circunstância dele puderam aproximar-se. Não há qualquer referência nem qualquer vestígio. Mas desses mesmos, que tiveram papéis a representar, grandes intérpretes ou pequenos comparsas, Talleyrands, Pompadours ou Fouchés do regime, não se vê nem se ouve sinal de qualquer propósito de se apresentarem perante o tribunal do tempo a proclamar o seu «juro dizer a verdade».

Salazar não era, como toda a gente sabe, muito dado a convívios. Mas tinha, certamente muito mais do que correntemente se supõe, quem tivesse chave para abrir a sua torre de marfim. Alguns entrevistadores que por ofício o abeiraram, depois de transpostas todas as alfândegas que se presumem, viram-no sentado no seu canto de leitura, ao jeito provinciano, grande manta cobrindo-lhe as pernas para se defender dos frios. A alguns visitantes a quem queria distinguir, oferecendo-lhe um sinal de confiança, fazia-lhes lugar a seu lado e era, segundo a narrativa oral de alguns desses privilegiados, um requinte da sua hospitalidade o fazer-lhes partilhar a comodidade fofa da boa manta de pôr sobre os joelhos.

Mas quem escreve? Dos homens que pelas suas funções mais se poderia ver neles o pendor da escrita (estamos a pensar nos que dirigiram os serviços dos Restauradores que hoje são os da Secretaria de Estado da Informação e Turismo), de todos, no tempo, o grande cronista teria sido o primeiro que por lá passou. Jornalista que foi de carreira, escritor, observador, comentador, António Ferro foi, nos anos trinta, certamente um dos colaboradores que mais de perto seguiram os passos e as intenções do então Chefe do Governo. Mas a verdade é que nem das memórias de António Ferro alguém ouviu falar. Não está nos nossos hábitos. Não há, pode dizer-se, livros de memórias. Dessa época, não tardará que não haja mais do que livros de mortalhas.

LÍNGUA ITALIANA

NOVOS CURSOS PARA PRINCIPIANTES A CARGO DE PROFESSORES ITALIANOS, COM INÍCIO EM 12 DE OUTUBRO, CURSO TRIENAL DE LÍNGUA, CURSO DE CONVERSAÇAO, DE DICÇÃO, DE TRADUTORES E DE CULTURA (LITERATURA, ARTE, MÚSICA), MANIFESTAÇÕES CINEMATOGRÁFICAS — EXPOSIÇÕES DE ARTE

INSTITUTO ITALIANO DE CULTURA
RUA DO SALITRE, 146—TEL. 684172

INSCRIÇÕES: DAS 10 ÀS 13 E DAS 16 ÀS 20 HORAS

Aos melhores alunos do Instituto serão concedidas bolsas de estudo para frequentar cursos de Verão em Itália.

A taxa de frequência são 350$00 para todo o ano.

Ficção científica

Na Galeria Quadrante, Isabel Meyrelles trata hoje o tema «A margem do Congresso de Ficção Científica de Heidelberg: Ficção Científica na Europa e Literatura Portuguesa de Ficção Científica». Seguir-se-á a discussão do tema.

MÓVEIS
Nórdicos e todos os estilos. Estofos — Colchões — Naples-cama
FACILIDADES DE PAGAMENTO E TROCA
MOFEL
MÓVEIS FERLIM, LDA.
Rua de S. Bento, 243
Telef. 67 62 69

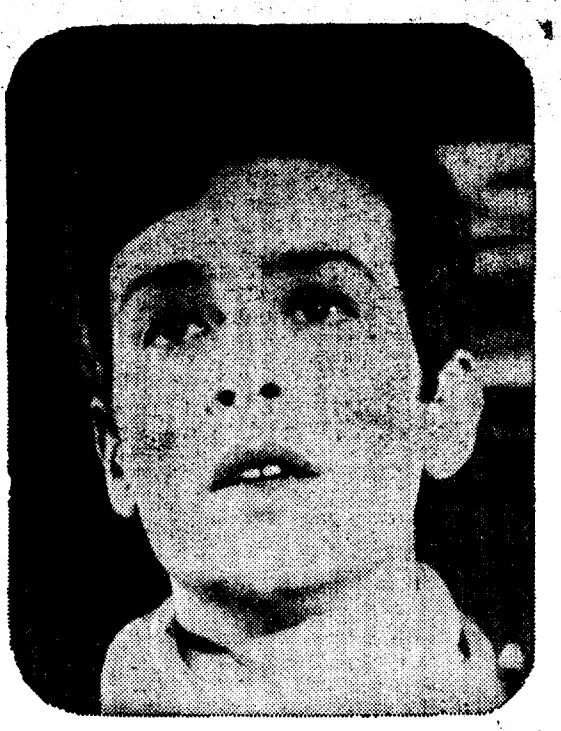
Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

ROMA
3.ª SEMANA
adultos

com
GEORGE SEGAL / ROBERT VAUGHN / BEN GAZZARA / BRADFORD DILLMAN
United Artists PANAVISION COR DeLuxe
A PONTE DE REMAGEN

TEATRO INFANTIL

A programação de teatro de iniciativa municipal compreende, na tarde de sábado, a representação, na Caixa Operária, da peça infantil em três actos «Era uma vez uma princesinha», original de Eduardo Damas, com música de Manuel Paião. Sob a direcção de Rosa Mateus, o desempenho está a cargo de Carmen Judite, Carlos Costa, Magda Viterbo, Jacob Picoto, Maria Gascon, Margarida Brito, Armando Matos, Isabel Romano, Nelson Camacho, Celso Sacavém, Jacob Pinto, Victor Manuel e Rodolfo Augusto.

NO PALCO E NA TELA DO
HOJE, ÀS 21.45
AVIS
O REGRESSO DO ÍDOLO DA CANÇÃO PORTUGUESA APÓS A SUA TRIUNFAL ACTUAÇÃO EM TERRAS DE ANGOLA E MOÇAMBIQUE
ANTÓNIO CALVÁRIO

O DIABO ERA OUTRO
O FILME QUE MARCOU O REAPARECIMENTO DA GRANDE VEDETA
MILÚ AO LADO DE NICOLAU BREYNER, JULIETA CASTELO, ALVES DA COSTA e FERNANDA BORSATTI
FADOS POR HERMÍNIA SILVA
NO PALCO
NO FINAL DE TODAS AS SESSÕES
ANTÓNIO CALVÁRIO
INTERPRETARÁ OS SEUS MAIORES ÊXITOS!
M/12 ANOS

O CRIADO
MAIORES 17 ANOS
a obra fundamental de JOSEPH LOSEY
3.ª SEMANA
EM PLENO ÊXITO
SÃO LUIZ ALVALADE
um excl. RIVUS

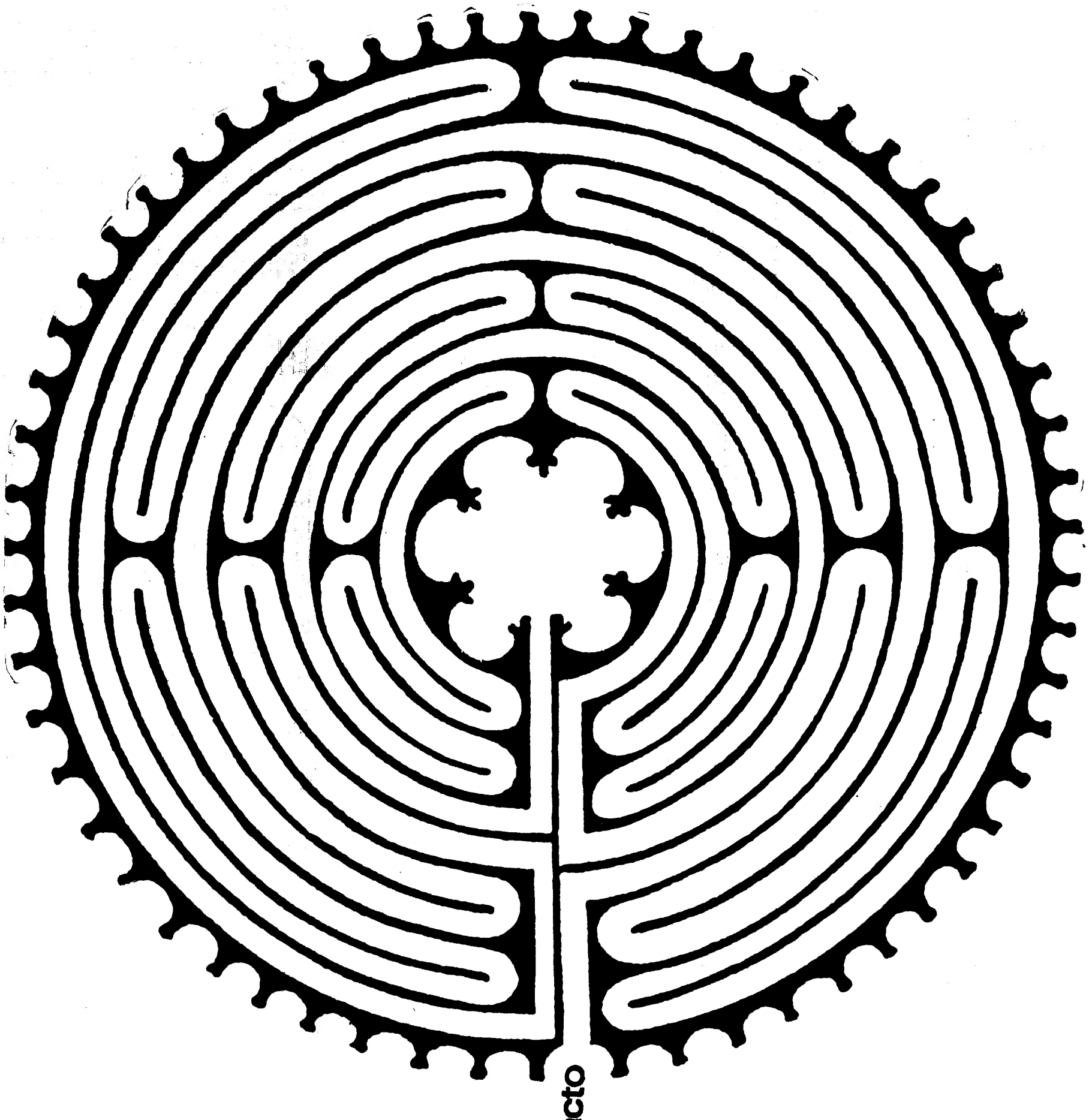
Teatro Maria Matos TELEF. 717017
TODAS AS NOITES ÀS 21.45 HORAS
Sábados e Domingos também às 16 horas
SÁBADO, ÀS 16 H. TARDE POPULAR
com o mesma tabela dos noites de quinta-feira
BALCÃO: 10$, 5$ e 30$00
PLATEIA: 30$00 e 50$00
Os jovens dos 17 aos 24 anos têm, nas tardes de sábado e nos 2 espectáculos de domingo, 50% de desconto nas normas habituais
4 ÚLTIMOS DIAS
e excepcionalmente 2.ª-feira, às 21.45 antes da partida para Madrid
A DIVERTIDÍSSIMA SÁTIRA
A RELÍQUIA de EÇA DE QUEIROZ
AR REFRIGERADO
(Maiores de 17 anos)

FERNANDA BORSATTI RAUL SOLNADO
UM ESPECTÁCULO DE VASCO MORGADO
ADULTOS
O VISON VOADOR
COM RAUL SOLNADO
MARIA PAULA • FERNANDA BORSATTI • YOLA
MARIA LAURENT • GEORGINA CORDEIRO • MARIA
ARTUR SEMEDO • VASCO DE LIMA COUTO
DAVID SILVA • ROLANDO ALVES
TEATRO CAPITÓLIO 327493
HOJE, às 21.45 h.
DOMINGO: às 16 h. e 21.45 h.
QUASE UM ANO
UMA COMÉDIA SEXACIONAL

COLISEU
HOJE, ás 21.30
(Maiores 12 anos)
GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO
As maiores atracções
Numeros de sensação
PALHAÇOS
AMANHÃ
À TARDE, às 16 h., entrada gratuita às crianças dos 6 aos 10 anos
À NOITE, às 21.30, podem assistir crianças, a partir dos 6 anos
Bilhetes à venda

MARIA DA FÉ
ESTREIA HOJE NO «LUSO»
com um grande elenco
21.30 — 24.00
espectáculo de folclore
das 0.30 às 3.30
o fado no seu ambiente
Trav. da Queimada, 10
Telefs. 362889 - 328503
COZINHA PORTUGUESA — INTERNACIONAL

Em ÁGUEDA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Agência Oliveira Salazar, 54.



O Turismo dá dividendos.
Invista nessa realidade palpável.
Conheça as opções
que a TORRALTA lhe proporciona
mesmo que disponha de pouco dinheiro.
Amplie o seu capital,
informe-se na TORRALTA.

TORRALTA

LISBOA — Av. Duque de Loulé, 66-A — Telefs. 51748 - 555681 — 54479 - 42139

OS IRMÃOS JACKSON SOBEM NOS «TOP TEN»

LONDRES, 9 (R.) — The Jackson Five, actualmente considerado o conjunto de maior êxito no panorama da musica «pop», continuou a subir vertiginosamente esta semana, passando do oitavo para o terceiro lugar o seu disco «I'll be there» nos «Top Ten» de Nova York.

Quando os cinco irmãos Jackson começaram a ser conhecidos no principio deste ano com a musica «I want you back», os seus admiradores ficaram surpreendidos ao saberem que o principal vocalista, Michael, tinha apenas dez anos de idade. Na realidade o mais velho dos irmãos, Sigmund, tem 18 anos.

Diana Ross, que conheceu o êxito em Nova York depois de separar-se do conjunto The Supremes, obteve esta semana cotação nos «Top Ten» de Londres com o disco «Ain't no mountain high enough», que poderá vir a ameaçar a posição de Freda Payne, actualmente no primeiro lugar.

O S. Jorge exibe depois de amanhã, ás 11 da manhã, mais um filme integrado nas suas Quinzenas de Cinema com Critério: «Grau de destruição — Fahrenheit 451», de François Truffaut, com Julie Christie e Oskar Werner. Oportunidade a não perder.

VIDA MUSICAL

Efrem Kurtz vem dirigir a Sinfónica da Emissora

No ano do bicentenário do nascimento de Beethoven, a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional inicia e termina a sua série de actuações com programas inteiramente dedicados ao grande musico. Ambos os concertos foram confiados a um dos regentes que maior rendimento técnico e expressivo têm obtido na nossa Orquestra — Efrem Kurtz regente de origem russa, fixado actualmente na Suíça, e cuja carreira internacional o conduziu desde há muito ás orquestras de maior reputação mudial.

Kurtz rege amanhã, no programa inaugural «Egmont», «4.º concerto» (sendo solista Nella Maissa), «5.ª Sinfonia».

Após o seu regresso da Russia, onde dirigirá a Filarmónica de Leninegrado e a Nacional de Moscovo, em nove programas dedicados, em parte, ao sinfonismo de Beethoven Efrem Kurtz volta a Lisboa para nos oferecer no dia exacto do nascimento do grande compositor alemão, 16 de Dezembro, com a colaboração do Coro de Pamplona e de quatro solistas, a sua versão da «Nona Sinfonia» conjuntamente com a audição da segunda.

A série de 15 concertos promovidos pela Emissora Nacional realiza-se, como habitualmente, aos sábados, ás 18 e 30, no Tivoli, sendo grande a expectativa criada pela presença de Efrem Kurtz em programas dedicados a Beethoven.

«AGUAVIVA» NA TELEVISÃO

Um agrupamento universitário espanhol distinguiu-se no VI Festival da Canção de Veneza e vem à nossa televisão por intermédio do programa «Curto-Circuito». Trata-se do conjunto «Aguaviva», que estará amanhã no Monumental e passará nos pequenos «écrans» dois dias depois.

HARKNESS BALLET

DE NOVA-YORK

HOJE, EM ESTREIA, ÀS 21,45 H

8 ÚNICOS DIAS

NO TEATRO MONUMENTAL

(MAIORES DE 12 ANOS) TELEF. 55 51 33

BILHETES À VENDA

SOLISTAS — CORPO DE BAILE — ORQUESTRA SINFÓNICA

PROGRAMA DIAS 9 E 10: CONCERTO DE BARTÖCK, SPARTACUS, DEVORADORES DA ESCURIDÃO E SUITE ESPANHOLA

ATENÇÃO: Em virtude do adiamento da estreia para hoje, são válidos os bilhetes com a data de 8/10/70

Amanhã, ás 21.45 h. e Domingo na «Matinée» ás 16 h.

MAIORES 6 ANOS

DOM PEPE

encerra

às 2.as-feiras

MARIA VITÓRIA

ADULTOS

• Amanhã Sensacional Estreia!

• ÀS 20,45 e ÀS 23 HORAS

JOSÉ VIANA

AIDA BAPTISTA

GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO APRESENTAM A NOVA REVISTA, ESCRITA POR ANÍBAL NAZARÉ E JOSÉ VIANA, COM MÚSICA DE JOÃO NOBRE E CARLOS DIAS

• PIMENTA NA LÍNGUA!

JOSÉ VIANA

BARROSO LOPES

DORA LEAL

Um colossal elenco:

• JOSÉ VIANA
• AIDA BAPTISTA
• BARROSO LOPES
• DORA LEAL

Pela 1.ª vez no Companhia

ANITA GUERREIRO

• NICOLAU BREYNER
• ANITA GUERREIRO

A ATRACÇÃO
• RONY VALY

A atracção RONY VALY

No «compère» OCTÁVIO DE MATOS

NO «COMPÈRE»:
• OCTÁVIO DE MATOS

NICOLAU BREYNER

À FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA E DE UM GRANDE

• BALLET INTERNACIONAL
• A 1.ª REVISTA DA TEMPORADA,

NO TEATRO DOS GRANDES ÊXITOS!

O CERCO

ADULTOS

GRANDE PRÉMIO DA SECRETARIA DE ESTADO DA INFORMAÇÃO E TURISMO

«O CERCO», DE ANTÓNIO DA CUNHA TELLES, NÃO SÓ MARCA UMA DATA NA HISTÓRIA DO CINEMA PORTUGUÊS, MAS REVELA UM TEMPERAMENTO CINEMATOGRÁFICO QUE JÁ ATINGIU O COMPLETO DOMÍNIO DA SUA EXPRESSÃO. LEMBRA-NOS O JOVEM BERNARD BERTOLUCCI, DE PRIMA DELLA RIVOLUZIONE, COM QUALQUER COISA MAIS: UMA REAL MATURIDADE INTELECTUAL E MORAL, UM EMPENHO EM PROFUNDIDADE FACE A UMA SOCIEDADE INTERESSEIRA.»

LOUIS MARCORELLES — «LE MONDE» — 22.5.70

PRÉMIO DE INTERPRETAÇÃO FEMININA

«A TALENTOSA MARIA CABRAL ESTÁ DESTINADA A SER UMA DAS PRÓXIMAS VEDETAS INTERNACIONAIS DE CARTAZ. UM MISTO DE AUDREY HEPBURN E SILVANA MANGANO, MARIA CABRAL INTERPRETA O PERSONAGEM DE MARTA...»

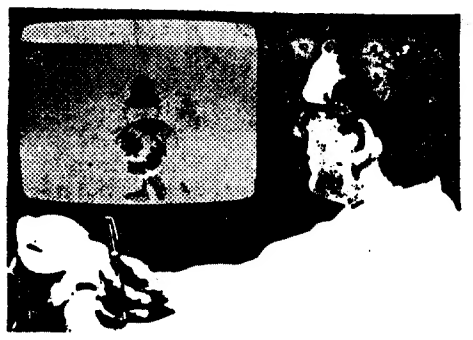
KATHY DUNN — «IBERIAN DAILY SUN» — 18.7.70

PRÉMIO DA MELHOR FOTOGRAFIA

...«O DRAMA ASSUME CONTORNOS AINDA MAIS NITIDOS PELA AMBIENTAÇÃO SUGERIDA E PELA MÓRBIDA E APURADISSIMA FOTOGRAFIA A PRETO E BRANCO DE ACÁCIO DE ALMEIDA.»

CALOGERO VILLAROEL — «GAZZETTA DEL SUD» — 2.8.70

O CERCO INAUGURA NA PRÓXIMA SEMANA A TEMPORADA DO ESTÚDIO DO CINEMA IMPÉRIO E SERÁ APRESENTADO BREVEMENTE NO CINEMA ESTÚDIO, DO PORTO

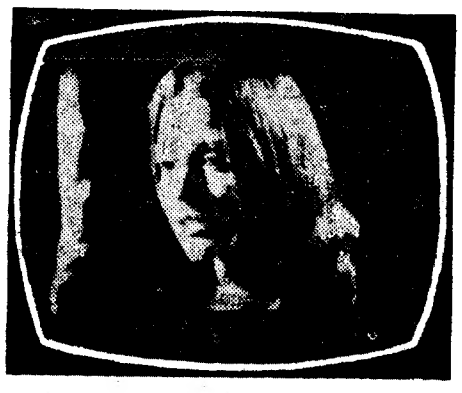


CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

DA GESTÃO À INDIGESTÃO

Pelos vistos há muita falta de assuntos sobre transito neste País intransitável. Ontem, Joaquim Filipe Nogueira preencheu a maiormissima parte do «Sangue na Estrada» com um filme sobre a poluição causada pelo tráfego automóvel. Realmente. E agora? Depois de se saber o que se sabe, que se vai fazer a fim de? Não se vai fazer nada. O automóvel, na sua estrutura actual, tem muita força. Donde se conclui que o verdadeiro problema não é o de poluição.



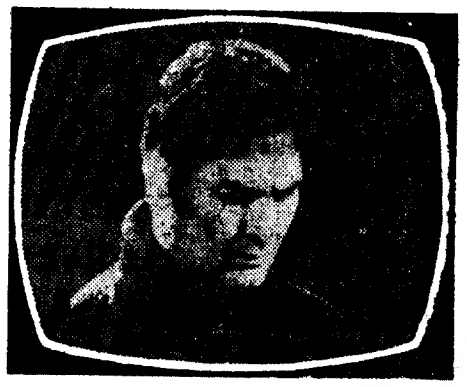
Manuela de Freitas — a triste sorte de Inês de Castro

A poluição é uma consequência e um sintoma do verdadeiro problema: o poder económico, o poder privado para quem só conta o próprio interesse e para o qual o interesse da comunidade tem um alto valor... de retórica. Bem. Depois da fita, Filipe Nogueira referiu-se aos sinais de proibição colocados ultimamente na auto-estrada, como sendo desnecessários exactamente por se tratar de uma auto-estrada. Tem razão. Como vão, porém, os estrangeiros saber que se trata de uma auto-estrada? Não pensarão muitos que se trata de uma linda zona arborizada e camcelada, com um caminhozito de cada banda?

Do sem sangue na estrada passei á *convergência*, mas confesso que pouco terei para dizer aos meus leitores, pois estava ansioso para chegar ao «casei com uma feiticeira». Me desculpem. Falou-se, falou-se muito cronológicamente, de Jorge Luís Borges, não sei quê a divida saldada... Logo depois, talvez a propósito de divida, desenvolveu-se uma chatérrima entrevista com dois senhores, um francês e outro holandês, a propósito da reunião em Lisboa da Associação Europeia dos Editores de Gestão. Nisto é *Convergência* mestra: vai muito além daquilo que os tais editores fazem. Enquanto eles editam a gestão, *convergência* edita a indigestão. Uma honra, porém, ninguém lhe roubará: a de ter oficialmente incluido entre os géneros literários a *gestão de empresas*. Os romancistas, poetas, dramaturgos portugueses podem escrever no género *gestão de empresas*, para o que se habilitam a um prémio de 10 mil dólares. Em frente, poetas do meu país! Exercitai-me esse verso heroico! Novas gestões vos esperam!

Na *Ti Rosa*, dos ventos, falou-se de Mauriac outra vez pequeninamente (será este o tal programa já prometido?) de Gilberto Amado, «grande amigo de Portugal» (tem graça, eu pensava que este título pertencia exclusivamente a Gilberto Freire!) de Mauro Mota, poeta brasileiro da medida da velha, de Erich Maria Remarque e ainda do falecidissimo John Dos Passos. Do John Dos Passos antigo socialista, antigo critico implacável da sociedade americana, recente adepto de Barrà Coldwater, recente partidário da guerra no Vietnam, disseram-se igualmente umas banalidades fugidamente biográficas.

Como não houve a crónica de Fernanda Botelho, chegámos depressa á fita da feiticeira. Daí ao *telejornal* foi um pulinho. Foi um pulinho do *Telejornal* á *Noite de Teatro*. E como a critica á noite de teatro está feita, pois se trata de uma reposição a noite acaba numa longa meditação sobre a triste sorte de Inês de Castro. Coitadinha. Enfim. A História também tem direito ás suas fotonovelas.



Rogério Paulo — outra vez na TV

Rádio

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: O Grupo Coral «Os Vindimadores da Vidigueira; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Roteiro Musical Português; 18 e 05: No mundo da canção; 18 e 20: Uma gota de Sangue e Renasce uma Vida, programa do Instituto Nacional de Sangue; 18 e 30: No mundo da canção; 19 e 45: Rádio Rural — Musica, só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Melodias por Orquestras; 20 e 40: 5.º Episódio do Folhetim «A Cidade e os Serros»; 21 e 05: Canconetas portuguesas; 21 e 30: Novidades em Discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 22 e 05: O Homem e a Sociedade, pelo prof dr. Ferreira de Almeida; 22 e 30: Fados, por Florinda Maria e Alcindo de Carvalho; 22 e 50: Musica, só musica; 23 e 05: Programa da noite, 24: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16: Folclore do Mundo — Canções tradicionais e folclóricas da Jamaica; Musica do Japão; 16 e 25: Curiosidades musicais; 7 e 10: Musica de câmara; 18: Musica portuguesa, 19: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 19 e 36: Solo de órgão; 19 e 45: O violinista David Oistrakh — 5 Melodias op. 35 bis (Prokofieff), ao piano, Frida Bauder 20: Diário sonoro; 20 e 20: Musica de piano; 20 e 30: Musica de câmara; 21: Musica sinfónica; 22: Canções (Richard Strauss), pelo barítono, Dietrich Fischer-Dieskau, e o pianista Gerald Moore; 22 e 25: Musica de câmara; 22 e 58: Fecho

Programa MF 2—94,3 mc/s. — Às 23: A ópera em três actos «Oberon» (Weber); 0 e 40: Sonata n.º 27 em mi menor op. 90 (Beethoven), ao piano, Wilhelm Kempff; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s. — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 12: Jazz; 19 e 30: Aqui, Portugal; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: Dois ritmos; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: 45 Rotações; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Canções de Portugal; 21 e 03: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Musica para meditar; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa á Gã-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda Sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

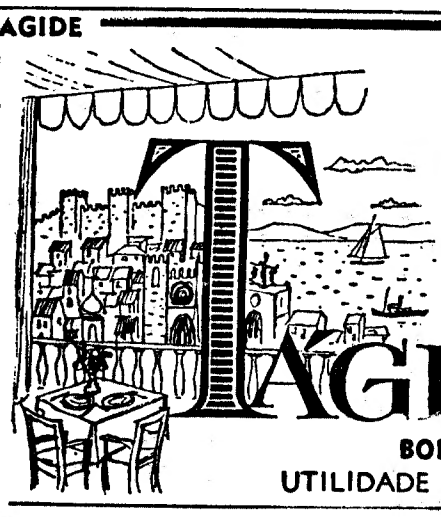
Emissor de Miramar — 283,6 m — 782 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: Só-Rádio; 21 e 40: Orquestras; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 02: Primeiro plano; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Carrossel-3; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,7 m — 1285 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Mobranato; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Transmissão do extracção da lotaria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa; 19 e 15: Musica seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 50: Semana Nacional do Ensino Religioso; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora e Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA—Onda média—188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8, das 10 ás 12 e dos 19 e 30 ás 22; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e das 22 ás 2; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30: **Rádio Graça** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17.

TAGIDE

BOITE



Serviço de Restaurante

★

Aberto até às 5 horas

TAGIDE

BOITE

UTILIDADE TURISTICA

LG. BIBLIOTECA PÚBLICA, 18-20

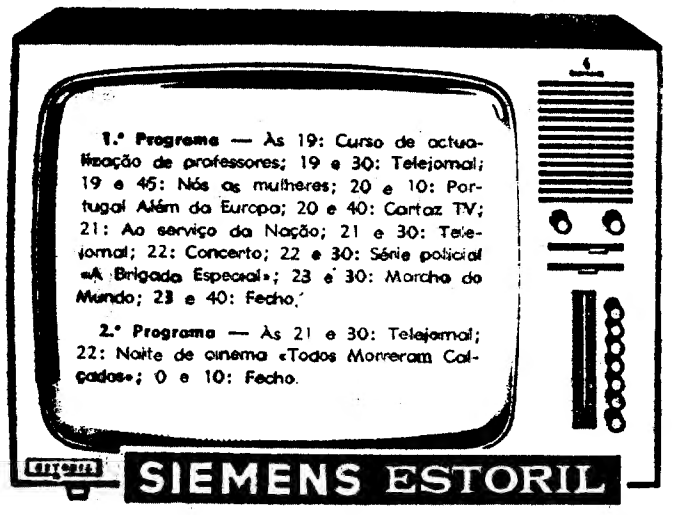
TELS. Boite 3 5328

Restaurante

Cabine 36 21 23

TV dia a dia

HOJE PODE VER...



AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — *1.º período* — Às 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: O caso da semana; 13 e 15: Filme de série «Os Meus Sobrinhos», com Brian Keith e Sebastian Cabot; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Directamente de... «Tatoo Militar de Edimburgo, e 16: Fecho.

2.º período — Às 17: Abertura e reportagem directa do exterior: 19: Teledesporto; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45:... E a vida continua..., pelo rev. Teodoro Marques da Silva; 20: Folclore de Lousa; 20 e 30: TV 7; 20 e 55: Série juvenil «Skypp»; 21 e 30: Telejornal; 22: Folhetim «Os Cavaleiros do Céu»; 22 e 30: Variedades, com a participação de Odete e Fabio, Diamantino, Lulu, Nicolau Breyner, Lenita Gentil e Raul Solnado; 23 e 40: Marcha do Mundo, e 23 e 50: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Estúdio C, com a participação de Evinha; 22 e 15: Série de aventuras «O Santo», com Roger Moore no principal papel; 23 e 15: Concerto de música portuguesa do século XVI, para Clavicórdio, Vihuela e Canto, com a colaboração de Santiago Kastrier (apresentador e clavicórdio); Francisco Ávila (Vihuela) e Silva Saque (soprano), e 23 e 30: Fecho.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, na gare do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

ANDAR

CAMPO PEQUENO

Em prédio de construção e acabamentos de luxo, composto 7 div. soalhadas, cozinha, copa, 3 casas de banho, marquise, despensa, roupeiros e hall. Arrecadação na cave.

Preço — 1.900 contos.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2.º — Telefones 339384/5/6 - 328232/3 - 361756

CONTRATO DE TRABALHO DOS JORNALISTAS

A assembleia geral do Sindicato Nacional dos Jornalistas foi convocada para se reunir esta tarde, em sessão extraordinária, sob a presidência do jornalista Sereno Cabral, a fim de tomar conhecimento do estado actual das negociações para a revisão do Contrato Colectivo de Trabalho com o Grémio Nacional da Imprensa Diária.

No decurso dos trabalhos, o presidente da direcção do Sindicato, nosso camarada Silva Costa, fez uma exposição sobre o resultado da tentativa de conciliação efectuada no âmbito da Corporação de Imprensa e Artes Gráficas e anunciou que o organismo representativo dos jornalistas tomou a iniciativa da constituição do tribunal arbitral previsto no decreto-lei n.º 49 212 e nomeou para seu árbitro o dr. José Manuel Galvão Teles.

Sobre os pontos controvertidos falaram também os directores do Sindicato, António dos Santos, presidente da comissão que se tem ocupado do contrato de trabalho, e Luís Rosa Duarte, que deu conta das propostas formuladas pelos jornalistas do Porto, em reunião magna efectuada na ultima terça feira

Emissões pecuniárias especiais

«O modelo é do escultor Alvaro Lucas artista a quem a Casa da Moeda normalmente recorre quando as emissões pecuniárias especiais» — escrevemos (em 23 de Setembro ultimo) a propósito da emissão de uma moeda de prata de 50$00 comemorativa do V Centenário de Vasco da Gama.

O nosso leitor A. Fernandes Amorim afirma que tal não corresponde á verdade, porquanto todas as moedas postas em circulação em emissões pecuniárias especiais, pelo menos nos ultimos 20 anos, tiveram os seguintes autores: 1953 — *Renovação Financeira:* escultor João da Silva; 1960 — *Centenário da morte do Infante D. Henrique:* escultor Marcelino Norte d'Almeida; 1966 — *Ponte sobre o Tejo:* desenho de Martins Barata e escultor Marcelino Norte d'Almeida; 1968 — *Centenário de Pedro Alvares Cabral:* escultor Marcelino Norte d'Almeida».

Aqui fica a rectificação.

Instituto Português de Conservas de Peixe

O sr. dr. Sebastião Pedro de Lemos Manuel Atalaia foi nomeado para desempenhar as funções de director-adjunto do Instituto Português de Conservas de Peixe, considerando-se rescindido, a partir da data da posse daquele cargo o contrato celebrado para exercer as funções de vice-presidente da Junta Nacional das Frutas.

CÂMARA CORPORATIVA

Presidida pelo sr. dr. Luís Supico Pinto reuniu-se ontem a secção permanente da Camara Corporativa com procuradores agregados.

Na ordem do dia esteve a apreciação do parecer sobre o projecto de decreto-lei que aprova para ratificação o Acordo Cultural entre Portugal e a Espanha.

É relator do parecer o procurador dr. Henrique Martins de Carvalho.

Autoparques subterrâneos e repastos de funcionários

Os concursos para construção e exploração de cinco autoparques subterraneos realizaram-se ontem, no edificio da Direcção-Geral dos Serviços Técnicos Especiais da Camara Municipal de Lisboa, a Alcantara. O primeiro abriu ás 10 horas, o segundo ás 11, o terceiro ás 14 e 30, o penultimo ás 15 e 30 e o ultimo ás 16 e 30. Como as dificuldades de estacionamento em Lisboa prejudicam em geral todo o tráfego de veículos e quantos dele dependem (transportadores de mercadorias e passageiros, individuais e colectivos), revestia-se da maior importancia tudo quanto pudesse informar-se sobre os aludidos parques. E tanto assim que, há meses, dedicámos uma reportagem a cada um desses projectados parques subterraneos para veiculos automóveis. Tinhamos, por isso, o maior interesse em informar os leitores sobre os resultados dos concursos. Nesse sentido, fizemos, ao longo do dia, seis telefonemas. Num deles, próximo do meio-dia, colhemos a resposta segundo a qual — «por enquanto, ainda não é possivel informar nada sobre os dois primeiros concursos e com certeza antes do almoço já não poderemos dizer nada, pelo que deve telefonar depois das 14 horas». Aproveitámos a sugestão, aliás amávelmente feita, e telefonámos depois do repasto dos técnicos camarários. Que «ainda não havia nada». Voltámos a telefonar, ainda mais uma, duas, três vezes. Desta ultima, cerca das 17 horas, recebemos a resposta seguinte: «Não podemos dar informações porque a apreciação está demorada, tão demorada até que os técnicos deverão ir jantar primeiro e só depois podem pronunciar-se sobre os concursos». Entretanto, a informação de base prestada aos nossos colegas referia, essencialmente: não foi apresentada qualquer proposta para os parques do Jardim de António Nobre (S. Pedro de Alcantara, 250 lugares) e do Campo Pequeno (710); foi admitida, mas não apreciada por falta de documentação, uma proposta do parque da Avenida Cinco de Outubro (280); admitiu-se uma proposta da empresa Silo-Auto, para o da Alameda D. Afonso Henriques (910); foram admitidas quatro propostas para o parque da Praça dos Restauradores (470), a saber: E. M. P. E. C. (Empresa de Estudos e Construções, Lda.); Silo-Auto (Companhia de Parques de Estacionamento, S. A. R. L.); Riguadiana (Sociedade de Exploração de Edificios do Guadiana, S. A. R. L.) e B. P. (com uma sociedade a constituir com a Botiponte, Parkings e Banco Fonsecas e Burnay). Mais soubemos, hoje, que a reunião do juri fora secreta. Por tudo isto se conclui, ao que parece, nada ter tido o repasto dos funcionários com o facto de não termos sido informados daquilo que era possivel e deveria ter sido informado, embora nos tivessem dito o contrário. É de lamentar, tanto mais que a noticia interessava não só aos munícipes, mas até áqueles que, não o sendo, todos os dias, aos milhares, chegam e partem de Lisboa.

Regressou de Angola o ministro do Ultramar

De regresso de Angola, onde permaneceu alguns dias em visita de trabalho, chegou hoje a Lisboa o ministro do Ultramar.

O prof. Silva Cunha era aguardado pelos subsecretários de Estado do Fomento Ultramarino e da Administração Ultramarina, pelos governadores da Guiné e civil de Lisboa e por representantes do ministro da Saude e Assistência e do secretário de Estado da Informação, entre outras individualidades.

CORPORAÇÃO DO COMÉRCIO

Regressou a Lisboa a delegação da Corporação do Comércio que participou, em Alicante, no XXIII Congresso Anual do C. I. E. C.

Nesta importante reunião tomaram parte representações da Alemanha, Áustria, Bélgica, Espanha, Filândia, França, Itália, Noruega, Portugal, Suécia e Suíça.

No decorrer dos trabalhos foram dados a conhecer e debatidos vários problemas de natureza socioeconómica com particular interesse para o comércio dos diversos países da Europa Ocidental.

UM TEATRO NO RÉS-DO-CHÃO (e o resto para hotel) EM VEZ DO VELHO AVENIDA

O camartelo vai deitando abaixo conforme há dias noticiámos, o que resta do velho Teatro Avenida, destruído pelo fogo já lá vão três anos.

Na demolição andam empenhados 12 homens. Um deles, o encarregado, sr. Nunes Beltrão, instalou ali casa provisória para si, a mulher e dois filhos.

Entretanto, e de acordo também com o que, após o incêndio, se anunciou, sabe-se que no local do velho teatro, e do prédio que lhe fica ao lado (igualmente destinado a demolição), será erguido um grande imóvel destinado a hotel, com o rés-do-chão reservado a teatro. No entanto, inicialmente fala-se também de um cinema.

Foram compradores os srs. Fernando Santos e José Salvador e o custo global da obra estava orçado em 20 mil contos.

Por outro lado, surge o alvitre da construção, ao lado da do teatro previsto, de uma pequena sala para espectáculos infantis. O que não deixaria de ser excelente sementeira.

Em três linhas

O «Diário do Governo» publica a ratificação do acordo de cooperação económica e comércio entre Portugal e a Espanha, assinado em Madrid em 22 de Maio de 1970.

///

Foi rescindido, a partir de 1 de Outubro do corrente ano, o contracto de concessão celebrado entre o Governo Português e a Italcable Servizi Cablografici, relativo à exploração dos cabos telegráficos submarinos que ligam Santo Amaro de Oeiras a La Panne e a Málaga e esta última cidade à Horta.

///

O capitão de mar-e-guerra da administração naval Artur Branco da Cunha foi nomeado para director do Centro de Catalogação das Forças Armadas do Secretariado Geral da Defesa Nacional.

///

Foi desligado do serviço, por ter atingido o limite de idade, o juiz conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça dr. Armando Torres Paulo.

///

A pensão anual de aposentação do conselheiro dr. Arlindo Teixeira Martins, presidente da relação do Porto, aposentado por limite de idade em 19 de Agosto, é de 180 108 escudos.

Foi nomeado inspector superior de educação do Ministério do Ultramar, no lugar do dr. Manuel Ferreira Rosa, que atingiu o limite de idade, o dr. José Pinheiro da Silva.

///

O dr. Júlio Barreiros Martins foi nomeado professor catedrático da Universidade de Lourenço Marques.

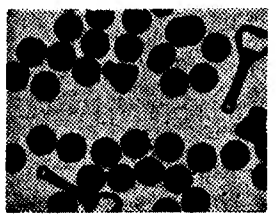
///

Foi aberto concurso público para a venda dos navios «Almirante Schultz» e D. Fernando» (ex-Diogo Gomes»). A base de licitação do primeiro é de 280 contos; do segundo de 900 contos.

21.ª COLECÇÃO

LISBOA DIA E NOITE

Boletim do dia 9 de Outubro de 1970



BOM APETITE

TONY DOS BIFES
Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 536080
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
ARROZ DE FRANGO À VALENCIANA
Diàriamente servimos
Serrabulho
Prémio do S. N. I.
Aberto aos Domingos

JANTE NA TARANTELA
EM AMBIENTE FAMILIAR
Largo D. Estefânia, 22
SALA NO 1.º ANDAR PARA LANCHES DE CASAMENTOS

O mais típico restaurante do Algarve é
A Toca do Caracol
em ALCANTARILHA
(a 2 km de Armação de Pêra)
— Cozinha regional —

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211 (M/ 5 anos)
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
PREMIADO PELO SNI

OH LACERDA!
UM CONVITE PERMANENTE
R. Dr Silva Teles, 18-A

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

JORGE COSTA PINTO

O BRASIL DE NOVO

Jorge Costa Pinto volta ao Brasil na próxima semana: dirigirá a grande orquestra «Rede Globo de Televisão» no imponente «Maracanãzinho» no V Festival Internacional da Canção, onde Portugal estará representado pela sua mais recente melodia «Canção de paz para todos nós», com poema de Francisco Nicholson. A intérprete, como se sabe é Paula Ribas.

Vocação que muito cedo se firmou, Jorge Costa Pinto apresentou-se a tocar em público quando contava apenas cinco anos. Filho e neto de músicos, estudou piano e composição com Fernando Lopes Graça. Excelente intérprete de «jazz», prestou expressivo contributo à sua divulgação em Portugal. Marcaram uma época os programas regulares que apresentou na RTP. Compositor com obras editadas nos quatro continentes, cedo a direcção de orquestra o atraiu como forma de completa realização da sua personalidade. Estudou composição e regência nos Estados Unidos, tendo já actuado como director de orquestra em Espanha, Luxemburgo (onde, em 1966 dirigiu a orquestra do Festival da Eurovisão), Itália, Brasil, Mónaco e Grécia (onde dirigiu a orquestra que executou melodias suas nas Olimpíadas da Canção de 1968 e 1970). Jorge Costa Pinto e Paula Ribas partem para o Brasil no próximo dia 16.

MAX

NA «TÁGIDE»

Max, o popularíssimo artista madeirense, vai inaugurar a época de inverno na «Tágide» apresentando ali algumas das suas interpretações de maior êxito a partir do próximo dia 13. A «boite», com direcção artística de Isaac Teixeira, apresentará ali as melhores atracções nacionais e os conjuntos Zé Pedro e «Feeling».

PROGRAMA MISTÉRIO

SÓ MÚSICA PORTUGUESA

Durante algumas semanas, o programa não teve título. Os produtores decidiram que seria o publico a escolher e, por votação que movimentou muitos milhares de postais, ficou a designar-se «Programa Mistério», apresentado semanalmente (quintas-feiras, das 23 á 1 da madrugada), em Onda Média e FM, nos Emissores Associados de Lisboa, período do Clube Radiofonico de Portugal, com apresentação de Leite Pereira.

O programa transmite exclusivamente musica portuguesa e conta com o patrocinio das etiquetas «Estudio» e «Trevo». É uma produção do empresário Emilio Mateus e de Carlos Amorim.

* aceite o nosso CONVITE *

Amplia-se, dia a dia, entre os leitores do «Diário de Lisboa» o interesse por «Aceite o nosso convite», iniciativa que proporciona — sem o menor dispêndio — ensejo de ouvir cantar o fado, dançar ou presenciar belos «shows» nos melhores restaurantes típicos e «boites» de Lisboa, Sintra e Costa do Sol.

Algumas horas no ambiente acolhedor de restaurantes típicos e «boites» horas muito agradáveis são oferecidas a várias dezenas de concorrentes.

Com efeito, semanalmente, realizamos um sorteio entre todos os concorrentes (e são milhares de participantes) onde se designam os premiados. Estes, com um acompanhante (parente ou amigo) terão ao seu dispor uma noite verdadeiramente inesquecível em qualquer dos seguintes estabelecimentos: Addagio, Adega Machado, Arabita de Alfama, Archote Club, Baiúca, Bonapart Bar, Casino Estoril, Folclore, Forte Velho, Galeria Real, Hipopótamo, Kaverna, Lar Português, Maxime, Marcia Condessa, Mil e Um, O Forcado, Parreirinha de Alfama, Pop-Fado, Solar da Madragoa, Snob, Tágide, Taverna do Embuçado, Timpanas, Terraço das Estrelas, Fragata Real, Severa, Guitarra da Madragoa, Solar do Minho, Sanzala, Luso e Guitarra de Alfama.

VALÉRIO SILVA

CANÇÕES PARA O PÚBLICO JOVEM

Valério Silva acaba de ingressar no elenco da etiqueta RCA, de quem será apresentado um novo disco com direcção musical de José Cid. O «EP» inclui os trechos «A Cidade e a montanha», «No More», «Balada para minha mãe» e «Uma simples canção de Amor». Trata-se de um disco diferente no qual se depositam grandes esperanças de bom acolhimento, especialmente por parte do publico jovem a quem o disco é dedicado.

O FADO E O FOLCLORE, EM LISBOA — RESTAURANTES TÍPICOS

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam: Argentina Santos, Julio Peres, Lina Maria Alves, Natalino Duarte, Flora Pereira e Susana da Conceição. Tocam: António Proença e Miguel Ramos * **Cons. mín. 50$00 * Beco do Espírito Santo, 1 * Telef. 868200.**

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Mello-Correa. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal * **Encerra aos domingos * Consumo mín. 90$00 * Beco dos Cortumes, 19 * Telef. 860816.**

MÁRCIA CONDESSA

cantam: Teresa Nunes, Norberto Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Candida da Conceição, Julieta Maria, Alzira Moreno e Aurora Sobral. Tocam: Alberto Vilar e António Pessoa * **P. da Alegria, 58 * Telef. 367093 * Encerra á segunda-feira.**

GUITARRA DA MADRAGOA

cantam: Maria Emília, Ana Madalena e José Teixeira. Tocam: António Parreira e **José Inácio * Rua da Esperança, 174 * Telef. 661915 * Cons. mín. 50$00.**

SOLAR DO MINHO

cantam Eduarda Maria, Natália dos Anjos, Adriana Franco, Nuno de Aguiar e Artur dos Santos. Tocam Hermenegildo Lopes e José Meneses * **Rua do Vigário, 60 * Teef. 866811.**

FOLCLORE

elenco: Arminda Vidal, Fernanda Guerra, Julieta Brigue, Lídia Ribeiro, Marina Rosa, Américo Lima, António Chainho, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega, Avelino Rodrigues, Fernando Matos e Corpo de baile constituído por 19 elementos e dirigido pelo Coreógrafo António Gonçalves * **Cons. mín. 120$00 * Taxas incluídas * Rua Nova da Trindade, 22-A * Telef. 35007-323406 * Encerra ao domingo.**

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, Alcindo de Carvalho, Emília Reis, Luís Braga e Benvinda Cruz. Tocam: Armando Ferreira e Torquato Lopes. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros * **Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) * Rua Gilberto Rola, 24 * Telefones 676655-67341.**

A SEVERA

cantam. Florinda Maria, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarelas de Portugal» * **Rua das Gáveas, 57 * Telef. 34006 * Encerra á quinta-feira.**

MIL E UM

cantam: Moisés Campelos, Maria Eva, Beatriz Fragoso, Adriana Franco, José de Barros, Maria de Fátima, Henrique Manuel, Laurinda Gonçalves. Tocam: Hermenegildo Lopes e Joaquim Pinto * **Cons. mín.40$00 * Travessa da Espera, 8 * Telefone 35464 * Encerra ás 5 da madrugada.**

LUSO

Elenco: Maria da Fé, Tristão da Silva, Fernanda Pinto, Glória Maria, Augusta Ermida, Victor Duarte, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra), Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha * **Trav. da Queimada, 10-16 * Tels. 362889-328503.**

FRAGATA REAL

cantam: Celeste Rodrigues, Maria José Ramos, Fernando Maurício e Francisco Martinho Tocam: João Alberto e Manuel Martins * **Cons. mín. 50$00 * Travessa de S. Miguel, 22 * Alfama * Telefone 868552.**

VIELA

cantam: Ségio, Berto Cardoso, Beatriz da Conceição, Beatriz Ferreira e Conceição Tavares * **Cons. mín. 50$00 * R. das Taipas, 14 * Telef 327256.**

A KAVERNA

cantam: Celeste Maria, Tina Santos, Leonor Santos, Renato Mota. Tocam: Armandinho Maia e José Maria Carvalho * **Cons. mín. 90$00 * Travessa dos Fiéis de Deus, 37 * Telef. 35593.**

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Nuno de Aguiar, Armando Miranda, Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português» Tocam: António Bessa e Fernando Reis * **Cons. mín. 50$00 * Rua da Barroca, 133 * Telefs. 36960 e 30532 * Encerra ás terças-feiras.**

SOLAR DA MADRAGOA

cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Judite Teixeira. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias * **Cons. mín. 80$00 * Rua das Trinas, 67 * Telef. 669857 * Encerra ao domingo.**

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, José Vilela, Tina Ferreira. Fados de Coimbra por João Queiroz, Trio Arautos. Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Américo Silva * **Conc. mín. 70$00 * Rua do Norte, 91 * Telefs. 30095-328713 * Encerra á segunda-feira.**

O ARABITA DE ALFAMA

cantam: Alice do Carmo, Rossana Lima, João Cabra. Tocam: Edgard Nogueira (guitarra) e Armindo Gonçalves (viola) * **Encerra aos domingos * Rua da Adiça, 9 * Telef. 86345.**

O FORCADO

cantam: António Rocha, Mariana Silva, Cecília de Jesus, Miguel Silva e João Sobreira. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva * **Cons. mín. 40$00 * Rua da Rosa, 219 * Telef. 368579.**

GUITARRA DE ALFAMA

cantam: Vitorino dos Santos, Tucha Mascarenhas e José Manuel Osório. Tocam: António Bessa e Fernando Reis * **Encerra ao domingo * Cons. mín. 35$00. Largo do Peneireiro, 7 (Alfama) * Telf.** 868505.

BALEEIRA

cantam: Filipe Duarte, Julieta Reis e Adriana Franco. Tocam: Acácio Rocha e Armando Silva * **Encerra ás segundas-feiras * Cons. mín. 40$00 * Av. Marginal, 21-22 (DAFUNDO) * Telef.** 213259.

RESTAURANTES, BARES, «BOÎTES» E «DANCINGS»

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A Telef. 48384 — Mário Simões e o seu conjunto. Encerrado aos domingos.

NOCTURNO

Travessa Fiéis de Deus, 28 * Telef. 370889 * Poesia com Correia da Silva * Encerra ás 3 e 30.

POP-FADO

R. Ferreira Lapa, 38-D * T. 561949

MAXIME

Conjunto 6 * Reacção e Maximiliano * «Show» turístico * Variedades Internacionais * **Praça da Alegria, 58 * Telef. 55366.**

ARCHOTE-CLUB

Discos * Rua D. Filipe de Vilhena

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas * Avenida Duque de Loulé, 73 * Telef. 530171.

SANZALA

Av. Marechal Carmona, 2 * Campo Grande * Telef. 790172 * Encerra ás 3,30.

BAIUCA

R. da Barroca, 86 * Telef. 34700

LORD

Rua Victor Cordon, 14-A * Telef. * 323098.

GALERIA REAL

Estrada de São Pedro * SINTRA * Telef. 981661. Encerra á meia-noite.

BONAPART CLUBE

Últimas novidades em discos, recebidos directamente dos E. U. A. * R. de S. Miguel, 70 (Alfama) * Tel. 872761 6-D.

FLOR DE LIS

Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto) * Telef. 367136 * Encerra ás 3 horas.

TAGIDE

Variedades Internacionais * **Largo da Biblioteca, 18-22 * Aberto ao domingo.**

SNOB

Rua de «O Século», 178 * Telef. 33723.

TAMILA

Morgo e s/ Conjunto, **Avenida Duque de Loulé, 69—Telf. 534117 * Matinées todos os dias * Encerra aos domingos.**

ADAGGIO

Apresentação de Teresa Paula Brito e Carlos Portugal no seu novo reportório * Discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil * **Rua Carlos Reis 51-A * Telef. 775695.**

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado * Variedades Internacionais * **Telefs. 264521 - 264526 - 264596 - 264621 - 264946**

FORTE VELHO

Paço * S. João do Estoril *, Telef. 261337.

A CAÇA ESTÁ A DESAPARE

• UM LEITOR: É PRECISO FISCALIZAR A ACTIVIDADE VENATÓRIA

• NABAIS DA CUNHA: FISCALIZAR NÃO BASTA, É PRECISO LIMITAR A CAÇA

Caçadores profissionais, cães abandonados ou à solta, armadilhas — tudo isto reclama aturada fiscalização, segundo o nosso leitor sr. Fernando José da Silva, para que em Portugal a caça seja o que deveria ser.

Não, o problema não reside só aí — responde o nosso prezado colaborador Nabais da Cunha. Há que ir mais fundo e limitar o próprio exercício da caça, contribuindo assim para a protecção de determinadas espécies cinegéticas. Caçar só dois dias em cada semana (e nos feriados), por exemplo. Reduzir o número de perdizes a abater por caçador. Proibir a caça à lebre nas duas próximas épocas venatórias.

Esta franca troca de ideias não deixará de interessar as muitas «espingardas» do País.

Eis, primeiro, a carta do sr. Fernando José da Silva, datada de 31-8-70 e remetida de Penela:

«Permita-se-me que, com estas minhas letras, ocupe parte do V. conceituado jornal para, num desabafo, expor o que se me oferece dizer acerca do que tenho ouvido e do artigo que li no número do passado dia 22 sobre caça, da autoria do sr. Nabais da Cunha, que apenas conheço de nome, através de alguns artigos seus que tenho lido sobre as espécies cinegéticas.

Reconheço que é muito difícil de resolver tal assunto para se poder agradar a «gregos e troianos», e á medida de que se fala (reduzir o número de dias para o exercício venatório) vem, a meu ver, e em vez de beneficiar, prejudicar mais ainda com a revolta da maior parte dos caçadores que vivem mais perto dos terrenos frequentados por caça, se porventura tal medida for por diante. E a razão é esta: com as novas modalidades de licenças, carta, sustento de cães e aquisição de material, o caçador despende actualmente umas centenas de escudos para, mesmo com a lei em vigor, sair um número reduzido de dias à caça, atendendo a que muitos deles são funcionários públicos, outros têm as suas ocupações que não podem abandonar quando querem, e, além disso, entra-se no período do Inverno, durante o qual, em muitos dos dias, não se pode sair devido à chuva.

No entanto há indivíduos que continuam a caçar todo o ano, quer chova ou faça sol; há os caçadores profissionais, que, desde a abertura ao encerramento, não deixam de calcorrear os montes e vales, com a mira no negócio, vestindo fatos de plástico em dias de chuva, e que pagam a licença como qualquer outro caçador; há os cães à solta e os abandonados, que exterminam muita caça: as armadilhas às perdizes, que só no meu concelho dizimam, todos os anos, centenas de exemplares, etc., etc.

E isto porquê?

Porque continuamos sem fiscalização, com comissões venatórias concelhias que só existem no papel, pois que, até na sua maioria, não lhes são aprovadas as suas contas por falta de elaboração dos respectivos orçamentos, demonstrando bem assim o interesse que as coisas lhe merecem.

Em resumo: Uns pagam os direitos e outros matam a caça, porque a fiscalização é nula na maioria dos concelhos.»

Ass.: Fernando José da Silva.

SIM, MAS...

Em resposta à carta do nosso leitor de Penela recebemos de Nabais da Cunha o seguinte comentário:

«A carta do sr. Fernando José da Silva, de Penela-Coimbra, embora escrita em termos tão correctos que nos desvanecem, carece, no entanto, de um breve comentário. Começa este senhor por concordar que o problema venatório, isto é, da escassez da caça, é difícil de resolver para agradar a «gregos e a troianos», o que é uma astronómica verdade. Mas haverá, pergunto, algum assunto (por melhor vontade, diligência e cuidado que se ponha na sua solução) que mereça inteira e incondicional concordância dos interessados nele?

Atendendo ao custo das licenças — cá pelo Sul são bastante mais caras —, carta, manutenção do canideo, material, etc., para sair a caçar reduzido número de vezes devido aos afazeres o resultado das caçadas não compensa excepto aos caçadores profissionais, (que necessitamos de combater como causadores da pobreza cinegética), que calcorreiam diàriamente montes e vales com a mira exclusiva no negócio (enquanto nos campos se grita que há falta de mão-de-obra), afirma o sr. Fernando da Silva.

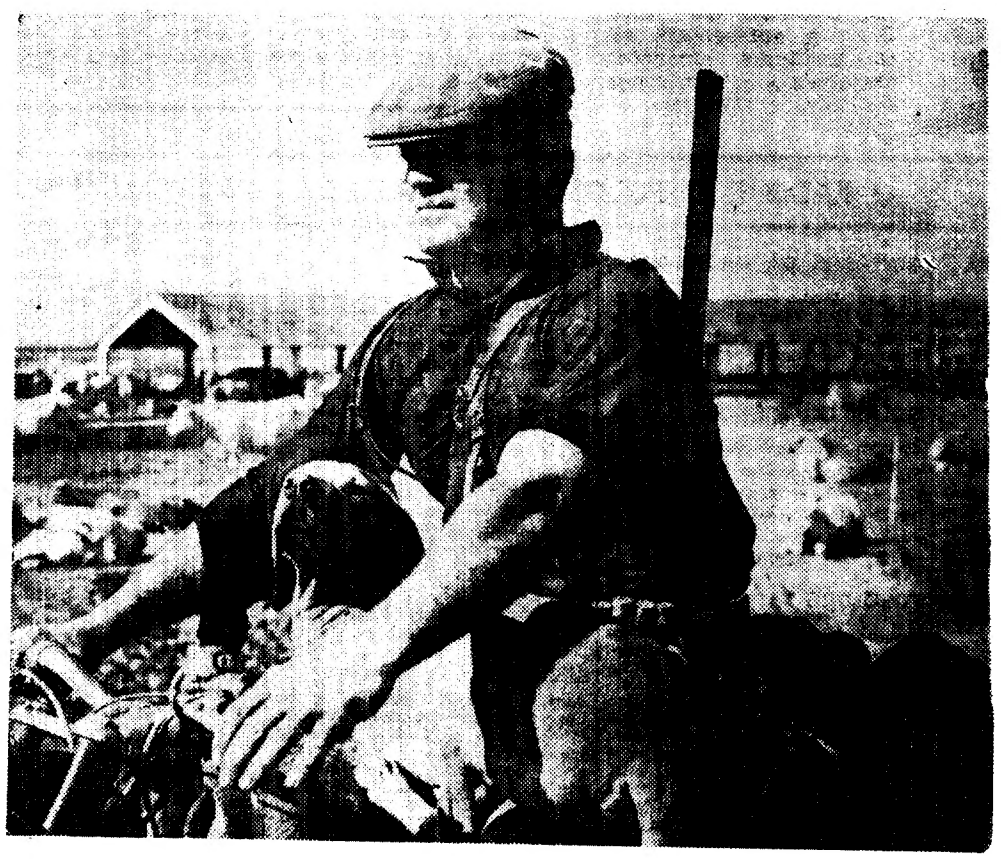
Não serão estes mesmos os primeiros e mais directamente lesados com a medida, altamente proteccionista, de caçar menos dias do que actualmente, em todo o País e em todos os terrenos, coutados ou não, enquanto a densidade das espécies venatórias, em franco declínio por toda a parte do Continente, aumentará se houver nos campos a fiscalização necessária, que, como o sr. Fernando Silva afirma, é deficiente, compensando desta maneira o caçador desportivo? De resto, para salvar a caça da sua ruína não há, creio, que atender se podemos ou não podemos caçar todos os dias que nos aprouver.

O mal da caça, parece-nos, não reside apenas na falta de fiscalização (o problema do furtivo é, em primeiro lugar, um problema de educação cívica, parece-nos). Ela é devida também a muitas outras causas. Repare-se, por favor, que por exemplo em 32 anos o número de licenças continentais de caçar aumentou cerca de 60 mil, pois enquanto em 1938 se emitiram 68 796 licenças de caçar, em 1969 o número desses documentos foi de 128 829 (e em 1966 o seu número atingiu 173 791). Isto para caçar num país que tem apenas 89 059 quilómetros quadrados, incluindo estradas, povoações, rios, etc., e coutos que ocupam centenas de milhares de hectares onde sòmente algumas pessoas podem caçar. Parece-nos que não poderemos continuar, como o temos feito desde os tempos da abundância da bicharada silvestre, que, por vezes, constituía verdadeira praga para as culturas, a caçar diàriamente, sob pena de os terrenos livres, que dia a dia diminuem de área, ainda com a agravante de cada um de nós poder abater o numero de animais que entender e poder capturar nas suas artes de caça, ficarem desertos de animais. E estes, convenhamos, com tão elevado número de caçadores e a liberdade de os matar às dezenas num só dia de caça, não podem deixar de escassear cada vez mais, como está sucedendo em todo o Continente, mesmo na área em que habita o sr. Fernando Silva, como se deduz da decisão, altamente acertada e louvável, merecedora, portanto, de encomiásticas referências aos seus promotores, da Comissão Venatória Regional do Centro, com sede em Coimbra e jurisdição em 81 concelhos, ao solicitar, com a concordância das Comissões Venatórias Concelhias, às entidades competentes precisamente o que aqui temos preconizado dezenas de vezes e o sr. Fernando Silva condena, a saber: que o exercício da caça venha a ser limitado a DOIS dias por semana e nos feriados nacionais; que seja proibida a caça à lebre durante as DUAS próximas épocas venatóris e limitado o número de perdizes a abater por cada caçador e por caçada.

E cremos poder afirmar que estas sugestões têm por fim a defesa e protecção da riqueza cinegética nacional no centro do País, sendo portanto consideradas de grande alcance por muitos caçadores da área do centro, que as apoiam incondicionalmente com entusiasmo.

Mais ainda: se as medidas proteccionistas pedidas forem aprovadas, como é lícito que sejam, é

«Virá o dia em que as espécies cinegéticas serão tão ra



«O caçador despende actualmente centenas de escudos para só caçar durante um número reduzido de dias.»

.....

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

CER

ão raras como o oiro.»

e- opinião das comissões venatórias e dos caçadores DESPORTISTAS que ainda poderá salvar-se, pelo menos, uma parte da riqueza nacional que é a caça, e que os caçadores poderão voltar a exercer o seu desporto favorito, já que os profissionais e os falsos amadores ficarão impedidos; com a adopção de tão salutar medida (que, oxalá, seja extensiva em breve a todo o País), de continuar a fazer do desporto venatório um modo de vida, já que a caça não pode nem deve ser uma profissão.

De resto, outros países antes de nós há muito tempo adoptaram medidas proteccionistas da fauna, evitando as chacinas de animais e «racionando» o numero máximo permitido a cada caçador abater por caçada.

E na vizinha Espanha, devido às mesmas causas que nós sofremos nos passados anos, a caça às espécies miúdas, incluindo as aquáticas, foi permitida apenas 3 dias semanais em 25 das suas províncias. Como a densidade de caça continuasse, mesmo assim, a baixar em 26 das suas provincias, na próxima época venatória será permitida apenas em dois dias semanais — quintas e domingos. E se nós continuarmos confiados apenas em que Santo Huberto nos proteja, dia virá, não distante, que as espécies cinegéticas serão tão raras como o oiro. Foi, aliás, o que sucedeu à caça grossa, como a cabra do Gerez. E se ainda hoje há javalis, deve-se à proibição da sua caça desde há três anos.»

Nabais da Cunha

RELÓGIOS
De todas as marcas, máxima garantia, preços de concorrência,
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

A ALTA COSTURA MORREU

— SEGUNDO O DIRECTOR-GERAL DA CASA YVES SAINT-LAURENT

«A alta costura acabou. Morreu».

É uma declaração surpreendente da parte de alguém que vive da moda... Mas, quando são pronunciadas pelo director-geral da mais importante empresa de modas do mundo, dum império que firmou a sua reputação nos píncaros da alta costura, essas palavras não são apenas explosivas. Fazem estremecer os próprios alicerces da moda. E poderão mesmo fazer ruir o edifício já periclitante da alta costura parisiense.

É Pierre Berge da casa Yves Saint-Laurent quem fala assim.

Se a alta costura morreu, que vai ser de Yves Saint-Laurent? Janeiro ficará a assinalar a morte da alta costura? Terá Saint-Laurent celebrado já os últimos ritos com a apresentação da colecção de Outono, feita em Julho passado?

O sr. Berge não garante nada. Mas — diz ele — «pode ser que, a partir de Janeiro, Yves decida misturar a alta costura com a margem esquerda (pronto-a-vestir)».

Berge está convencido de que chegámos ao fim da época em que o desenhador era uma força da alta costura. «Restarão um ou dois». Yves é um dos que restarão, evidentemente. Berge não diz quem será o outro.

— Quando Chanel estava no auge do seu poder — quando o seu poder era quase ditatorial — todas as mulheres eram felizes a todas as horas do dia. (Todas as mulheres que podiam vestir Chanel, acrescentamos nós, por nossa conta...). A mulher de hoje é diferente. Pode ser tão feliz como a de antigamente, mas é mais hábil. Faz a sua moda. É mais interessante, mais individualizada.

— E a mulher de hoje ficará mais feliz com as saias compridas?

— Mini, midi ou maxi *não têm importancia. O corpo, a maneira de viver são as unicas coisas que contam.*

Mas será que a moda tem hoje o condão de tornar a mulher feliz?

As francesas já passaram o período da revolta contra a moda estabelecida. Hoje não a odeiam. São-lhe totalmente indiferentes.

MARYLON LUTHER
(Exclusivo «The Los Angeles Times»-«D. L.»)

O IV CENTENÁRIO DE MANUEL DA NÓBREGA

VILA REAL, 9 — Nos próximos domingo e segunda-feira, decorrem aqui as cerimónias comemorativas do IV Centenário da Morte do Padre Manuel da Nóbrega. O ministro da Educação Nacional preside ás comemorações no primeiro dia: recepção na Câmara Municipal, onde será entregue a biblioteca oferecida pelo Governo do Brasil, e inauguração da exposição de pintura e de fotografias do Nordeste do Brasil, ás 18 horas, e á noite, no Governo Civil, sessão solene em que serão oradores o padre Julio Fragata, reitor da Faculdade Pontifícia de Braga, o prof. Hernâni Cidade e o prof. Tito Lívio Ferreira, da Universidade de S. Paulo.

O Chefe do Estado chegará aqui no dia 12, ás 11 horas, presidindo, a seguir, á sessão solene no Governo Civil em que falarão o padre Henrique Maria dos Santos, representante em Portugal das comemorações, o prof. Vitorino Nemésio e o deputado brasileiro Gama Lima.

Às 16 horas, em Sanfins do Douro, descerramento de uma lápida, seguido de visita ao santuário de Nossa Senhora da Piedade.

DOUTORAMENTO DE UMA ASSISTENTE DO I. S. T.

Doutorou-se na Universidade de Southampton (Inglaterra) a engenheira química Sílvia Marília Brito Costa, assistente do Instituto Superior Técnico, que apresentou uma dissertação sobre «Fotoquímica orgânica», dirigida pelo prof. R. C. Cookson.

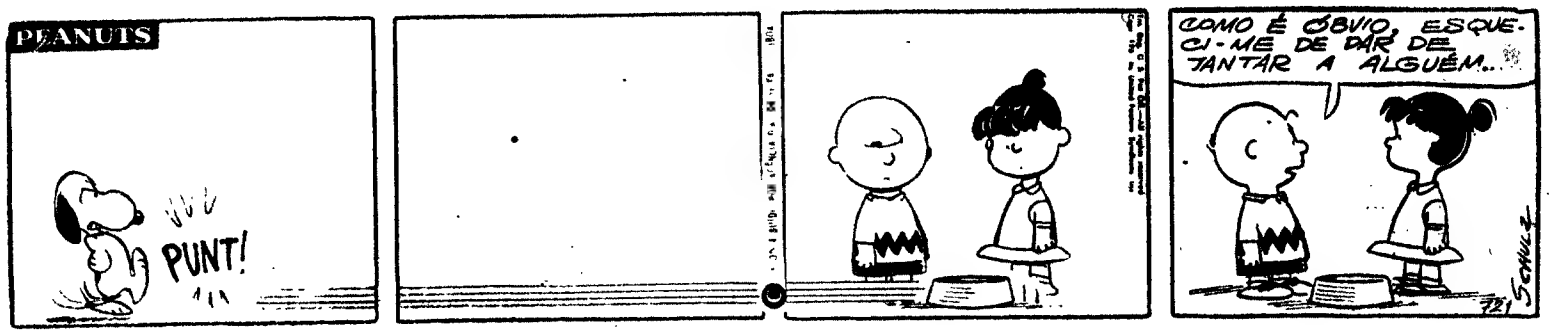
Actualmente prossegue os estudos pró-doutorais na Royal Institution de Londres, a convite do prof. George Porter, Prémio Nobel de Química de 1967, sobre alguns aspectos da «Fotosíntese — estudos em camadas monomoleculares».

CARROS USADOS
NSU LUSOLANDA NSU
Aproveite a excepcional oportunidade
PREÇOS E CONDIÇÕES ESPECIAIS - FACILIDADES DE PAGAMENTO E TROCA
Av. da República, 84-C — Telef.: 77 80 73 — Av. Ant. Aug. Aguiar, 25-C — Telef.: 53 70 74 — LISBOA

TELEVISORES
Desde 98$80 Mensais, oferta da antena para os dois programas
FRIGORÍFICOS
Desde 98$80 Mensais, oferta da Dispensa JOVICA
ESQUENTADORES
Desde 98$80 Mensais, com montagem incluída
MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA
Oferta de 24 pacotes SKIP
MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA
Oferta de 16 embalagens SUN
SEM ENTRADA FIADOR
JOVICA
LISBOA | Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telef. 47769
Largo de D. Estefânia, 12-D — Telef. 534536
CACÉM — CASCAIS — SINTRA — VENDA NOVA

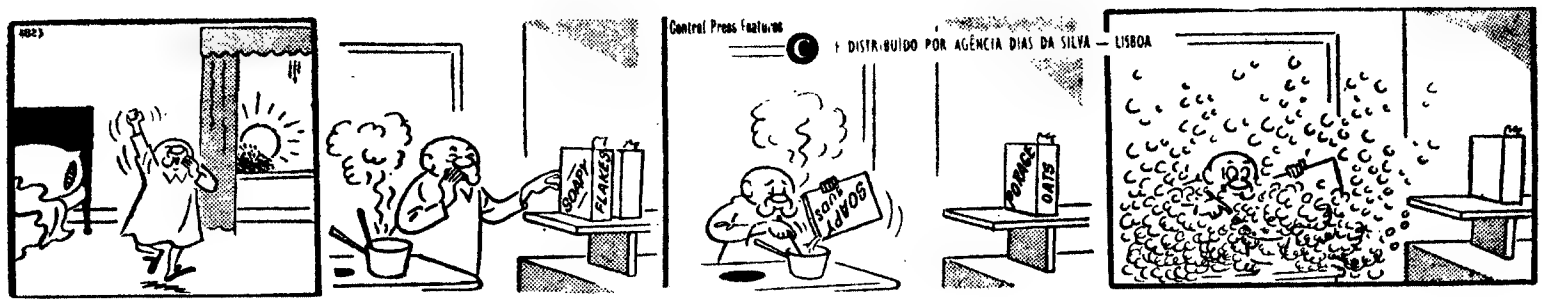
ARTIGOS ESCOLARES
MAIS BARATO QUE NAS CANTINAS DAS ESCOLAS E LICEUS
PAPELARIAS EMÍLIO BRAGA
Sede — RUA DA MADALENA, 42
Filiais — RUA ALEXANDRE HERCULANO, 11-C • AVENIDA DE ROMA, 10-E
Depositário — AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, 49 EM LISBOA
BRINDES
Descontos de 10 % em todos os artigos escolares excepto em livros, e oferta nas compras superiores a 50$00, a 100$00 e a 250$00.
Só tem direito a estes brindes as compras feitas aos nossos balcões e pagas a pronto, de 1 a 31 de Outubro de 1970. ATENÇÃO: Os livros escolares não tem direito aos brindes.
No aproveitar é que está o ganho.
Enviamos encomendas para a Província contra-reembolso, despesas por conta do cliente.

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 9 de Outubro de 1940 publicava:

«WASHINGTON — Em virtude da gravidade crescente a actual situação, o presidente Roosevelt esteve a examinar pessoalmente, todoe os relatórios que se referem ao Extremo Oriente (...) O embaixador da Inglaterra, lord Lothiam, teve uma longa entrevista com o presidente.»

SALÃO DE FILATELIA PRÉ-ADESIVA

O Clube Filatélico de Portugal vai realizar de 12 a 18 na sala de exposições da sua sede um *Salão de Filatelia Pré-Adesiva.*

No dia da inauguração haverá um carimbo comemorativo dos C.T.T. que será oposto no local da exposição — Avenida Almirante Reis, 70-5.º-Dt.º (elevador).

FÁTIMA
GRANDE PEREGRINAÇÃO
DIAS 12 E 19
Partida às 7.30 horas — Volta completa
Partida às 14 h. — Volta directa
MISSA AOS DOMINGOS
Informações e Inscrições:
TURIJORGE
Praça de Londres, 9-B
Telef. 724957
AUTOCARROS
EDUARDO JORGE
R. Jardim Regedor, 35
Tels 30971 - 30972

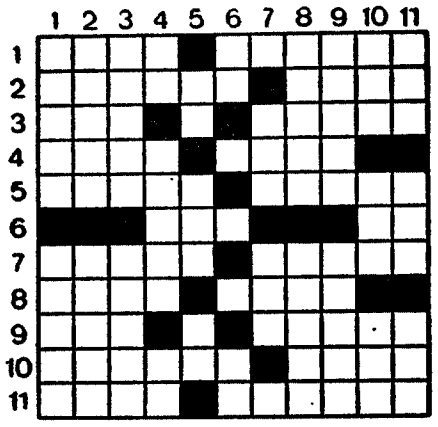
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5680

HORIZONTAIS: — Aquele que. Sólido geométrico. 2 — Engordurara. Braços de mar. 3 — Camareira. Recebe por herança. 4 — Trabalho oculto e ardiloso. Ramo grande de árvore (prov minh.). 5 — Mete em mala. Tempo de descanso à hora de maior calor. 6 — Preposição. Amónio (s. q.). 7 — Cartas geográficas. Torna afiado. 8 — O mesmo que emir. Cruel. 9 — Negativa. Vagueiam. 10 — Cabo ou corda para içar velas ou bandeiras. Cobre. 11 — Ecoar. Carvões encandescentes.

VERTICAIS: 1 — Perto. Irmãs. 2 — Ligavam. Querido. 3 — Jornada. Torna pior. 4 — Ruim. Guindar. Caminhar. 5 — Letra grega. Preposição e artigo definido (pl). Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. 6 — Deus dos pastores. Prefixo que designa afastamento. 7 — Tens. Medida de superfície. 8 — Nome de mulher. Rouba. 9 — Uma das ilhas Cíclades. Palmeiras da Amazónia. 10 — Madeira. Pronome relativo. Marisco de Cabo Verde e Senegal. 11 — Membro de ave. Gosta muito de. Conjunção.



Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5679

HORIZONTAIS: 1 — Revenderias. 2 — Arês. Anum. 3 — Sento. Aã. In. 4 — Ocaso. Mata. 5 — Erada. Ito. 6 — Em. Airas. El. 7 — Rim. Serás. A. 8 — Dão. Salos. 9 — Ar. Am. Ogros. 10 — Aros. Aaro. 11 — Esmurrarias.

VERTICAIS: 1 — Ras. VERDADE. 2 — Éreo. Miar. 3 — VENCE. Mó. Am. 4 — Estará. Aru. 5 — Asais. Mor. 6 — Dá. Odres. Sr. 7 — Enal. Aarão. 8 — Rua. Salgar. 9 — Im. Mi. Sarais. 10 — Iate. Sora. 1 — Santola. Sós.

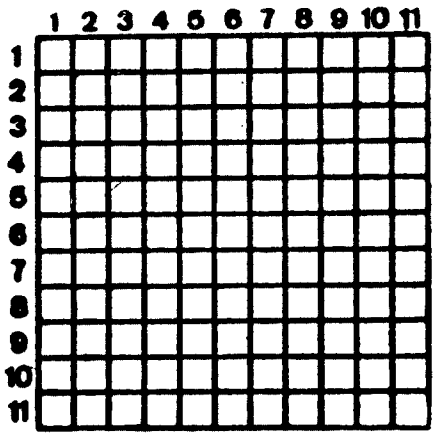
Provérbio: A VERDADE VENCE

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9 523

HORIZONTAIS: 1 — Moderara. 2 — Dona de moinho. 3 — Pertencentes. Bando (pop). Antes de Cristo. 4 — Designação genérica das plantas herbáceas. Sufixo que designa abundância. Pedra de altar. 5 — Estão ofegantes. Cidade do Brasil. 6 — Um dos estados da América do Norte. Imperatriz de Bizâncio morta no exílio de 803. 7 — Mitologia. Tomba. 8 — Estrépito de desmoronamento. Paixão. Platina (s. q.). 9 — Cólera. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Camareira. 10 — Serro de Portugal. Vila e concelho do distrito de Aveiro. 11 — Cidade de Itália. Palhota (prov.)

VERTICAIS: 1 — Matizaram. 2 — Esposa de Abraão, mãe de Isaac. Pequeno pássaro dos campos (prov.). 3 — Preposição. Semelhante. Preposição e artigo definido (pl.). 4 — Colocou. Orquídea indiana. Reis. 5 — Instrumento com que se mede a densidade dos óleos. 6 — Apelido. Claridade solar. 7 — Relativos aos Titãs. 8 — Livro de versos de António Correia de Oliveira. Lavrar. Sufixo que designa estado. 9 — Batráquio. Freguesia do concelho de Mondim de Basto. Antepassado. 10 — Vale espanhol nos Pirenéus. Grande cantora francesa já falecida. 11 — Adormecera.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9 522

HORIZONTAIS: 1 — Averiguaram. 2 — Be. Morto. 3 — Cá. Ano. Pr. 4 — Cuba. Mar. 5 — Maracá. Luta. 6 — Estrangular. 7 — Raia. Arcada. 8 — Tia. Aatá. 9 — Os. Dão. Sá. 10 — Morra. Aí. 11 — Acartadeira.

VERTICAIS: 1 — Abu. Mértola. 2 — Vê. Casais. 3 — Curtia. Má. 4 — Abara. Dor. 5 — Im. Aca. Bart. 6 — Goa. Ana. Ora. 7 — Uma. Grã. Ad. 8 — Ato. Lucas. 9 — Ro. Mulato. 10 — Potada. Ar. 11 — Mirrarra. Cia.

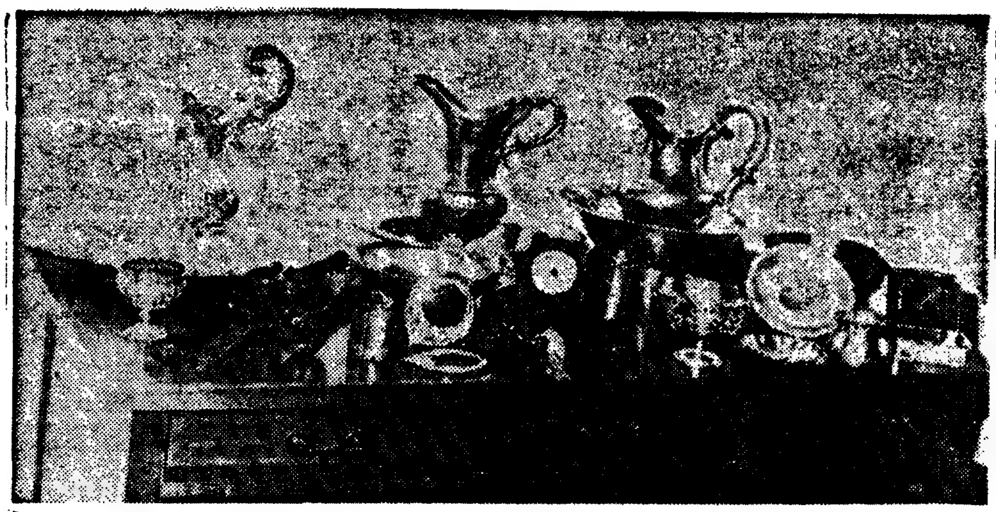
VINTE E UM LEITÕES NUMA «NINHADA»

ALTER DO CHÃO, 8 — Não sendo a primeira vez que nos referimos a um caso pouco vulgar de fecundidade porcina, o que agora nos chegou ao conhecimento supera todos os outros. Com efeito numa propriedade do sr. Joaquim Gonçalves Costa, sita na Cabeça da Azinheira, nesta vila, uma alentada marrã, cruzada, deu á luz, nada mais nada menos, do que 21 leitões.

A penultima ninhada já tinha atingido o total de dezasseis facto pouco comum, sem dúvida. Mas o sucedido agora deixou pasmados quantos labutam naquela propriedade e todos os que souberam do nascimento de tão numerosa prole

OBJECTOS ACHADOS E APREENDIDOS EM PINHAL NOVO

No posto da G. N. R., de Pinhal Novo, achados ou apreendidos, encontram-se os seguintes objectos: Carta de condução em nome de António de Oliveira Paulino; relógio de pulso para senhora; anel em ouro com pedra encarnada; porta-moedas com dinheiro cartão da Caixa de Previdência dos Profissionais de Espectáculos em nome de Paulo de Sousa Monteiro; cartão de sócio da Filarmónica Humanitária de Palmela em nome de Samuel Carvalho Martins, além de várias fotografias e chaves.



A peça da esquerda (prata portuguesa do século XVIII) vale cerca de 350 contos

É um cadastrado o autor do roubo de pratas (600 contos) de uma vivenda na Estrada da Luz

A Polícia Judiciária revelou a identidade do autor do furto de pratas da residência do sr. Paul Lambert, na Quinta do Furão, Azinhaga do Ramalho, á Estrada da Luz. Anda a monte e continua a ser activamente procurado.

Os objectos em causa, cujo valor ascende a cerca de 600 contos, pertenciam ao sr. Paul Lambert e a seu sogro, coronel Pimenta da Gama.

Trata-se, nomeadamente, de peças de ourivesaria portuguesa do século XVIII (pratas) de grande valor, sobretudo para coleccionadores. Uma delas esteve para figurar numa exposição efectuada em Londres e, embora avaliada em cerca de 350 contos, o seu valor como objecto de arte, não pode ser fácilmente determinado.

Conforme noticiámos na ocasião, o assalto ocorreu na noite de 23 para 24 de Setembro ultimo. Ainda no dia 24, a 2.ª brigada da 6.ª Secção da P. J., encarregada das investigações, conseguiu apurar, com a colaboração dos serviços laboratoriais daquela Polícia, a identidade do autor do roubo. Trata se de um homem já com cadastro, Francisco Martins ou Francisco Abrantes Martins, «O Quito», de 19 anos, solteiro servente de pedreiro, natural da Lourinhã, filho de José Luís Martins e de Maria do Céu.

O «Quito» costumava frequentar a Amadora e Benfica. Durante os dias seguintes, os agentes da P. J. tentaram localizá-lo, empreendendo diligências, também, para a apreensão dos valiosos objectos por ele furtados.

O «Quito» continua a escapar-se

Até agora, porém, Francisco Martins tem conseguido escapar-se aos agentes da P. J., bafejado ao que parece, por uma sorte invulgar.

Aquela Polícia pede, aliás, a captura do «Quito» a todas as autoridades do País.

Os investigadores entretanto, encontraram todos os objectos furtados da residência do sr. Paul Lambert, escondidos na casa do sr. António Guerra, motorista do comerciante de ferro-velho sr. Manuel Gonçalves, na Estrada da Circunvalação (barraca n. 6), que ali os resolvera guardar.

Interrogado pelos investigadores sobre o facto de aparecerem os objectos na barraca onde vive o seu motorista, o sr. Manuel Gonçalves «deu explicações um tanto estranhas», segundo nos disse um informador da P. J.

Assim afirmou que, surpreendido com a insistência dos investigadores em procurá-lo, dando-o como a pessoa que comprara os objectos furtados (no dia seguinte ao do roubo, o comerciante fora interrogado, efectivamente) começara a protestar contra o citado arguido, que ali lhe deixara os objectos, apesar da sua oposição.

E o sr. Manuel Gonçalves explicou como o caso se passara... Dias depois de ter sido procurado pelos agentes da Judiciária apareceu-lhe Francisco Martins para lhe vender as pratas antigas. Não quis adquiri-las.

Francisco Martins, o «Quito», o cadastrado que a P. J. apurou ser o autor do furto

O «Quito», então resolveu esconder os objectos furtados na furgoneta do Manuel Gonçalves, que estava estacionada á porta da barraca onde o mesmo reside. Ao encontrá-las, o comerciante de ferro-velho, segundo afirmou aos investigadores resolveu guardá-los, para que não desaparecessem.

Segundo nos comunicou a Polícia Judiciária, o sr. Manuel Gonçalves nega ter comprado as pratas a Francisco Martins, e diz que tencionava entregá-las, mal fossem reclamadas. Não avisou a Polícia do seu achado, no entanto. Espera-se que a prisão de Francisco Martins venha esclarecer o caso, pois desconhece-se se teve cúmplices.

As investigações policiais estiveram a cargo dos inspectores drs. Leão Trigo e Eduardo Baptista, chefe de brigada Machado e agentes Lucas Pereira e Carlos Gomes.

A VISITA A LONDRES DE ROGÉRIO MARTINS

(Continuação da 1.ª pagina)

meados de Fevereiro de 1957, a verdade é que desde a ida de Craveiro Lopes a Londres, nenhum membro do Governo português se deslocou oficialmente à Grã-Bretanha.

Por outro lado, salienta-se que, além de «sir» John Eden (ministro de Estado junto do Ministério da Tecnologia), o eng.º Rogério Martins encontrará, em Londres, John Evans (ministro da Tecnologia) e o ministro «sir» Geoffrey Rippon (chefe da delegação britânica ás conversações com o Mercado Comum). Sendo estas personalidades conhecidas pelas suas tendências «europeias», pensa-se, em esferas governamentais ligadas aos departamentos dependentes do Ministério português da Economia, que esta será uma boa ocasião para Londres auscultar a posição de Lisboa para o encontro de 24 de Novembro, com os ministros do Mercado Comum, em Bruxelas.

Entretanto, a Imprensa inglesa de ontem anunciava a próxima remodelação do Gabinete britânico, com a criação de dois novos ministérios, entre os quais o da Indústria, que substituiria o actual Ministério da Tecnologia e englobaria o departamento do Comércio Externo, e ficaria a cargo de «sir» John Eden.

Nestas condições, e sendo «sir» John o autor do convite ao eng.º Rogério Martins, parece poder atribuir-se ainda maior significado á visita do secretário de Estado português a Inglaterra.

Aliás, notícias ontem chegadas do Blackpool, diziam que o Congresso do Partido Conservador exprimiu, «por mãos levantadas», o seu apoio á candidatura britânica, á entrada no Mercado Comum. A moção aprovada declara apoiar a política governamental quanto á adesão á C. E. E., «se forem obtidas condições satisfatórias» e acrescenta que «esta adesão seria benéfica, a longo prazo, para os interesses económicos da Grã Bretanha».

No que se refere á actual situação da balança comercial de Portugal com a Grã-Bretanha, remetemos os nossos leitores para o artigo publicado na página 4 da «Mesa-Redonda» de hoje.

AINDA INVULGARES EM PONTE DE SÔR OS CASAMENTOS EVANGÉLICOS

PONTE DE SOR, 9 — Na igreja evangélica desta vila realizou-se o casamento de Maria Antónia Teles Narciso Justo, de 16 anos de idade, doméstica, filha de Maria Custódia Teles e de Ildefonso Narciso, com Aires Pina Justo, de 20 anos, pedreiro, filho de Olívia Mendes Pina e de José da Conceição Justo, todos naturais e residentes na povoação de Farinha Branca, da freguesia de Montargil.

Foi celebrante a pastor José Marques Calado e a igreja estava repleta de publico que quis assistir à celebração, pois não são vulgares por aqui estes casamentos.

AMANHÃ, NA LUZ

Metalúrgicos discutem o contrato de trabalho

O Sindicato Nacional dos Técnicos e Operários Metalúrgicos e Metalomecânicos do Distrito de Lisboa convocou os seus associados para uma assembleia geral extraordinária amanhã, ás 20 horas, no Pavilhão do Estádio da Luz

Destina-se a reunião a: 1) informações e esclarecimentos sobre as actividades sindicais; 2) apreciação da proposta de revisão do contrato colectivo de trabalho

Efectivamente, acaba de ser denunciado pela Federação o contrato colectivo em vigor [illegible] 1968. A proposta já foi entregue aos grémios, pretendendo-se, com esta assembleia, a recolha de sugestões sobre alterações ou concecções a ter em conta durante a negociação.

Congresso de bandas

Amanhã, ás 21 horas, no salão de festas dos Bombeiros Voluntários de Fanhões, decorre a primeira reunião de trabalhos do I Congresso de Bandas de Musica e Filarmónicas do concelho de Loures.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	500$
Consolidado 3%	509$	—	50[illegible]$
Consolidado 3 1/4%	—	—	612$
Centenários 4%	1.440$	—	1.44[illegible]$
Obrig. Tesouro 5%	—	—	1.000$
Externo 1.ª Série	—	575$	—
Externo 1.ª Série E.	690$	—	695$
Externo 3.ª Série	—	750$	—
Externo 3.ª Série E.	—	800$	815$
Cautelas 3.ª Série	142$	142$	—
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	490$	—
A P I 5% 56	—	870$	—
A P I 5% 58	—	870$	—
C P 4 1/2% 65	870$	—	870$
C P 4 1/2% 67	—	925$	930$
C U F 6%	—	985$	—
C U F 6% 68	950$	915$	955$
Gás Elect 4% 48	—	—	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	—	—
Gás Elect 5% 54	—	—	—
Gás Elect 5% 58	—	—	—
Gás Elect 5% 59	—	—	790$
Gás Elect 5% 64	—	—	—
Gás Elect 5% 64	—	—	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	—	945$	—
H E A Alentejo 5%	—	750$	—
H Cávado 5%	—	760$	—
H E Cávado 6%	—	—	—
H E Douro 5%	—	750$	—
H E Douro 6%	950$	945$	955$
H E Norte Port 5%	—	860$	—
H E S Estrela 6%	—	940$	950$
Lisnave 6%	—	790$	—
H E Zêzere 5% 55	—	790$	—
H E Zêzere 5% 57	940$	935$	950$
Metropolitano 4%	—	—	—
Metropolitano 5 3/4%	—	930$	—
Moçambique 5%	—	720$	—
Nac Elect 5%	—	780$	—
Nitratos 5%	—	—	770$
Nitratos 5% 60	—	—	770$
Petroquímica 5%	—	—	865$
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	920$	955$
Sacor 5% 60	—	820$	850$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	—	825$	—
T A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	—	750$
U E P 3 3/4%	—	84$	—
U E P 4%	—	85$	—
U E P 4 1/2%	—	90$	—
U E P 5%	—	73$	76$5
U E P 5% 60	—	—	780$
U E P 5% 63	—	830$	840$

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS
Rua do Ouro, 52-54 — Lisboa — Tel 366066/7
Teleg ALMEIRO — Telex 47 ALBAP P

ACÇÕES	Efec.	Compra	Venda
Bancos			
Agricultura	2.280$	2.280$	2.290$
Alentejo	1.158$	1.151$	1.155$
Angola	—	3.600$	3.650$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	—	8.700$	8.800$
E Santo	20.900$	20.900$	21.000$
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S p	—	—	20.500$
Fomento	—	—	2.550$
L & Açores p	—	—	—
L & Açores n	—	—	—
P Atlântico p	5.500$	5.500$	5.510$
Portugal n	3.270$	3.250$	3.300$
Portugal p	—	—	4.400$
Totta Aliança	—	—	—
Ultramarino n	3.445$	3.440$	3.445$
Ultramarino p	3.850$	3.845$	3.8[illegible]$
Seguros			
Alentejo	154$	154$	154$5
Douro	—	—	—
Mundial	1.000$	995$	1.005$
Sagres	—	1.700$	1.850$
Tranquilidade	—	55.000$	65.000$
Ultramarina	—	25.000$	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	782$	781$	785$
Ag Cassequel	665$	660$	668$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	420$	45[illegible]$
Ag S Tomé e Príncipe	—	280$	30[illegible]$
Boror	—	130$	1[illegible]$

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Buzi	78$5	79$	80$
[illegible]	—	212$	—
Diamantes Angola	—	2.400$	4.450$
[illegible] Revué	755$	750$	760$
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	—	83$	86$
Sonefe n	—	420$	—
Sonefe p	—	431$	435$
Zambeze	—	79$	80$5
Diversas			
[illegible]	—	6.650$	—
Cim Leiria	4.500$	4.300$	4.600$
Cim Tejo	—	7.350$	7.450$
Col Navegação	—	1.430$	1.450$
C U F	1.600$	1.590$	1.620$
[illegible] Aliança	—	—	850$
Nac Navegação	—	3.600$	3.800$
[illegible]	1.680$	1.660$	1.685$
Port e Colónias	—	1.400$	—
Port Celulose	—	4.000$	—
Port Pesca	—	—	1.060$
Port Tabacos	707$	705$	708$
Sacor	4.520$	4.500$	4.580$
Siderurgia Nac	2.260$	2.255$	2.265$
[illegible]	3.260$	3.255$	—
Tabacos de Portugal	—	1.610$	—
Tabaqueira	—	—	7.600$
[illegible] Azoto	—	785$	790$
Águas Elect e Gás			
Águas Lisboa p	—	395$	—
Águas Lisboa 34	420$	415$	425$
Águas Lisboa 36	—	395$	—
C P Electricidade	—	—	—
C P Electricidade nom	—	—	—
C P Electricidade 969	—	—	—
Elect Beiras	—	1.720$	1.735$
Gás Elect	425$	424$5	425$
H E Alto Alentejo	189$	189$	90$
H E Norte Portugal	—	270$	280$
H E S Estrela	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
U E P	188$	187$5	188$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	197$9	203$8
F I D E S	—	1224$	126$1

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	2/10/70	8/10/70	9/10/70
GERAL	149,7	149,7	149,4
METROPOL.	142,3	142,3	142,2
ULTRAM.	204,3	204,0	201,9

PAISES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul — Rande	34$00	36$50
Alemanha — Marco	7$75	8$05
América		
— Dólares de [illegible] e 2...	28$20	28$70
— Dólares de 5 a [illegible]000	28$50	28$90
Argentina — Peso Novo	5$50	7$50
Austria — Schilling	1$10	1$16
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$50	6$00
Canadá — Dólar	27$70	28$20
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$[illegible]0
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirham	4$80	5$40
Noruega — Coroa	3$85	4$[illegible]5
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$60	6$82
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	290$	310$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	35$00	37$00

J. BURNAY L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 Tel. 231273

HUSSEIN: Um estatuto especial para os palestinianos na Jordânia

ANKARA, 9 — (F. P.) «Os palestinianos constituem uma comunidade com carácter específico e o meu objectivo sempre foi, e continua a ser, conceder-lhes um estatuto especial dentro do reino da Jordania, um estatuto que lhes permita dispor dos seus próprios representantes» — declarou o rei Hussein numa entrevista exclusiva publicada pelo diário independente de Istambul «Milliyet».

«Estou decidido, hoje mais do que nunca, a concretizar este estatuto» — prosseguiu o rei que acrescentou: «Desde que, evidentemente, os palestinianos me dêem essa possibilidade».

A pergunta: «Esse estatuto corresponderia a uma federação?», o soberano hachemita respondeu: «Poderia revestir a forma de uma federação e até, eventualmente, de um estatuto ainda mais lato».

O rei já havia admitido esta possibilidade numa entrevista concedida o ano passado ao «Milliyet» e o jornal recorda que só a guerra dos seis dias impediu que fosse concretizada.

«A Palestina só pode ser libertada combatendo nos territórios ocupados pelo inimigo e não patrulhando de armas nas mãos nas ruas de Amã, espoliando a população civil e, pior ainda, multiplicando os ultrajes ao Exército jordano», salientou Hussein que concluiu chamando a atenção para o facto de 95 por cento dos «feddayin» se encontrarem em território jordano.

Actualidade internacional

DIFUNDIDO UM MANIFESTO DOS RAPTORES DE CROSS

MONTREAL, 9 — (R.) — A rede de Rádio e Televisão em língua francesa da Canadian Broadcasting Corporation transmitiu um manifesto da Frente Separatista de Libertação do Quebec, que raptou o diplomata britânico James Cross.

O presidente da C.B.C., George Davidson, declarou que o Governo federal indicara que era do interesse público que o manifesto de quatro páginas fosse transmitido.

A radiodifusão, feita ás ultimas horas da noite passada, era a primeira das exigências dos raptores para a libertação do diplomata, de 49 anos, a serem satisfeitas.

Os raptores marcaram até ás 4 horas T.M.G. de hoje o prazo final para que se cumprissem as suas exigências.

O manifesto, de 1400 palavras e redigido em francês, atacava práticamente todas as instituições existentes em Quebec — a Igreja, o Governo, os políticos, o sistema judicial, os financeiros, os negociantes, as grandes companhias e os seus donos, que falam inglês.

Pedia uma revolução de toda a classe trabalhadora de Quebec para «substituir uma sociedade escravisada por uma livre».

O prazo das 4 horas T.M.G. para cumprimento das exigências da F.L.Q. foi o terceiro marcado pelos raptores e também já expirou.

Têm afirmado que libertarão Cross, comissário comercial britânico em Montreal, 24 horas depois do Governo satisfazer as suas condições.

Além da radiodifusão do manifesto, os raptores pediram 500 000 dólares em ouro, a libertação de presos «políticos» de cadeias canadianas e um avião comercial para os transportar para Cuba ou Argélia.

Ontem, o Governo anunciou em Ottawa que estava pronto para negociar com os raptores, mesmo a nível ministerial, se fosse necessário, embora considerasse algumas das condições «inaceitáveis».

Em Ottawa um informador governamental afirmou não ter recebido qualquer nova comunicação da F.L.Q. depois da transmissão do comunicado.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Mitchell Sharp, disse na quarta-feira que o comunicado seria transmitido se recebesse garantias quanto á segurança do raptado, mas tais garantias não foram até agora dadas pelos raptores.

Assim, a transmissão do documento não modificou basicamente a situação, deixando-a num impasse, embora tanto o Governo como a Frente de Libertação mostrem indícios de abrandamento nas suas posições anteriormente irreconciliáveis.

Terceiro aniversário da morte de «Che»

BUENOS AIRES, 9 — (R) — Explodiram ontem, pelo menos, 18 bombas em várias cidades argentinas, coincidindo com o terceiro aniversário da morte do chefe revolucionário cubano Ernesto «Che» Guevara. As bombas causaram estragos materiais consideráveis em alguns casos, mas não vítimas, segundo informou a Polícia.

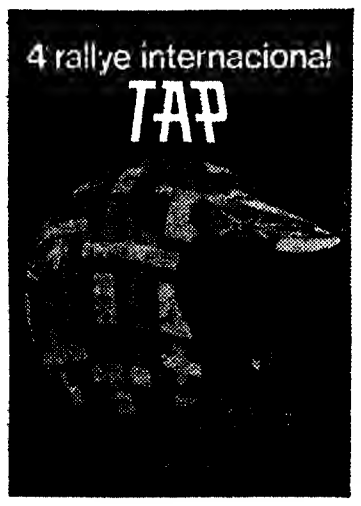
BRASIL: Absolvidos dois padres

FORTALEZA, 9 — (F. P.) — Os padres Xavier Gilles de Maupeou e José António Magalhães Monteiro foram ontem reconhecidos inocentes pelo tribunal militar de Fortaleza, onde eram julgados sob a acusação de actividades subversivas, formuladas contra eles pela Polícia federal.

Assistiram ao julgamento o consul francês no Nordeste do Brasil, Jean Duffaut, e o arcebispo de Fortaleza, D. José Delgado.

4° rallye internacional

TAP



GTX HIGH PERFORMANCE

CLASSIFICAÇÃO GERAL

1° SIMO LAMPINEN–J. DAVENPORT em Lancia

2° SANDRO MUNARI–A. BERNACCHINI em Lancia

MAIS UM ÊXITO DO EXTRAORDINÁRIO LUBRIFICANTE

Castrol GTX

feito para proteger mais e melhor

ULTIMATO DE TORREZ

(Continuação da 1.ª página)

rez cercam o regimento, esperando-se a rendição de Ayorosa a qualquer momento.

PASTAS NO GOVERNO PARA ESTUDANTES E OPERÁRIOS

A potente Central Operária Boliviana (C. O. B), declarou-se ontem á noite em estado de emergência para fazer face á nova situação criada pelo anúncio de que dois regimentos não tinham deposto as armas.

Pelo mesmo motivo, o «comando político» resolveu acelerar a distribuição das oito pastas que devem caber aos representantes sindicais, estudantis, mineiros e operários no gabinete do general Juan José Torrez.

O PRESIDENTE FRANCÊS, Georges Pompidou (ao centro), com o chefe do Estado soviético, Nikolai Podgorny, em Moscovo, no início da visita á URSS. Pompidou encontra-se actualmente na Sibéria, depois de ter assistido na base espacial russa de Baikonur, na Ásia Central, ao lançamento de uma estação automática transportando animais

O MEDITERRÂNEO DIMINUI

NOVA YORK, 9 — (R.) — Sondagens feitas no Mediterrâneo revelam que o mar está a sofrer um enrugamento e, um dia, a água será substituída por montanhas — afirmou hoje um grupo de geólogos da Marinha.

As sondagens indicam que o Mediterrâneo esta a ser afectado pelo conhecido movimento dos continentes africano e europeu que se afastam da América. Simultâneamente, a África e a Europa estão a aproximar-se, fazendo com que a área do Mediterrâneo seja cada vez menor.

Há provas, principalmente no Mediterrâneo oriental, de que a crusta terrestre está em contracção e que, embora aproximando-se entre si, toda a massa continental Europa-África se afasta da América do Norte.

Proclamada em Phnom Penh a República Khmer

PNOM PENH, 9 — (R.) — A República foi hoje proclamada no Camboja no meio dos aplausos de parlamentares e de aclamações de milhares de pessoas concentradas defronte do edifício da Assembleia Nacional.

Precisamente às 7 horas locais (meia-noite *TMG*), o presidente da Assembleia Nacional declarou a uma Câmara repleta: «Eu, In Tam, proclamo oficialmente a República Khmer. O nosso país é indivisível».

Poucos minutos depois a bandeira da nova república foi hasteada directamente defronte do antigo palácio real pelo primeiro-ministro, general Lon Nol.

O general Lon Nol e o vice-primeiro ministro Sirik Matak, ambos envergando uniforme de combate na selva, permaneceram em sentido junto da bandeira vermelha, branca e azul enquanto In Tam anunciava a sua promoção, respectivamente, a generais de quatro e três estrelas.

A proclamação da República termina uma das monarquias mais antigas do mundo, que existiu numa descendência continua durante mais de mil anos. Sucede ao regime do Chefe de Estado deposto príncipe Norodom Sihanouk.

Vietnam: Nixon optimista

SAVANNAH (Geórgia), 9 — (F. P.) — «Não contamos com um comentário oficial da parte dos norte-vietnamitas antes da próxima semana, na sessão das negociações de Paris» — declarou o presidente Richard Nixon na base aérea de Hunter, perto de Savannah, na Geórgia.

Prosseguindo as suas reflexões a propósito do discurso que pronunciou na quarta-feira, Nixon salientou: «Fizemos algumas propostas novas e não as apresentámos simplesmente com um fim de propaganda».

O presidente dos Estados Unidos acrescentou que a sugestão de negociar a retirada total das tropas americanas do Vietnam nunca tinha sido feita anteriormente. «Esperamos», disse Nixon, «que os norte-vietnamitas a acolherão tão sèriamente como nós a formulámos».

«Não nos desencorajamos», concluiu o presidente.

TRÊS HELICÓPTEROS ABATIDOS

SAIGÃO, 9 — (R.) — Artilheiros norte-vietnamitas e do Vietcong abateram ontem três helicópteros do Exército americano, dois deles apenas a um quilómetro da fronteira laociana.

O comando militar americano comunicou que quatro tripulantes dos helicópteros ficaram feridos na queda dos aparelhos.

O terceiro helicóptero foi abatido na extremidade sudoeste do Vietnam do Sul e dois tripulantes ficaram feridos.

Um total de 26 norte-vietnamitas foram mortos quando helicópteros metralharam tropas que se infiltravam ao longo da fronteira laociana, no noroeste do Vietnam do Sul, segundo revelou um informador.

Morreu o ministro Edmond Michelet

PARIS, 9 — (A. N. I.) — Edmond Michelet, ministro francês da Cultura, morreu hoje, na sua casa em Marcillac, no Sul da França. Completara ontem 71 anos.

Michelet tivera recentemente um ataque apoplético e fora levado para a sua residência. Morreu ás 2 horas da madrugada.

FOCK: 80 ANOS

BREMEN, 9 — (F. P. — O prof. Heinrich Fock, pioneiro da aviação alemã, celebrou ontem o seu 80.º aniversário.

Co-fundador, em 1924, das fábricas Focke-Wulf, que produziram uns trinta tipos de aviões, incluindo um caça que equipou a Luftwaffe a última guerra, construiu em 1936 o primeiro helicóptero que obteve um certificado de navegabilidade.

Faleceu Giono

PARIS, 9 — (F. P.) — Faleceu com 75 anos o escritor francês Jean Giono

Jean Giono nasceu em 1895 na Provença. A paisagem e os habitantes da sua região natal inspiraram muito da sua obra, que exalta a alegria de viver numa natureza selvagem. As suas principais obras em prosa foram a «Triologia de Pau» («Colline», «Un de Baumugues» e «Regain»), «Le Poids de Ciel», «Triomphe de la Vie».

Escreveu também teatro rústico e poesia. Pertencia à Academia Goncourt.

AS INUNDAÇÕES EM ITÁLIA CAUSARAM 36 MORTOS

GÉNOVA, 9 — (F. P.) — Parece que o balanço das vítimas das inundações na região de Génova é mais elevado do que as ultimas informações tinham deixado supor. Com efeito, segundo o jornal «Messaggero», haveria 36 mortos, sendo 20 na cidade de Génova e 16 no bairro de Voltri.

LIBERTAÇÃO IMPEDIDA

As inundações desta cidade impedem a libertação do jovem estudante Serge Gadolla, de 19 anos, raptado na [illegible] segunda-feira passada por desconhecidos que exigiram á mãe, viuva de um riquíssimo empreiteiro genovês, um resgate de dois milhões de liras.

Com um pacote contendo o dinheiro do resgate, a sr.ª Rosa Gadolla preparava-se, com efeito, para se encontrar ontem á noite com os raptores do filho, quando recebeu, no ultimo momento, um telefonema em que lhe foi dito: «Tenha paciência, nós não queremos apanhar um banho forçado esta noite».

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo» o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento na freguesia de Abela, concelho de Santiago do Cacém, de uma linha aérea a 30 kv com uma linha aérea a 30 kV, com 230 metros de comprimento, Louzal-Santiago ao posmento, do apoio n.º 73 da linha de transformação de Filhos de Joaquim Inácio da Silva, Limitada.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 30 de Setembro de 1970.

P'lo Engenheiro Chefe
JOAQUIM GONÇALVES DOS SANTOS

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Edital n.º 170/70

Faz-se saber que no dia 21 de Outubro de 1970, pelas 15 horas, terá lugar na 4.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171, o concurso público para O FORNECIMENTO DE CENTO E SETENTA CADEIRAS METÁLICAS, com a base de licitação de 160 000$00 (Processo n.º 99/70/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 4000$00 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agência ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concursos para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Câmara Municipal de Lisboa», publicado no «Diário Municipal» n.º 7673, de 24/10/1960.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis na referida repartição.

Paços do Concelho de Lisboa, em 3 de Outubro de 1970.

O PRESIDENTE,
Fernando Augusto Santos e Castro

CARROS USADOS

Alfa-Romeo
Austin Cooper S
Austin 1100
Auto-Union (Descapotável)
Cadillac (Descapotável)
Citroën-ID
Citroën 2 CV
Chreysler Imperial
D. K. W.
Fiat 2100
Fiat 600
Giannini 590-GTS
Giannini 1000
Lancia Flávia Coupé
Lotus Elan Coupé
Loyod Arabela
M. G.-Midget
Morris 850
N. S. U. 4 — vários
N. S. U. 100 — vários
N. S. U. Typ 110
N. S. U. TT
Renault Dauphine
Renault R 10
Vauxhall Viva
Volkswagen
N. S. U. TT 1200

AUTO EDUARDO COSTA, S. A. R. L.
R. de Campolide, 27-B

NOBEL 1970

ALEXANDRE SOLJENITSINE

Em breve
três obras fundamentais:

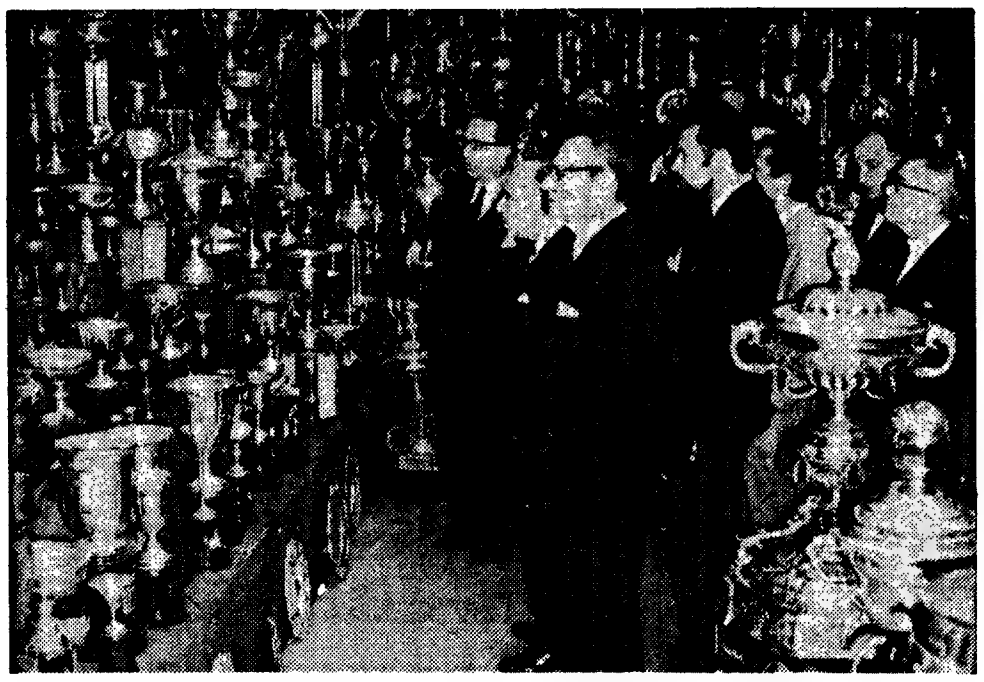
PAVILHÃO DOS CANCEROSOS
A BEM DA CAUSA

Na Colecção «Cadernos de Literatura»

OS DIREITOS DO ESCRITOR

Na Colecção «Diálogo»

publicações dom quixote
RUA LUCIANO CORDEIRO 119



Ontem á noite, a sala de troféus do Benfica foi visitada pelo eng.º Santos e Castro, presidente do Município lisboeta. Recebido por vários directores do clube da Luz, o ilustre visitante percorreu demoradamente a sala, tendo sido informado sobre o historial dos muitos troféus pelo dirigente benfiquista e conservador da sala, Álvaro Curado.

A selecção é de «esperanças»...

A selecção de «Esperanças» continua a manter um ritmo certo de trabalho. Depois do treino individual realizado ontem no Jamor, seguir-se-á, esta noite, em Alvalade, um «conjunto» frente á equipa de juniores do Sporting.

Amanhã, á tarde, haverá banhos e massagens e, no domingo, um «cross» nos terrenos do Estádio Nacional.

Finalmente, na segunda-feira, depois de um ultimo treino de conjunto o seleccionador nacional, Gomes da Silva, indicará a formação da equipa.

Entretanto, continuam concentrados os seguintes jogadores:

Fonseca, Barros, Nené e Diamantino (Benfica), Laranjeira, Tomé, Nelson e Dinis (Sporting), Rebelo e Vitor Baptista (Vitória de Setubal), Quinito e Carlos Serafim (Belenenses), Bastos (Farense) Bento (Barreirense), Artur (Académica) e Adriano (Leixões).

A discutir amanhã, em Congresso

Profunda modificação na orgânica dos campeonatos nacionais de andebol

A Federação Portuguesa de Andebol marcou para amanhã duas reuniões do Congresso: uma ordinária, para apreciação e votação do relatório do ano findo e apreciação e votação do orçamento para o ano em curso; e uma extraordinária, com uma ordem de trabalhos que se rodeia de grande importância para o progresso da modalidade.

Neste será resolvido em definitivo sobre a filiação das Associações de Vila Real, Leiria e Provincial dos Desportos de Angola e ainda a apreciação e votação dos novos regulamentos geral e de provas.

Se o regulamento geral — um documento extenso e bem elaborado — abrange todos os pontos de interesse para as partes administrativa e desportiva da modalidade, dando nova estrutura às competições regionais e tudo o que se prende com a inscrição de clubes, de jogadores, etc., a nova orgânica dos campeonatos nacionais tem especial interesse, por se poder atingir uma ambição, desde há muito tentada, mas sempre êxito.

Um «Nacional» com doze clubes, já para a época de 1971-72, é o objectivo principal dimanado do regulamento a discutir no Congresso de sábado e para ser atingido torna-se necessário que na época em curso seja alterada profundamente a orgânica do campeonato.

Assim, esta época, a competição máxima da modalidade seria disputada por 24 equipas, divididas em quatro séries, tendo como «cabeças» os quatro primeiros do último «Nacional» disputado e que são assim constituídas:

Série A — Sporting, Lisboa (1), Porto (1), Braga (1), Aveiro (1) e Setúbal (1).

Série B — F. C. Porto, Porto (1), Lisboa (1), Setubal (1), Aveiro (1) e Coimbra (1).

Série C — «Os Belenenses», Lisboa (1), Porto (2), Braga (1) e Coimbra (1).

Série D — V. Setúbal, Lisboa (1), Porto (1), Braga (1), Aveiro (1) e Coimbra (1).

Os três primeiros de cada uma destas séries formariam na época de 1971-72 a I Divisão e os vencedores da mesma disputariam entre si o título respeitante à época em curso.

O campeonato da II Divisão seria, a partir daquela época, disputado em duas zonas:

Norte — Aveiro, Braga, Porto e Viseu.

Sul — Coimbra, Lisboa, Setúbal e Castelo Branco.

Participariam nesta competição os quatro primeiros dos «regionais» de Lisboa e Porto e os dois primeiros das restantes Associações, ingressando na época seguinte na I Divisão os vencedores das zonas, por troca com os dois últimos, que transitariam para os «regionais».

Para o «Nacional» de juniores da I Divisão prevê-se sistema idêntico, nas mesmas zonas da II Divisão, de seniores.

Na divisão secundária de juniores seriam os clubes divididos em quatro zonas, a saber:

1.ª Zona — Braga e Porto.
2.ª Zona - Aveiro e Viseu.
3.ª Zona — Castelo Branco e Coimbra.
4.ª Zona — Lisboa e Setúbal.

Participariam nesta competição os 3.os a 6.os dos «regionais» de Lisboa e Porto e os 2.os e 3.os das restantes Associações.

Prevê ainda o regulamento a disputa de mais as seguintes competições: Torneio Nacional de Juvenis; Campeonatos Nacionais de Andebol de Onze (juniores e seniores); Taça de Portugal, em seniores, e Torneio Inter-Selecções Regionais de Juniores.

◆ Pequenos anúncios ◆ Pequenos anúncios ◆ Pequenos anúncios ◆

Propriedades

— VENDAS —

EXCURSÕES DA C. P. AO ESTRANGEIRO

Comunica-nos a C. P. que vai levar a efeito, até ao fim do ano corrente, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, as seguintes excursões

	Dias de duração	Preço
Madrid (1) ...	4	1350$00
Madrid (2) ...	3	1100$00
Andaluzia e Costa do Sol	9	2650$00

VIA MADRID

Lourdes	6	2250$00
Lourdes e Andorra	7	2600$00
Barcelona-Valência e Mediterrâneo	9	2800$00
Itália e Alpes	14	4100$00
Paris	10	3600$00

Para melhor elucidação peça folhetos descritivos:
Nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia);
Na Empresa Geral de Transportes Rua do Arsenal, 124.
Nas Agências de Viagens autorizadas:
Nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro.
Onde se encontram à venda os respectivos bilhetes

Contacto
H. NUNES
PUBLICIDADE
Telef. 847260

DINHEIRO

EMPRESTA-SE com rapidez qualquer quantia em 1.º ou 2.º hipoteca de prédios, parte de prédios ou construção. IRATA LAIRES, Rua da Prata, 291, 2.º-Dt.º (junto à Praça da Figueira). Telefs.: 32 54 87 e 37 06 18.

Quintinha

Vende-se com facilidades de pagamento a 20 km de Lisboa, tendo uma moradia de construção moderna c/ diversas divisões, água própria, etc. Área total, 3 hectares aproximadamente, muito bem localizada. Trata: F. Fernandes & Costa, Ld.ª, Av. Almirante Reis, 104-2.º — Telf. 536111/2/3.

CASAS para alugar

Procure V. Ex.ª nos n/ escritórios, onde temos sempre variadíssimos andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos.

Trata: SOC. CONSTI. INVICTA, Rua do Ouro, 292, 1.º — Telefs.: 36159-34755.

PRÉDIO
BAIRRO SANTOS

Construção cimento armado, revestido a evinel, composto 5 pisos, hab. 3 div. soalhadas, cozinha, casa de banho, despensa e hall. Todo alugado.
Preço — 2.300 contos.

MOSTRA E TRATA:
«A CONFIDENTE»
Rossio, 3-2.º — Telefs. 36 93 84/5/6 - 32 82 32/3 - 36 17 56

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Sociedade Estoril
Venda de bilhetes para os domingos
Aos sabados na estação do Cais de Sodré das 15 as 22 horas.

Capitais

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telefs. 367411/323172

ANDE 1.000 KM. E PAGUE SÓ 250$00
ALUGUE UM AUTOMÓVEL NA AUTO-ARGUS INTERNACIONAL

P. Olegário Mariano, 6-D — Telef. 553843
Av. da República — FARO — Telef. 05-23928

Automóveis

VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre, sem consultar. Florindo M. Coelho — R. António Pedro, 40, cave, Tel. 44846

Contacto
H. NUNES
Telef 847260
PUBLICIDADE

Opel 1700 de 63, 32 c.; Opel Kadet de 65, 30 c.; Opel 1500, 20 c.; Austin 850 de 62, 20 contos; Austin 65, 24 c.; Wolkswagen de 60, 20 c.; Tenho novas unidades. R. António Pedro, 40, c/v. Telef. 44 846.

AUTOMÓVEIS de todas as marcas aos melhores preços.
MAIA
Av. João XXI, 8-A

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 — L. St.ª Bárbara, 5-B
- 769848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1
- 42890 — Táxis Universo, Lda. — Av. Republica, 26.
- 727654 — Auto Monumental do Areeiro, Lda. — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E.
- 539169/539345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A.
- 44391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 16-B

RÁDIOS

Portáteis de mesa e de móvel, grande variedade de modelos das melhores marcas europeias em exposição na

IMPERLUZ

Avenida Almirante Reis, 172-A
Telef. 53 36 92

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.

S. R.
MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos
ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve para o estabelecimento na freguesia e concelho de Lagoa, de uma modificação e desvio da linha mista a 6 kV para o posto de transformação de Algar Seco com diminuição de 274 metros, passando a ter o comprimento total de 812 metros.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 30 de Setembro de 1970.

Pelo Engenheiro Chefe,
Joaquim Gonçalves dos Santos

Em LAGOS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no Café Portugal.

Na prova da verdade um balanço positivo

para o 4.º Rallye Internacional TAP

«É uma bela prova, muito dura, mas que vale a pena disputar». Esta afirmação feita por Simo Lampinen, no Estoril, a um jornalista francês, pouco depois de entrar vitorioso no «controle» de chegada, coberto de pó e com uma expressão de fadiga, representa o melhor elogio que alguém poderia fazer a este 4.º Rallye Internacional TAP, no momento decisivo da sua integração no Campeonato Europeu. É a adesão, sem reserva de um grande campeão à estrutura e ao traçado de uma prova cuja dureza surpreendeu os mais credenciados pilotos europeus, sem no entanto se situar para além de limites exagerados.

Por AUGUSTO VILELA

Efectivamente, viaturas resistentes e bem conduzidas, tinham muitas probabilidades de chegar ao fim, embora, para vencer, a potência fosse indiscutivelmente um factor a ditar a sua lei e que nada pôde atenuar. Por isso a «Lancia», que preferiu o TAP ao Munique-Viena-Budapeste, preparou-o intensamente e entregou a Gimo Lampinen e Sandro Munari máquinas equipadas com os motores mais potentes até agora desenvolvidos pelo seu departamento de competições. Eram motores com 152 H. P. DIN, para conjuntos que pesavam apenas 860 kg. Estes motores só tinham sido até agora utilizados em provas de velocidade, em circuitos, nunca em «rallyes».

O próprio John Davenport, que o ano passado se retirou um pouco aborrecido com a desclassificação de Tony Fall e mais tarde numa revista da especialidade em que colabora criticou desfavorávelmente a decisão de César Torres, confessou agora: «*É incontestàvelmente um rallye formidável, que nós preparámos sèriamente. Em Monte Carlo, por exemplo, a oposição vem sobretudo dos concorrentes, enquanto aqui o nosso principal adversário é a estrada. É preciso conhecer exactamente as possibilidades da viatura para que o piloto possa exprimir-se plenamente*».

Opiniões como esta ouvimos de muitos outros pilotos estrangeiros, incluindo os super-vedetas. Isto prova que, mesmo com algumas dificuldades e com alguns erros, o Rallye TAP passou a salvo todos os escolhos que lhe apresentava a sua integração no Campeonato da Europa. Daqui para a frente tudo será mais fácil, mas também será mais difícil. As exigências e as responsabilidades que recaiem sobre os organizadores exprimir-se-ão agora em parâmetros diferentes, numa amplitude que não é mais compatível com a dimensão real do nosso automobilismo. Ao nível de organização já percorrido um longo caminho que agora já não permite voltar atrás. Os organizadores compreendem isso e, quanto a nós, estão perfeitamente á altura das dificuldades que os esperam.

No ponto de vista competitivo o TAP atingiu uma expressão bastante rara. Quase até aos últimos quilómetros existiu sempre um lote de vedetas em luta titânica, sob a poeira densa das florestas do centro do País, em condições de conquistar a vitória final. E esta não sorriu fàcilmente á Lancia. Foi conquistada árduamente num trabalho técnica e tàcticamente perfeito. Desde o princípio Lampinen e Munari confiantes na robustez das suas máquinas, imprimiram um ritmo forte á prova e foram aumentando progressivamente esse ritmo, a ver até que ponto as mecânicas dos adversários resistiam. Centenas e centenas de quilómetros sem tréguas foram passando com todos os principais favoritos a aguentar o que acabou por trazer uma certa inquietação aos homens da Lancia. É até ao momento em que souberam que Van Bergen tinha ficado no Cavalinho, Roger Clark e Tony tinham partido tal como Ove Anderson, não levantaram mais o pé do acelerador. Depois afrouxaram. Waldegaard, em terceira posição tinha facilitado demais na primeira etapa e difícilmente poderia vir a constituir uma ameaça para a qual não tivessem armas, enquanto o português Lampreia, no seu Datsun 2000 protótipo, ao ascender ao quarto lugar tinha alcançado o seu «top». Daí para cima só as avarias dos primeiros permitiriam ganhar lugares. O papel dos «leaders» era, portanto, aguentar sem partir.

Os portugueses classificaram-se nos melhores lugares possíveis, em função das características dos seus carros e do seu nível de condução. Os lugares obtidos por Lampreia, Romãozinho e Peixinho, são óptimos considerado o valor das equipas estrangeiras presentes.

Aguardemos agora o 5.º Rallye TAP cuja partida deve ser dada desde já para os organizadores, pois, se há muitos louros a colher há também muita coisa a aperfeiçoar. Se assim se fizer, o TAP será dentro de muito pouco tempo uma das duas mais importantes provas da Europa.

LÍDIA FARIA

DESPEDE-SE AMANHÃ

É verdade. Desta vez Lídia vai mesmo embora, abandonando definitivamente a modalidade que serviu ao longo de doze anos, a modalidade que a tornou conhecida aquém e além-fronteiras.

Lídia parte com saudades — e deixa saudades também. Ela foi, durante muitos anos, como que um símbolo da presença feminina nas pistas de cinza. Não esquecerá aquele seu jeito de competir, de se entregar totalmente à luta, de dar tudo sem perda da graciosidade, da alegria, do encanto feminil que a caracteriza.

A despedida processar-se-á amanhã, cumprindo-se assim a data há muito anunciada. Não faltam atracções no programa — desde a presença de Joaquim Agostinho nas provas velocipédicas que terão início às 14 e 30 à apresentação em Alvalade da equipa do Belenenses «de Meirim», para um jogo com o Sporting que começará às 16 horas.

Em atletismo — e além do Sporting, como é natural, estarão presentes representações do Vitória de Setúbal e do Benfica.

Entretanto, o interesse pela «festa» vem a reflectir-se na grande procura de bilhetes. Prevê-se uma excelente «casa» em Alvalade — e Lídia, que acaba de receber um louvor da Direcção-Geral dos Dsportos, bem o merece.

HIPISMO

O «Grande Prémio de Lisboa»

permitiu a 4.ª vitória de Paul Weier

O interesse e o entusiasmo com que o 59.º Concurso Hípico Internacional Oficial de Lisboa decorrera até á sua quarta jornada, a de anteontem, criara tal ambiente de espectativa, que conduzia a uma desilusão a reunião de ontem.

Primeiro as condições do tempo, desfavoráveis; depois a ausência das «barrages» que valorizariam a prova «Varig», ou seja o «Grande Prémio de Lisboa».

O percurso inicial desta competição, invulgarmente duro para uma prova a decidir por «barrage» veio a impedir a realização dos desempates, que foi o pior que podia ter acontecido. Antes não tivesse havido nem um só percurso «limpo», o que talvez permitisse «barrage» para os que totalizaram 4 pontos.

A vala, pela sua largura, e o segundo dos triplos, pelas dimensões dos saltos foram a grande dificuldade com que depararam os 21 participantes na prova.

A actuação do cap. suíço Paul Weier, no seu magnífico «Wildfeuer» foi, assim, deveras brilhante, tendo sido pena que a sua compatriota Monica Bachmann, tivesse sido penalizada com meio ponto, por excesso de tempo.

Refira-se, também, a presença de três jovens cavaleiros portugueses, que com o capitão Fernandes Tomás, representaram o nosso hipismo. Foram eles, Francisco Caldeira, João Vasconcelos e Sá e Elmano Sousa e Costa, que cheios de brio e entusiasmo decidiram participar na prova, evitando a desagradável nota que seria a prova só ter reunido estrangeiros.

O primeiro classificou-se em 9.º lugar e os restantes chegaram ao fim, de que não puderam gabar-se todos os concorrentes, pois houve duas desclassificações e duas desistências, o que representa percentagem assás elevada, a comprovar as dificuldades que a prova oferecia.

Eis a classificação:

1.º, cap. Paul Weier, no «Wildfener», 0 p.; 2.º, mlle. Monica Bachmann, no «Erbach», 1/2 p.; 3.ºs ex-aequo, ten.-cor. Piero d'Inzeo, no «Red Fox», Duque de Aveyro, no «Telstar» e Hélio Pessoa, no «Flipper», todos com 4 pontos; 6.º, Alvarez de Bohorques, no «Pagello», 4 1/2 p.; 7.ºs, e-aequo, cap. Arturo Guilfen, no «Garant» e Philippe Henri, no «Que Dire», 8 p.; 9.º, Francisco Caldeira, no «Can Can», 12 p.; 10.º, cap. Queipo de Llano, no «Tafbu», 16 p.

A prova «Esso», para equipas de dois cavaleiros foi agradável «aperitivo», permitindo uma vitória do duo espanhol Alfonso Segovia-Duque de Aveyro.

Assistiu ás provas o sr. Presidente da Republica acompanhado do secretário de Estado da Informação e Turismo e do presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

COLABORADORES

— DE 25 A 30 ANOS DE IDADE
— COM A SITUAÇÃO MILITAR RESOLVIDA
— 3.º CICLO LICEAL OU EQUIVALENTE, COMO HABILITAÇÕES MINIMAS.

Não se exige qualquer experiência profissional, pois asseguramos a indispensável FORMAÇÃO EM CURSO DA ESPECIALIDADE.

As respostas manuscritas, com pormenorizado «curriculum», devem ser dirigidas à Av. Duque de Ávila, 95, 2.º, Lisboa-1 e indicando a referência: Curso de Formação de Delegados de Propaganda Médica.

Concurso Hípico Internacional Oficial de Lisboa 1970

SÁBADO 10

Prova N.º 11 — «ENG.º D. RODRIGO DE CASTRO PEREIRA»
— Patrocinada pela SONAP
Percurso à americana

Prova N.º 12 — «ALMIRANTE AMÉRICO THOMAZ»
— Patrocinada pelos TAP
Taça das Nações

DOMINGO 11

Prova N.º 13 — «CIDLA»
— Patrocinada pela CIDLA-COMBUSTÍVEIS INDUSTRIAIS E DOMÉSTICOS
Pequeno Grande Prémio

Prova N.º 14 — «COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO»
Prémio dos Vencedores

AS PROVAS TÊM INÍCIO ÀS 14.30 HORAS

PAÇO DE ARCOS

APARTAMENTOS MOBILADOS

de vários tipos prontos a habitar

Rendas muito acessíveis

Localização — A 100 metros da praia
— Muito próxima da Estação de C.º de Ferro
Também possuímos lojas para qualquer ramo de comércio
Faça-nos uma visita e ficará deslumbrado

Preços desde 190 Contos

Informações para aluguer e venda:

j. pimenta, S. A. R. L.

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefs. 4 58 43/4 76 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefs. 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Telef. 93 36 70
PAÇO DE ARCOS: Bairro Comendador Joaquim Matias Telef. 2 43 35 11
CASCAIS: Rua Regimento Infantaria 19, n.º 30 — Telef. 28 25 72
Conjunto Turístico da Pampilheira — Telef. 28 39 88

NOVO PRESIDENTE DA CÂMARA DE COMÉRCIO LUSO-ALEMÃ

Com a morte do sr. dr. J. P. Pinto Leite, que com outros deputados e dois oficiais foi vítima de um acidente de helicóptero na província da Guiné, em Julho passado, ficou vago o lugar de presidente da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã.

Para o substituir, o conselho director da Câmara elegeu o sr. dr E. Serra Brandão, que ali representa há cerca de um ano a Companhia Mineira do Lobito, na qualidade de seu administrador.

Muito conhecido nos meios financeiros português e internacional, o novo presidente, além de ter sido assistente do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, bolseiro do Instituto para Alta Cultura e da N. A. T. O. e professor e consultor do Governo para assuntos de Direito Internacional Marítimo, foi presidente do conselho de administração da Sociedade Comercial Ultramarina e administrador-delegado da Companhia de Moçambique, ocupando actualmente a vice-presidência do conselho de administração da Companhia Mineira do Lobito.

Fez parte de várias comissões e representou o País em numerosas missões no estrangeiro ligadas á actividade publica e privada, tendo sido presidente da Comissão Nacional para Prevenção da Poluição do Mar e da Comissão Luso-Espanhola para Estudo da Barra do Guadiana. Entre outras distinções, possui a comenda da Ordem de Isabel, a Católica, de Espanha.

Continuam a exercer as funções de vice-presidente da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã os srs. dr. Carl Brüggemann e Hans Barnstorf

Pastoral do turismo

FARO, 9 — Em representação da Conferência Episcopal Portuguesa, o bispo do Algarve, D. Júlio Tavares Rebimbas, será um dos participantes, em Novembro, no Vaticano, da Reunião Internacional da Pastoral do Turismo.

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA A EMPREITADA DE OBRAS DE CONSTRUÇÃO E URBANIZAÇÃO DO GRUPO DE MORADIAS POPULARES DO LAGARTEIRO (AMPLIAÇÃO)

Faz-se público que às 15 horas do dia 30 do corrente mês, se procederá na sala da Biblioteca da Direcção dos Serviços de Urbanização e Obras, no 6.º pavimento do edifício dos Paços do Concelho, à abertura das propostas referentes ao concurso acima designado.

PREÇOS BASE	5 800 000$00
CAUÇÃO PROVISÓRIA	145 000$00

Classificação dos alvarás indispensáveis para concorrer: — 1.ª Categoria 1.ª Subcategoria da 2.ª Classe, Subclasse A; e 4.ª Categoria 1.ª Subcategoria e 5.ª Categoria, 1.ª e 4.ª Subcategoria, 1.ª Classe.

Prazo para apresentação das propostas: até às 17 horas do dia 29 também do corrente mês.

O processo de concurso encontra-se patente até ao acto público do concurso das 9 às 12 horas e das 14 às 17 horas, em todos os dias úteis e aos sábados das 9 às 12 horas, na Secção de Expediente e Contabilidade da Direcção dos Serviços de Habitação — 5.º pavimento do Edifício dos Paços do Concelho.

Porto e Paços do Concelho, 7 de Outubro de 1970.

O VICE-PRESIDENTE

DR. JOSÉ GUILHERME BARRETO PEREIRA DOS REIS

MISSA DO 7.º DIA

Os Corpos Gerentes da SOTELMO (Hotel Mundial) cumprem o doloroso dever de participar o falecimento, no passado dia 3, deste seu saudoso Amigo e membro do Conselho Fiscal, comunicando que a Missa do 7.º dia, mandada celebrar pela Ex.ma Família, se realiza no próximo Sábado, dia 10, pelas 12,15 horas, na Igreja da Sé, em Leiria.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Aeroporto a partir das 19 e 30, e na tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Dr. José Guilherme Barreto Pereira dos Reis

CARVALHO, RIBEIRO & FERREIRA, LDA., JOAQUIM ANTÓNIO DA SILVEIRA, LDA., e SOCIEDADE IMOBILIÁRIA VALHO, LDA., cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu sócio-gerente e querido amigo, o qual ocorreu no dia 3 do corrente. Por sua família será mandada celebrar missa de 7.º dia, em 10 do corrente, ás 12.15 horas, na igreja da Se, em Leiria.

SALVADOS

ARTIGOS DE HIGIENE, PERFUMARIA E DIVERSOS UTENSÍLIOS

VENDEM-SE PELA MAIOR OFERTA

TRATA: RUA DA PRATA, 108

CARTAZ DOS CINEMAS *

Estreia de hoje — AMÉRICA DOS MEUS SONHOS — Condes

SÃO JORGE
Hoje, às 15.15, 18.15 e 21.30
(M. 17 anos)
Uma sátira monumental
SAIAS ACIMA!
com Sidney James, Joan Sims, Kenneth Williams e Bernard Bresslaw
— DOMINGO —
Às 11 h. da manhã (M. 17 A.)
em «Cinema com critério»
Um filme de François Truffaut
FAHRENHEIT 451
GRAU DE DESTRUIÇÃO
Patrocínio do Cine-Clube Católico
Entrada facilitada aos sócios do C. C. C.
Bilhetes à venda: 15$00

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
UM FILME IRÓNICO, POÉTICO E AUDACIOSO!
OS AMANTES
com Jeanne Moreau e Jean Marc Bory

VOX
(Adultos) Tel. 720888
Às 15.15, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA DE ENCHENTES
DUSTIN HOFFMAN e MIA FARROW
são os inesquecíveis protagonistas da mais bela das histórias de amor
JOHN & MARY
Um filme de excepção em Panavision e Technicolor
AR CONDICIONADO

LUMIAR
(Adultos) Tel. 793296
Às 21 horas
OS PARA-QUEDISTAS
QUANDO ELES E ELAS SE ENCONTRAM
(Ar condicionado)

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45933
Às 21 horas
A BAÍA DO HOMEM SOLITÁRIO
A ROLETA DE MORTE
ALDEIA EM FUGA
(Ar condicionado)

CONDES
(Adultos) Tel. 322523
HOJE ESTREIA ÀS 21.45
A AMÉRICA DOS MEUS SONHOS
Às 14.15, 16.30, 18.45 (Adultos)
Últimas exibições
OS INTOCÁVEIS

ROMA
(Adultos) Tel. [illegible]
3.ª SEMANA
Às 15.30 e 21.45
A espantosa realização
A PONTE DE REMAGEN
com George Segal, Robert Vaughn e Ben Gazzara
Panavision — Cor de Luxe

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 15.00 e 21.30
3.ª SEMANA
MY FAIR LADY
O filme de 8 «Oscars» o de o melhor filme com Audrey Hepburn, Rex Harrison

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661010
Às 15.00/21.00 h — 70 mm
Atenção ao horário das sessões
TECHNICOLOR
Charlton Heston, Stephen Boyd e Jack Hawkins
«BEN-HUR»

POLITEAMA
(Adultos) Tel. 326305
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
NOVO ÊXITO!
O apaixonante filme de mistério e de espionagem
DOSSIER 202: DESTINO MORTE
com Lilli Palmer e Klaus Kinski
(EASTMANCOLOR)

CASINO ESTORIL
Às 17 e 21.30 (M. 12 anos)
ALFREDO, O GRANDE
com David Hemming e Michael

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134/5
Às 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
JEAN PAUL BELMONDO e JEAN SEBERG em
O ACOSSADO
(A Bout de Souffle)
Um filme de Jean Luc Godard
Argumento de François Truffaut

ESTÚDIO
Às 15.30, 18.30 e 21.45
EM 3.ª SEMANA
(M. 12 anos)
O filme de CARLOS SAURA que obteve o Urso de Prata no Festival de Berlim e premiado em Veneza, S. Francisco, Acapulco etc.
A CAÇA

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Adultos — Technicolor
PETER SELLERS — RINGO STARR — RAQUEL WELCH em
UM BEATLE NO PARAÍSO

ODEON
(M. 17 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
O CINEMA PORTUGUÊS EM FESTA
3.ª SEMANA DE ENCHENTES
A MALUQUINHA DE ARROIOS
Realização de Henrique Campos
Segundo a famosa comédia de André Brun
com Alina Vaz, Ivone Silva, Artur Semedo, Eugénio Salvador, Linda Silva e Óscar Acúrcio

ROYAL
(M. 17 anos) Tel. 86545
Às 21.30
A PISCINA
MUNDO CÃO N.º 2

LIDO
(M. 17 anos) Às 21.30 h.
Um filme de amor e ciúme com o par romântico Omar Sharif e Anouk Aimée
O RENDEZ-VOUS

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 827172
2.ª SEMANA
Às 15.15, 18.15 e 21.30
a obra fundamental de Joseph Losey
O CRIADO
(The Servant)

ALVALADE
(Adultos) Tel. 717480
2.ª SEMANA
Às 15.45 e 21.45
a obra fundamental de Joseph Losey
O CRIADO

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
COLTS PARA OS 7 MAGNÍFICOS
com George Kennedy e James Whitmore

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 58595
Às 3 e 6.15 da tarde (a p. r.)
2.ª SEMANA
Jean Gabin, Alain Delon, Lino Ventura e Irina Demick
no grande êxito [illegible]
O CLÃ DOS SICILIANOS

AVIS
(M. 12 anos) Telef. 47163
Às 21.45
ANTÓNIO CALVÁRIO e MILÚ
O DIABO ERA OUTRO
com Nicolau Breyner, Julieta Castelo, Alves da Costa e Fernanda Borsatti
Fados de Hermínia Silva
NO PALCO: NO FINAL DAS SESSÕES, ANTÓNIO CALVÁRIO INTERPRETA OS SEUS MAIORES ÊXITOS
Às 15.30: A PRINCESA (Adultos)

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
Às 18.30 e 21.45
EM 2.ª SEMANA
Bibi Andersson, Robert Stack, Annie Girardot e James Farentino numa alta comédia em maravilhoso technicolor
A VIDA DE UMA MULHER
— O primeiro amor será, de facto, o mais forte?...
AR CONDICIONADO

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 18560
Às 21 horas
OS ESTRANGEIROS
O ÚLTIMO TRIUNFO
Metropolitano: Intendente
(Ar condicionado)

CHIADO TERRASSE
Às 15 e 21 h. (M. 17 anos)
FÚRIA DE VIVER
CARNE DA MINHA CARNE

* outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS

COLISEU — Às 21 e 30: «Companhia Internacional» (12 anos).

A B C — Às 21 e 45 e às 23 h.: «Alto lá com elas» (17 anos).

CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O Vison Voador» (17 anos).

LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O Preço» (17 anos).

MARIA MATOS — Às 21 e 45: «A Relíquia» (17 anos).

CINEMAS

JARDIM — Às 21: «Elvira Madigan» (17 anos).

IDEAL — Às 15 e 15 e às 21: «Catarina, imperatriz da Rússia» (17 anos).

ARCO-ÍRIS — Às 21: «O ódio que gerou amor» (17 anos).

OLÍMPIA — Às 21: «O gladiador de Roma» (12 anos).

PARIS — Às 21: «Chicago, Chicago» (17 anos).

CINEARTE — Às 21: «Com a fortuna às costas» (12 anos).

MOSCAVIDE — Às 21: «Serafino» (17 anos).

PROMOTORA — Às 21: «O preço da herança» (17 anos).

SALÃO LISBOA — Às 21: «A sangue frio» (17 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Arabella» (17 anos).

ESTORIL — CASINO — Às 21 e 30: «Alfredo, o grande» (12 anos)

CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «O Grande Silêncio» (12 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «Guerra e Paz» (12 anos)

● Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Os bons velhos tempos» (17 anos).

SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «Estes turistas americanos» (17 anos).

● PORTO

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «O homem perdido» (17 anos).

COLISEU — Às 21 e 30: «Amor sem barreiras» (17 anos).

RIVOLI — Às 21 e 30: «Mundo Mulher» (17 anos).

BATALHA — Às 21 e 30: «O compromisso» (17 anos)

TRINDADE — Às 21 e 30: «Os Mariços de Elisabeth» (17 anos)

ESTÚDIO — Às 21 e 30: «Muriel, ou o tempo de um regresso» (17 anos)

OLÍMPIA — Às 21 e 30: «Joe procura sítio para morrer» (17 anos)

ÁGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «A rapariga do auto-stop» (17 anos)

CARLOS ALBERTO — Às 21: «Os olhos da alma» (12 anos).

JÚLIO DINIS — Às 21 e 30: «Bonzo» (17 anos)

CINEMA DO TERÇO — Às 21 e 30: «Grande Prémio» (12 anos).

VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Perdoa... vamos amar» (17 anos)

● COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «Um sonho de reis» (17 anos).

AVENIDA — Às 21 e 30: «Dilema de uma mulher» (17 anos).

TIVOLI — Às 21 e 30: «O amor no Pacífico» (17 anos).

VIÇO ● FARMACIAS DE SERVIÇO ● FARMACIAS DE SERVIÇO ● FARMACIA

● LISBOA

ALVALADE — **Sanex**, Av. da Igreja, 31-C (Telef. 776905) * **Aeroporto**, Av. Gago Coutinho, 0'-D (à Av. D. Rodrigo da Cunha) (722384) * **Rio de Janeiro**, Av. Est. Unidos da América) — (721409)

ALMIRANTE REIS — **Castro**, Av. Almirante Reis, 76-A (44373)

ALTO PINA — **Ibéria**, R. Barão de Sabrosa 235-A (à Alameda) (728277)

ALCÂNTARA — **Vieira Rosa**, Rua Prior do Crato, 74 (660187)

AVENIDAS NOVAS — **Campo Pequeno**, Av. da República, 58-D-E (77'66') * **Figueiras**, Av. Marquês de Tomar, 20 (44995) * **Novais**, Av. Luís Bivar, 11-13 (44324)

ARCO DO CEGO — **São Jorge**, Av. Rovisco Pais, 52-A-B (534027)

AREEIRO — **Algarve**, Av. de Roma, 7-B (777478)

ARROIOS — **Bastos**, Rua Morais Soares, 91-E (844350)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Ascensa**, R. 27, n.º 4 (3112'6)

BAIXA — **Silva Carvalho**, R. dos Fanqueiros, 126 (326575)

BELÉM — **Bom Sucesso**, R. Bartolomeu Dias, 63-A (6''454)

BENFICA — **Santa Cruz**, Av. Gomes Pereira, 31-A (704828) * **Vitex**, Est. de Benfica 375-B (780548) * **J. Ribeiro**, Estrada da Luz, 199-A (780969)

CAMÕES — **Sanitas**, Pr. Luís de Camões, 24 (Tel. 322798

CAMPO DE OURIQUE — **Pinheiro**, R. de Campo de Ourique, 3'-3g (686640) * **Elma**, Rua D. Maria Pia, 358-A (686176) * **Urbano de Freitas**, Rua Silva Carvalho, 1-9 (662838)

CAMPO SANTANA — **Silmar**, Rua de S. Lázaro, 128 (42829)

ENTRECAMPOS — **São Miguel**, Pr. Francisco de Morais, 1 (77'469)

ESTRELA E LAPA — **Tejus**, Praceta de R. Possidónio da Silva, 62-A (Tel. 669485) * **Mota Capitão**, Rua de São Félix, 45-A (660720)

CAMPO GRANDE — **Cebelte**, C. Grande, 220-222 (772397) * **Curie**, Av. Madame Curie, 15-A (Tel. 778439)

CHARNECA — **São Bartolomeu**, Vila Paulo Jorge, 1 — Galinheiras (790969)

GRAÇA — **Silva**, Calçada de St.º André, 6 (862074) * **Branquinho**, Rua dos Sapadores 87 (842725)

ESTEFÂNIA — **Pancada**, R. Rebelo da Silva, 9 (Tel. 43340')

JANELAS VERDES — **Reis Garrido**, R. das Janelas Verdes, 90 (662327)

LUMIAR — **Central do Lumiar**, R. do Lumiar, 17 (790480)

MARQUÊS DE POMBAL — **Liberal**, Av. da Liberdade, 2'9 (43641)

OLIVAIS — **Central dos Olivais**, Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C, Olivais-Norte (3'5539) * **Antunes Rosas**, R. C 1 para a Praça Cidade de Luso, Olivais-Sul (3'36'0)

PICHELEIRA — **Luzmar**, Rua João do Nascimento Costa, 6-A (Tels. 728395-720709)

RATO — **Vicente de Jesus**, Largo do Rato, 3-C-D (68'947)

REGO — **Laranjeiras**, R. Filipe da Mata 60-62 (76'035)

RESTELO — **Belém**, Rua Tristão Vaz, 0-A (à Encosta do Restelo) (612248)

SANTO AMARO — **Gomes, Sucs.**, Rua da Junqueira, 326 (638'93) * **Costa**, Rua dos Lusíadas 32 (Tel. 636704) * **Dileno**, Rua Aliança Operária, 49-A-B (636540)

DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — **Conceição**, Calç. D. Gastão, 30-32 (Tel. 38'279)

S. BENTO — **Fénix**, Rua da Cruz dos Poiais, 52 (Tel. 678531)

● Linha de Cascais

ALGÉS — **Combatentes**, Av. Comb. G. Guerra, 166 (Tel. 2'3953)

CAXIAS — **Nova**, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS — **Trindade Brás** — R. Costa Pinto 86 (Telef. 2432084).

OEIRAS — **Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)

PAREDE — **Assis**, Av. Gago Coutinho — B.º das Caixas de Previdência (T. 2472948)

ESTORIL — **S. João**, S. João do Estoril (T. 26 '86).

MONTE ESTORIL — **Ofrenae** — R. de Espinho, 1 (Tel. 260391).

CASCAIS — **Misericórdia**, R. Regimento 9, n.º 41 (T. 280141) * **Cascais**, R. Conde de Monte Real, B.º Caixas (Telef. 282407)

● Linha de Sintra

AMADORA — **Cavaco**, R. Elias Garcia, 209 (Telefone 9300'9) * **Flama**, R. Elias Garcia 78-B (Tel. 932485) * **Confiança**, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938'49)

DAMAIA — **Damaia** — P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523)

QUELUZ — **Zeller**, R. da República, 83 (T. 950045) **Correia**, L. do Mercado, 3 (Tel. 950905)

CACÉM — **Central** — R. Elias Garcia 55 (Telefone 2940034)

MEM MARTINS — **Quimie**, Est. Mem Martins, 285 (T. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** — (T. 980456).

SINTRA — **Misericórdia**, L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 98039')

VENDA NOVA — **Nova**, Rua Brás Garcia, 0 (Tel. 933920)

COLARES — **Colares**, Adraio (Tel. 299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — **Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa 0 (Tel. 234'37)

ALHOS VEDROS — **Gusmão** — R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)

ALMADA — **Algarve**, R. Fernão Lopes 1 (27027).

BAIXA DA BANHEIRA — **Aliança**, Estrada Nacional, 14 (Tel. 22430).

BARREIRO — **Avenida**, Av. Alfredo da Silva 88 (T. 2273207)

COVA DA PIEDADE — **Império**, R. Cabo da Boa Esperança, 3-A (274356).

MOITA — **União Moitense** — Av. D. Teófilo Braga (Tel. 239025)

MONTIJO — **Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (T. 230008

SESIMBRA — **Lopes**, R. Cândido dos Reis 67 (Tel. 229078

SETÚBAL — **Normal do Sul**, P. do Bocage (Telef. 22216)

SEIXAL — **Godinho** — L. da Igreja, 5 (Telefone 22'858)

● PORTO

Anacleto de Barros, Rua do Loureiro, 04 (Telefone 35075) * **Camareira**, Rua do Heroísmo 90 (Telefone 52583) * **Canavarro**, R. da Restauração, 53 (Tel. 60754) * **Confiança**, R. de Santa Catarina, 960 (Tel. 22884) * **Costa Cabral**, R. de Costa Cabral, 632 (T. 40780) * **Figueiredo**, Rua de Cedofeita, 25 (T. 2620) * **Fonte da Moura**, R. de Tenger 463 (Tel. 68444) * **Monte dos Burgos**, R. do M. dos Burgos, 902 (T. 52279) * **Monte Cativo**, R. do Monte Cativo, 444 (Tel. 4687) * **Nova Avenida**, Av. Fernão de Magalhães, 692 (Tel. 52250) * **Pedrão**, L. do Padrão, 342 (Tel. 52049) * **Parente**, R. das Flores, 104 (T. 20610) * **Pombeiro**, Campo dos Mártires da Pátria, 52 (Tel. 30235) * **Sá da Bandeira**, R. de Sá da Bandeira, 236 (Tel. 36687) * **Nacional**, R. Senhora da Luz, 56

● COIMBRA

Rodrigues da Silva — Rua Ferreira Borges (tel. 24348) * **Santa Cruz** — Rua das Padeiras (telef. 23569) * **Correia** — Rua Visconde da Luz (telef. 22834) * **S. José** — Arcos do Jardim (tel. 24697).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA Telex 1363
Lisboa — Portugal

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava pouco nublado e o vento era fraco de vários rumos.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima Régua, 20°,5; mínima, Penhas da Saúde, —3°.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Coimbra 12°; Faro, 15°; Funchal, 16°; Lisboa, 6°; Penhas Douradas, 6°, Portalegre, 11° e Porto, 10°

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Na atmosfera, 16°; na água do mar: 17°

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu geralmente pouco nublado; vento fraco de vários rumos ou moderado dos quadrantes de Norte; possibilidade de aguaceiros fracos e diminuindo de frequência nas regiões do litoral para sul do Tejo.

Amanhã
Nascer ás 7 e 40
Ocaso ás 19 e 8

Dia 14 Dia 22 Dia 30 Dia 6

MARÉS:

PREIA-MAR: **Hoje** — 11 e 03 (3,4 m); 23 e 52 (3,3 m). **Dia 10** — 12 e 21 (3,6 m). **Dia 11** — 1 e 03 (3,5 m); 13 e 24 (3,9 m).
BAIXA-MAR. **Hoje** — 4 e 20 (1,0 m); 17 e 25 (1,7 m). **Dia 10** — 5 e 49 (1,8 m); 18 e 43 (1,4 m). **Dia 11** — 6 e 58 (1,5 m); 19 e 32 (1,2 m).

Um morto na estrada

Moita-Alhos Vedros

BARREIRO, 9 — Na estrada Nacional, entre Moita e Alhos Vedros deu-se esta madrugada violenta colisão entre um automóvel conduzido pelo sr. Rui Santana e Costa, de 40 anos, casado, analista, residente no Lavradio, e uma motorizada, tripulada pelo sr. Armando da Silva Rosa de 33 anos, solteiro, carpinteiro, natural de Olhos de Água, Palmela, e residente em Pinhal Novo.

Em consequência do choque o ciclista ficou em estado grave, vindo a falecer pouco depois de dar entrada no hospital de Alhos Vedros. O automobilista seguiu para casa, depois de assistido no mesmo hospital.

A G. N. R. da Moita tomou conta da ocorrência.

POR CAUSA DO «NOBEL»

Vão ser traduzidas mais algumas obras de Alexandre Soljenitsine

Pelo menos mais três obras de Alexandre Soljenitsine, Prémio Nobel da Literatura de 1970, vão ser traduzidas para português. A notícia é dada pelas publicações Dom Quixote, que anunciam a próxima versão de um romance, «*Pavilhão dos cancerosos*» (na colecção Romances Exemplares) uma novela, «*A bem da causa*» (colecção Cadernos de Literatura), e uma colectânea de textos sobre a situação do escritor no mundo moderno precisamente «*Os direitos do escritor*» (colecção Diálogo).

Para ultimar as negociações está lá em Paris o dr. Carlos Araujo, daquela editora. Entretanto a atribuição do Nobel ao romancista russo beneficiou três outras editoras portuguesas: Publicações Europa-América, Arcádia Editora e Editorial Ibis. Foi a Europa-América a primeira a interessar-se por Soljenitsine, e logo em Março de 1963, altura em que publicou o romance «*Um dia na vida de Ivan Denisovitch*» (Colecção Os Livros das Três Abelhas, tradução de H. Silva Letra).

— *É um livro notável* — disse-nos esta manhã o editor Francisco Lyon de Castro, que pensa reeditar o romance e incluí-la numa colecção de prestígio, Biblioteca Europa-América, onde há obras de Soeiro Pereira Gomes, John Steinbeck e William Faulkner.

Em Fevereiro de 1964 cabia a vez á Arcádia de lançar «*A càsa de Matriona*» (colecção B. A. B., n.º 26, tradução de Jorge Feio), novela acompanhada no mesmo volume por uma outra, «*Na estação de Kretchetovka*».

O último lançamento em data pertenceu á Ibis: «*O primeiro círculo*», tradução de Maria Teresa Ramos. Saiu há cerca de ano e meio, em Abril de 1969.

GENE KELLY, o célebre actor-bailarino norte-americano, dá um pé de dança na Praça de Picadilly, em Londres. «É só para não perder a forma», diz Kelly, que ficou célebre pela sua interpretação em «Dançando á chuva».

NOVO CASO PASTERNAK

(Continuação da 1.ª página)

mo pretendem obter com as manobras do Prémio Nobel.

A ESCOLHA SERÁ INTERPRETADA COMO POLÍTICA

COPENHAGUE, 9 — (F. P.) — «Alexandre Soljenitsine merece o Prémio Nobel de Literatura que acaba de receber, mas estou persuadido de que esta escolha será interpretada como sendo política», declarou ontem Hiffmar Wulff, presidente da Associação dos Escritores Dinamarqueses.

Wulff precisou que falava em seu nome pessoal e não no nome da Associação de que é presidente.

POLÓNIA: DECISÃO POLÍTICA

VARSÓVIA, 9 — (F. P.) — A atribuição do Prémio Nobel a Alexandre Soljenitsine foi anunciada ontem ao fim da tarde em quatro linhas pela agência polaca «PAP», que, no seu telegrama datado de Estocolmo, indica que se trata de uma «decisão abertamente ditada por motivos políticos».

Missão militar da N.A.T.O. em visita a Portugal

Desde ontem, ao fim da tarde, que se encontra em Lisboa, a missão militar da N. A. T. O. cujos componentes estão de visita a Portugal e pela segunda vez se reunem no nosso País, de acordo com o sistema rotativo que a leva a deslocar-se, todos os anos, a cada um dos países membros. É a mais alta entidade militar da Aliança Atlantica, constituída pelos chefes de Estado-Maior de todos os países, que se reunem ordinàriamente duas vezes por ano.

A missão que hoje começou os seus trabalhos é presidida pelo almirante F. H. Johannessen, da Marinha Real Norueguesa, assistido do almirante «Sir» Nigel S. Menderson, da Marinha Real Inglesa.

A missão visitou hoje de manhã a Comiberiant, em Rio de Mouro, e de tarde no Instituto de Altos Estudos Militares, em Pedrouços, teve uma reunião. À noite, ser-lhe-á oferecido um jantar, no Forte de S. Julião da Barra, pelo ministro da Defesa Nacional.

Acompanharam a missão os generais Venancio Deslandes, representante português naquela organização, o general Viriato Tavares, actual representante permanente em Bruxelas, e general Santos Paiva, seu antecessor nesse cargo.

A URSS lançou dois Cosmos

MOSCOVO, 9 — (F. P.) — A agência Tass revela hoje que os cientistas soviéticos procederam ontem ao lançamento de dois satélites da série Cosmos, os números 368 e 369.

A Tass indica que o Cosmos-269 foi colocado numa órbita com os seguintes parâmetros:

— Apogeu: 534 km.
— Perigeu: 277 km.
— Período inicial de revolução: 92 3.
— Inclinação da órbita: 71 graus.

Prof. Adriano Moreira

Afim de participar na reunião do Instituo Hispano-Luso-Americano, o prof. Adriano Moreira partiu hoje para Santiago do Chile.

O BOAVISTA NO FUNCHAL

A equipa de futebol do Boavista partiu, hoje, rumo ao Funchal, onde participará num torneio triangular que servirá para assinalar a abertura da época oficial da modalidade na Ilha da Madeira.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

só a Iberia voa de Lisboa a Palma de Maiorca (via Madrid) diàriamente (não é romântico?)

PARTIDAS DIÁRIAMENTE ÀS 18H00
COM CHEGADAS A PALMA DE MAIORCA ÀS 22H00

IBERIA
LINHAS AÉREAS INTERNACIONAIS DE ESPANHA
onde só o avião recebe mais atenções que você

Preços: classe turística
Ida — Esc. 1537-20

Consulte o seu Agente de Viagens ou a IBERIA
Rua Rosa Araújo (Esq. com a Av. da Liberdade)

Voe pelo mundo com Iberia
o romantismo de Espanha em cada avião

SAIBA COMO FOI O...

IV RALLYE INTERNACIONAL TAP

- Uma completa reportagem do mais importante rallye português e um dos maiores da Europa
- AVELÃS COELHO, ADRIANO CERQUEIRA, DOMINGOS PIEDADE, AUGUSTO VILELA e MARIA DO CÉU percorreram mais de 11 000 km para lhe oferecerem as mais detalhadas imagens deste grande acontecimento desportivo

motor

SAIU HOJE

32 PÁGINAS PREÇO 2$50

Emigração portuguesa: Um fenómeno ambíguo

EDUARDO LOURENÇO

Os pretextos ou os alibis que impedem a «inteligentzia» portuguesa de se ocupar a sério das questões urgentes e práticas da nossa vida comum não faltam. Podem todas resumir-se num só: o do sentimento (fundado) de não poder intervir no que se passa. Para quê ou porquê interessar-se por questões que só o são quando invocadas a nível «oficial» e que só nesse nível encontram um começo de resposta? Todavia, por mais fundado que seja este sentimento e o reflexo que desencadeia, roubando à energia nacional as suas fontes mais preciosas, uma tão generalizada demissão não é inevitável.

Acaba o Governo de se debruçar sobre o magno caso da Emigração. Ou por outra, o caso aparece «magno» justamente porque o Governo, autorizadamente como se diz, sobre ele se debruça. As medidas previstas, a amplitude que assumem através da criação de um Secretariado da Emigração claramente traduzem a importância nacional da questão. Só há que aplaudir, como também, liturgicamente se diz. Mas um ou vários comentários, mesmo profanos, em volta da questão, não serão descabidos. Suscitam-nos, da parte de quem é simples particular, a natureza mesma da questão, que além de nacional é humanamente dramática e no que nos concerne, o conhecimento directo e já longo da situação do emigrado português, particularmente, em França.

A primeira virtude das medidas agora previstas é a de «aceitar» que a questão da Emigração existe. Parecerá a alguns que já era assim e que ninguém com um mínimo de responsabilidade política o ignorava. Basta ter seguido atentamente a Imprensa portuguesa ou a maioria das intervenções na Assembleia Nacional até a uma data recente para se ver que a questão da Emigração existia e estava há muito posta — pela natureza das coisas — mas como se não existisse. Fenómeno irresistível, ambíguo nas suas consequências económicas, lamentável na sua realidade social, suscita numa primeira fase reacções puramente negativas, de ocultação ou repressão. Quando tomou foros de autêntico mito, convertido na sangria de mão-de-obra em que se tornou, a ocultação persistiu. O emigrante é apresentado como o candidato do «bidonville» na versão desencorajante para equilibrar o «francês» e o «alemão» que vêm passar as «vacanças» nos «Renault» e nos «Volkswagen». A culpabilidade latente que o fenómeno desperta é inconscientemente (?) transferida para os ombros alheios. Um grande jornal publica escandalizados artigos acerca da situação inumana **(e é relativamente exacto) de grande número de emigrantes. Toda a gente conhece os «bairros de lata» de Champigny, de Nanterre, etc., o que não impede, mau grado o escandalizado cronista, a hemorragia humana. Claro está que vão acudir a esse oficioso jornalista com fama de «desassombrado como tão còmicamente se escreve — que o escândalo (se o há) é, antes de mais o da própria Emigração, ou antes das proporções e da forma que tomou.**

O actual diploma põe termo à fase — oficial ou oficiosa — de ocultação. A Emigração é reconhecida como coisa nossa **e não aventura mais ou menos lamentável de indivíduos, cujo destino ou situação dizia sobretudo respeito** aos outros, **ás nações que os recebiam. À fase empírica — mas que se organizava já de ano para ano — sucederá agora uma perspectiva séria do fenómeno migratório, uma atenção programada em relação ao que aparecia como torrente que devia pela força da gravidade escavar o leito em que se deitaria (mal). O emigrante será sem dúvida** preparado **no ponto de partida e** acompanhado **no êxodo,** acolhido **no ponto de chegada e** assistido **no seu novo meio. Quem, tendo seguido a**

Cont. na pág. 9

PROBLEMAS NA AGRICULTURA

Passando por graves crises em várias frentes, a pobre agricultura portuguesa é notícia permanente.

Um comentário geral è dois casos específicos (o dilema cooperativo e a incómoda situação do figo destinado à produção de álcool) são temas que hoje abordamos (**na página 12**).

O DRAMA DOS LIVROS ESCOLARES

Em Outubro, todos os anos, há drama para milhares de famílias portuguesas. Os livros escolares são aprovados tarde, a indústria da edição não pode responder. Resta ainda o preço elevado e uma grave interrogação sobre o futuro da edição escolar. Problema de que damos notícia (**na página 3**).

O REGIME DE DOUTORAMENTO

É lícito esperar grandes coisas do novo regime de doutoramento? Um nosso leitor não parece francamente optimista, a julgar pela tomada de posição que tornamos pública, na qual contesta afirmações reproduzidas há poucas semanas neste suplemento (**Página 5**).

MESA REDONDA

A crise da fé

ÓSCAR LOPES

O mote desta mesa-redonda, ou seja, *Crise da Fé Hoje*, causa-me um certo embaraço preliminar. Tal embaraço resulta do artigo definido da expressão «*a* Fé». Com efeito, não vejo qualquer razão para destacar uma dada fé como sendo «*a* Fé» por excelência. E a crise de *uma fé* pode ser sinal, quer do surto de outra fé, quer de renovação dessa mesma fé. Ora a virtude teologal da fé, bem como a da esperança, são a meu ver inseparáveis do simples facto de se ser vivo e consciente. A vida humana cumpre-se, quer nós no-lo digamos ou não, no pressuposto de certas finalidades em cuja consecução se confia. A mais temível das responsabilidades consiste mesmo, penso eu, no seguinte: cada um de nós tem, inerente a todos os seus actos, inerente às formas mais consequentes da sua consciência, exactamente aquela fé e aquela esperança concretas — que merece, mesmo quando, como o Carlos da Maia, de Eça de Queirós, declara que a vida não vale a pena, ao mesmo tempo que desata a correr à desfilada para não perder uma jantarada de paiozinho com ervilhas.

O meu inesquecível amigo Mário Sacramento, num texto agora recém-publicado em volume de diálogo com dois católicos, intitulado *Ensaios sobre a Fé*, reivindica para os ateus como ele era, e eu sou, a existência de uma fé, com estas palavras irrefutáveis: «Pois como poderia explicar-se, doutro modo, que o ateu sacrifique a vida ou a liberdade em defesa do que pensa ou ama, quando tantos *crentes*, dispondo da eternidade em que confiam, se furtam a isso? Sim, é com Fé que todos somos homens, quando o somos.»

Por isso a fé e, indissociàvelmente, a esperança de que eu gostaria aqui de ocupar-me não são a fé e a esperança privativas nem de católicos, nem de cristãos reformados, nem de muçulmanos ou materialistas, mas a fé e a esperança que possam servir de denominador comum a todos os homens de boa vontade.

A teologia cristã mais interessante dos nossos dias, aquela que tem sido vàriamente elaborada por Bonhoeffer, Bultmann, Karl Barth, Rahner, Schillebeeckx, T. S. Robinson, etc., bem como a filosofia theilhardiana, exerceram um notabilíssimo papel de desmitificação e historização dos elementos escriturários incompatíveis com a moderna visão científica do mundo e com uma ética correspondente às actuais forças de produção social. Dentro da sua óptica, o ateísmo desempenha um papel dialéctico comparável àquilo que os escolásticos designavam como *teologia negativa*. Noutros termos: um ateísmo é sempre a negação de uma forma definida de teísmo, ou de concepção do divino; como Deus é por essência transcendente a qualquer representação humana, a negação de uma ideia definida e sobretudo inferior de Deus, como o Deus trovejante da meteorologia primitiva, o Deus taumaturgo dos milagres, o Deus causa-primeira ou primeiro motor imóvel, o Deus como *Senhor* em que se hipostasia o senhorio, ou domínio, dos senhores, ou classe dominante, ou o Deus como garante de uns Novíssimos ou de uma sanção *post-mortem* regulados de acordo com o código de valores morais da escravatura, do feudalismo ou do capitalismo — a negação de qualquer destas concepções representaria uma ascensão purificadora da ideia e da vivência de Deus. Segundo estes novos teólogos, Deus é o Futuro Absoluto, transcendente a qualquer representação humana, Deus é o objecto e ao mesmo tempo o inspirador da Esperança inominável, inerente à certeza de um sentido para a vida, que tanto se pode exprimir em termos imperativos de conhecimento, de lei moral como de plenitude estética ou mística, embora estes termos sejam sempre transitórios, ou antes, transitivos. Deus manifestar-se-ia aos

Cont. na pág. central

ASSIM VAI O MUNDO

Promoção feminina

A União Geral dos Engenheiros, Quadros e Técnicos (C. G. T.) promove, em França, no próximo dia 24, o Colóquio Nacional das Mulheres Quadros. Desde 1966-67 que a U. G. I. C. T. e a sua Comissão «Quadros Femininos» se debruça sobre a situação da mulher, que exercendo uma profissão técnica ou administrativa, continua sujeita a pressões impeditivas da sua promocão. A 1 de Maio de 1968, o numero total de mulheres activas elevava-se a 7 123 500 (35 por cento da população activa total).

Considerando os efectivos técnicos, constata-se que, apesar de uma certa evolução positiva verificada entre 1962 e 1968, o elemento feminino figura ainda com uma fraca representatividade percentual:

— 11.1 % de técnicos
— 34.8 % dos quadros administrativos médios
— 3.4 % de engenheiros
— 12.8 % dos quadros administrativos superiores.

Além disso, a grande maioria dos quadros femininos com diploma ou experiência igual aos masculinos, encontram barreiras sistemáticas (e organizadas) no acesso a cargos de maior responsabilidade. E mesmo quando os exercem, em exacta igualdade de condições, recebem remunerações nitidamente inferiores ás dos seus homólogos masculinos. As recentes estatísticas publicadas pelo I. N. S. E. E., sobre a evolução dos salários, provam que:

— na categoria de «Quadros Superiores» o salário feminino médio atinge sómente 65.5 % do salário masculino
— e na categoria «Quadros Médios» atinge 74,5 % do salário masculino.

Assim e procurando estudar soluções que conduzam a uma efectiva igualdade de possibilidades ás responsabilidades profissionais, os temas dorsais deste colóquio serão:

— obter para os quadros femininos igualdade de remunerações, de promoção e acesso
— derrubar as oposições que existem em relação á mulher ao nivel de formação profissional (quer se trate de ensino ou de educação profissional permanente)
— redução da duração de trabalho, a fim de que as trabalhadoras possam consagrar mais tempo á educação complementar dos filhos, á cultura e á vida publica
— desenvolver e criar equipamentos sociais que libertem a família do peso morto das tarefas domésticas.

A C. G. T. toma esta iniciativa de debate, na sequência de um conjunto de importantes esforços que visam integrar a mulher no movimento sindical, defendendo os seus interesses não em termos de concorrência com o homem, mas em novas formas de colaboração.

Universidade

Recomeçaram nas universidades chinesas os cursos científicos e técnicos que estavam interrompidos há mais ou menos quatro anos. Após longas discussões entre alunos, os professores, o partido, o exército, os operários e os quadros da indústria, chegou-se a uma conclusão sobre o que devem ser os estudos universitários na China, conclusão cujos princípios Alain Bouc resume no «Monde» de 1 de Outubro: «Os estudos são encurtados (durarão provàvelmente de 2 a 4 anos). As universidades gerem e fazem funcionar a sua fábrica ou granja, concebidas em função dos ensinamentos dispensados. Os estudantes aplicam os seus conhecimentos e fazem investigação, repartindo o tempo de trabalho entre a oficina, o laboratório e a aula. Acabados os seus estudos, regressam à fábrica». (Os estudantes são, portanto, pelo menos na sua maioria, de extracção operária.)

Quanto aos cursos literários e artísticos «os camaradas continuam a discussão», informa «A Bandeira Vermelha».

Fatah

Gilbert Mury, o discutido professor francês, regressou de uma longa estadia na Jordânia. Em entrevista concedida ao «Combat», Mury, pronunciando-se sobre a importância relativa das organizações palestinianas, coloca o Fatah em primeiro lugar.

«Se se fazem as contas, pelos comunicados, das acções realizadas pelos «feddayins» contra Israel, conclui-se que o Fatah representa por si só 66 por cento do total. Se se olha para Amã, verifica-se que a revolução palestiniana se identifica, aos olhos das massas, com o Fatah. E isso é ainda mais claro, parece, noutras cidades como Irbid.»

«Diz-se que o Fatah é uma organização moderada: mas o que é isso de moderada? Na circunstância, não penso que haja extremistas e moderados. O Fatah é uma organização que está presente nas massas de todo o lado, do Norte, de Amã e que desde há meses goza de uma real influência em algumas das tribus beduínas do Sul».

Equilíbrio

Alargando embora o seu comércio com o Ocidente, a U. R. S. S. pretende continuar a manter um estrito equilíbrio comercial. E, assim, dispõe-se a pagar as importações com a venda de carvão, petróleo, algodão madeira, celulose e máquinas-utensílios.

Os empresários ocidentais têm-se mostrado, até aqui, reticentes quanto ás máquinas-utensílios, temendo (segundo dizem) que os soviéticos não estejam em condições de cumprir os prazos de entrega.

Sugestão

«A industria dos países ricos deve ser orientada para produtos cada vez mais sofisticados. É a condição indispensável para que os países pobres encontrem mercados de exportação para os produtos que podem fabricar» — eis a sugestão apresentada pelo embaixador da Indonésia em Washington, Soedjatmoko, num recente congresso sobre os problemas do desenvolvimento realizado nos Estados Unidos.

ASSIM VAMOS NÓS

Produtividade

Numa intervenção que teve durante o recente Colóquio para desenvolvimento da Cova da Beira, o industrial de lanifícios José Rabaça abordou pontualmente como é seu timbre, o problema da indústria têxtil na região da Covilhã e no País. Eis o que, segundo o «Jornal do Fundão», José Rabaça afirmou acerca do tema produtividade, ùltimamente tão em voga:

«Numa comparação de valores concluiu o Presidente do Grémio da Covilhã que a produção por operário em França se fixa em 370 contos, enquanto em Portugal se queda pelos 180. Menos de metade, portanto. Certo. Os números o dizem.

A quem atribuir as responsabilidades?

Este problema é grave e é complicado. Mantenho-me fiel a um princípio que há muito defendo: a menor responsabilidade pertence ao trabalhador mesmo quando ele, em condições de produzir mais, lá não chega. Digo o porquê com uma pergunta: quem ensinou o nosso trabalhador a trabalhar? quem consciencializou o nosso trabalhador para o seu papel dentro da empresa? E, fora da actividade profissional, que promoção se tem efectuado no plano da cultura que lhe permita uma mais fácil adaptação a qualquer actividade?

Lembremo-nos que se recentemente a instrução obrigatória passou de 4 para 6 anos, ainda está na nossa memória uma disposição que reduzia de 4 para 3 os mesmos anos em preparação escolar.

Se abandonarmos a produção para entrarmos na produtividade, onde existe a planificação patronal que torne possível o rendimento conjunto que nos permita falar em produtividade?

Creio que a produtividade só pode ser alcançada duma simultânea consciencialização de patrões e operários. Operários bons com trabalho descontínuo e descomandado, tenderão a tornar-se maus operários. Igualmente empresários dinâmicos e planificadores, sem trabalhadores cooperantes, nada conseguirão de positivo».

Os defeitos, mais que as virtudes, caracterizarão quem nesta indústria, a exerce».

Bom serviço

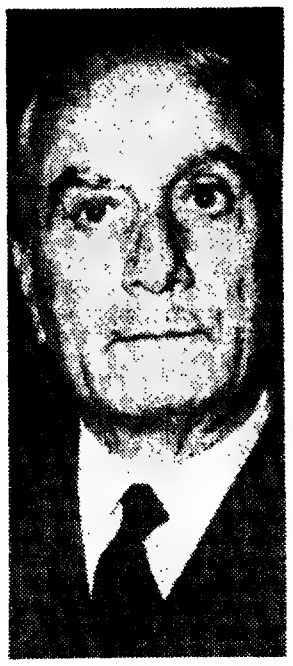
No n.º 319-20, de Vértice, *uma bibliografia de António Sérgio, recolhida e organizada por A. Campos Matos.*

O autor subdivide-a em:

1 — Obras, traduções, selecções, prefácios e notas;

2 — Revistas e jornais literários.

Não somos tão sergionistas *que possamos pronunciar um juízo fundamentado sobre até que ponto se trata de uma bibliografia completa. Mas não há dúvida que, com o seu trabalho, A. Campos Matos prestou um bom serviço á obra de António Sérgio e aos leitores do autor dos «Ensaios». Um bom serviço á cultura portuguesa.*



Conservas

De Janeiro a Julho de 1969 a produção portuguesa de sardinha, de atum e similares atingiram respectivamente 6.321 e 2.671 toneladas, enquanto no mesmo semestre deste ano não ultrapassaram as 4.900 e 1.449 toneladas. Assim, a indústria conserveira teve de recorrer a espécies de menor valor de mercado, como a cavala, que no primeiro semestre de 1970 subiu a sua produção de 369 toneladas (Janeiro a Junho de 1969) para 5.514 toneladas, e o carapau que, no mesmo período, registou 426 toneladas em vez das 369 verificadas no ano passado.

Nos primeiros seis meses de 1969 a produção total desta industria foi de 12.214 toneladas. Até Junho, deste ano, chegou ás 15.015 toneladas, o que é um acréscimo diminuto e demonstra uma franca depressão na conjuntura conserveira.

Também as exportações declinaram assustadoramente: as conservas de sardinha diminuiram no 1.º semestre de 1970 de quase 40% (9 484 toneladas para 15 373 no ano findo). No conjunto, as baixas das exportações de conservas de peixe foram de 3 505 toneladas (Janeiro a Junho de 1969, 22.015 toneladas para 18.510 no mesmo período de tempo, este ano).

ao acaso da rua

Livro escolar: mercadoria normal ou produto de interesse colectivo?

O drama de Outubro

Todos os anos, o mês de Outubro é um drama para milhares de jovens portugueses. Com o início das aulas, vem a necessidade dos livros escolares. Necessidade que, na desorganização tradicional deste sector tão importante da actividade do País, gera «bichas», corridas, desilusões, discussões e incertezas.

O processo começa a desenvolver-se meses atrás, com a candidatura do negócio dos livros únicos. Em 1970, por exemplo, só em Maio o Ministério da Educação Nacional escolheu os livros referidos e aprovou outros de adopção facultativa. Num país onde as estruturas técnicas para a edição ainda não passaram do subdesenvolvimento, onde escasseia poder comercial aos editores, que não possuem capitais passíveis de empate, o prazo é demasiado curto. E aconteceu o habitual: as aulas começaram, por força do calendário, antes de estarem prontos os livros (grande parte deles). E os que apareceram fugidiamente no mercado evaporaram-se logo. Porque foi uma primeira e pequena remessa, parte da edição aprontada mais cedo. Ou uma primeira edição pequena, fonte de capital para trabalhar as edições seguintes, de acordo com uma prospecção sumária às potencialidades imediatas do mercado, baseada em termos extremamente cautelosos.

É LÓGICO COMERCIAR COM A INSTRUÇÃO?

Há editores, por outro lado, que se defendem em prejuízo dos livreiros (de acordo com queixas que estes nos apresentaram, durante o rápido inquérito a que procedemos): fornecem, de preferência as escolas, às quais concedem descontos menores, deixando para o fim o abastecedor lógico, dentro do actual sistema de distribuição, do numeroso público interessado: o livreiro de porta aberta.

Do ponto de vista do interesse geral, da educação, do respeito que nos deve merecer esta promissora juventude de que, afinal, todos dependemos, o problema surge-nos em termos de maior gravidade. Oficialmente, adoptam-se dois sistemas aparentemente inconciliáveis: o livro único, obrigatório, portanto, para determinadas disciplinas (e com preço, também, fixado e limitado); e o livro facultativo, embora sujeito a aprovação (lógica), que, em princípio, permitirá opções mais válidas, um critério mais correcto de selecção e aproveitamento, uma mais ampla abertura na formação da primeira juventude. Beneficia neste critério, para já, aquele que parece ser o ensino mais actualizado e ambicioso que possuimos, ainda, de certo modo, a título experimental: o ensino preparatório.

Acontece, porém, que vários óbices se podem apontar a um e outro dos sistemas, se não lhe forem introduzidas alterações correctoras. Quanto aos livros únicos, é imprescindível um critério de escolha mais aberto e valorativo, dada a importância extrema da selecção. Transformar o livro oficial num válido instrumento científico e não num bom negócio, antes de tudo, insentando a escolha de pressões e que a malfada «cunha» seja varrida de vez — deseja-se. Esse mesmo critério, aliás, deve presidir à opção dos conselhos escolares dos estabelecimentos de ensino que decretaram quais os livros facultativos que vão adoptar.

Um problema essencial, contudo, limita a questão dos livros escolares: o preço. Se os livros únicos são vendidos a preços considerados acessíveis, os facultativos custam, em muitos casos, o dobro. Ora, desses facultativos muito vão tornar-se únicos em vários estabelecimentos de ensino. Quer dizer: uma grande parte das famílias portuguesas, com filhos a frequentar o ensino preparatório, vão suportar preços muito superiores à outra parte, e muitas vezes irão até comprar livros adoptados e não adoptados por causa da incerteza e das malfadadas «bichas», da falta de edições, da barafunda que reina por aqui.

Seja como for, parece-nos inadmissível a tendência que se vem notando no mercado do livro escolar em Portugal: enquanto em todos os países (mesmo os capitalistas) a tendência é para embaratecer e tornar gratuitos estes produtos de autêntico interesse nacional, de primeira necessidade, entre nós acentua-se o caminho contrário: os livros tornam-se cada vez mais caros, como, aliás, o próprio ensino. A celebrada democratização passa por muitos caminhos. E todos são importantes, mesmo aqueles que se prendem com o mercado. Há que lograr soluções, nem que seja, para começar, através de subsídios ou entrega gratuita de todos os livros escolares necessários a estudantes com menores recursos ou a famílias com vários filhos em idade escolar. O que, aliás, não chega.

QUEM DEVE EDITAR?

Está provado que a indústria do livro, em Portugal, não se compadece com as exigências técnicas e de urgência que edições deste tipo exigem. O livro escolar é artigo de primeira necessidade, tão importante como o pão para a boca. É ao Estado que compete garantir a sua sobrevivência, zelar pelo futuro da Nação. Entende-se que o livro de estudo é assunto nacional, é património necessário de todos. Está provado que um amplo investimento estatal neste sector é um investimento altamente rentável. Torna-se necessário fazê-lo, portanto. Por nós, achamos pois que será de manter os dois critérios, mas em regime diferente: os livros únicos, para todas as disciplinas do ensino, editados pelo Estado e distribuídos a tempo e horas por todos os estudantes, gratuitamente ou a preços extremamente acessíveis. São de manter os livros facultativos, de informação complementar, a recomendar criteriosamente pelos professores para uma melhor formação dos alunos e mais válido aproveitamento do ensino. Esses, como acontece em países mais evoluídos e com economias de mercado, poderiam ser editados por empresas comerciais, embora a preços não especulativos, a fim de evitar a estratificação já bem notória provocada pelas diferenças de nível social e possibilidades económicas.

Cenas que se repetem, anualmente no princípio do Outono: a «bicha» á porta das livrarias, como se o livro escolar fosse objecto raro ou proibido

Mas livros para os filhos estudantes.

A questão é abordada noutro local, pelo que, desta feita, desejamos sómente arquivar alguns testemunhos rápidos de pessoas directamente interessadas e que contactámos ao acaso nas ruas da «Baixa» lisboeta.

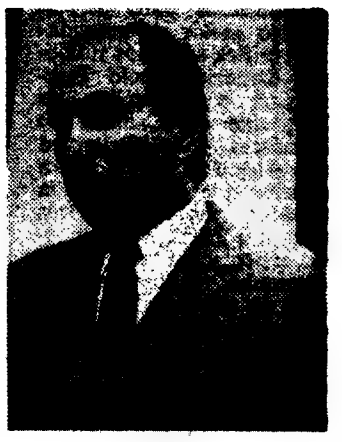
MUDAR TODOS OS ANOS...

Nem todas as pessoas abordadas — entre as quais algumas jovens — mostraram uma percepção tão aguda do problema como o sr. Hélder Gonçalves, que delxava contas á vida, uma filha pela mão, descendo a Rua da Misericórdia:

«A gente não pode concordar com isto — aproveitou para nos dizer — *O ano passado adoptaram determinados livros no Ciclo Preparatório, este ano adoptam outros, ou os mesmos com ligeiras alterações. Quem viver reprovado o ano passado, tem de comprar novos livros este ano. O mais curioso é que isto verifica-se na escola onde está matriculada esta minha filha, enquanto noutras escolas valem os mesmos livros do ano anterior.*

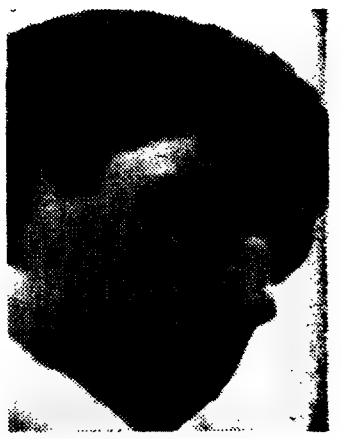
O sr. Hélder Gonçalves tem uma filha, a mais nova, no ensino preparatório, e outra a finalizar o curso comercial.

«Os livros estão mais caros — acrescentou. — *Estão mesmo muito caros. A gente não manda os filhos para o liceu por causa das propinas. Afinal, verifica-se que, pelo menos no que respeita aos livros obrigatórios, os liceais são bastante mais em conta. Para já não falar no problema de os encontrar. Olhe, conheço alunos que o ano passado andaram a estudar com livros emprestados por colegas.*



Helder Gonçalves

Manuel Aristoteles



Armando A. Rodrigues

OS SUBSÍDIOS

Junto á Escola Comercial de Veiga Beirão, encontrámos o jovem Manuel Aristóteles Marques Amante que frequenta o 1.º ano de formação comercial. Para ele, não é muito grave o problema dos preços.

«Lá em casa é que o problema é mais sentido — disse-nos, com a sua lógica — *«Arranjei já todos os livros sem grande dificuldade. Os preços variam entre 40 e 50 escudos.*

Ao lado o seu colega, Armando António Rodrigues deu-nos conta da maneira como, no seu caso o problema é em parte resolvido:

«O Sindicato do meu pai (Pessoal dos Produtos Químicos Farmacêuticos) paga metade do custo dos livros. Apresentamos o recibo e pronto».

José Antunes

OS LIVROS SÃO CAROS?

Ouvimos também a opinião do repórter fotográfico José Antunes:

«Este ano não tenho o problema dos livros. Contudo, em relação ao ano que passou, tive alguma dificuldade em arranjar imediatamente os livros necessários para o meu filho

Cont. na pág. 4

Luis Raposo

Balança comercial com a Grã-Bretanha

Quando, por acções ou declarações recentes, os industriais portugueses da pasta de papel e do concentrado de tomate se lamentam e pedem (ou impõem unilateralmente, como aconteceu com a tentativa da Madeiper) proteccionismos para o respectivo sector de actividade, verifica-se, pelos números fornecidos pelo Fundexport e transcritos no Magazine da Camara de Comércio Luso - Britanico que estes dois produtos são aqueles que maior subida tiveram, nos últimos três anos, no balanço das nossas exportações para a Grã-Bretanha. Acontece, até que, «a nossa industria de concentrado de tomate atingiu grande desenvolvimento nestes últimos anos e, devido á boa qualidade da nossa matéria-prima e mais baixo preço, conseguiu destronar os italianos da primeira posição de fornecedores do Reino Unido» a partir de 1960. Dez anos se passaram, entretanto, e as estruturas daquela indústria não resistiram, ou não foram criadas de maneira duradoira. Estamos em plena crise (ver «Mesa-Redonda» de 29 de Agosto último) e começamos a ceder na luta de concorrência com outros países — onde a Lavoura é mais forte e a mão-de-obra mesnos barata. E estamos a ceder, paradoxalmente, no campo dos preços.

Em contrapartida, a pasta para papel mantém um ritmo ascendente e próspero no campo da exportação. O valor de custo da matéria-prima é muito baixo, e estipulado oficialmente. Os preços praticados pelos nossos industriais não sofrem competição. Países de rande produção, como a Suécia, dão-se ao luxo de nos comprar pasta para lotarem a própria produção que exportam. Os lucros das empresas, em Portugal, são mais do que consideráveis. No entanto, o fantasma da crise (se não obtiverem o «contrêle» absoluto, da matéria-prima...), é frefrequentemente levantado. Os italianos pagam melhor ao nosso lavrador, pagam os transportes, obtêm a nossa matéria-prima quase pelo dobro e ainda competem connosco no mercado internacional.

A QUEDA DAS CONSERVAS

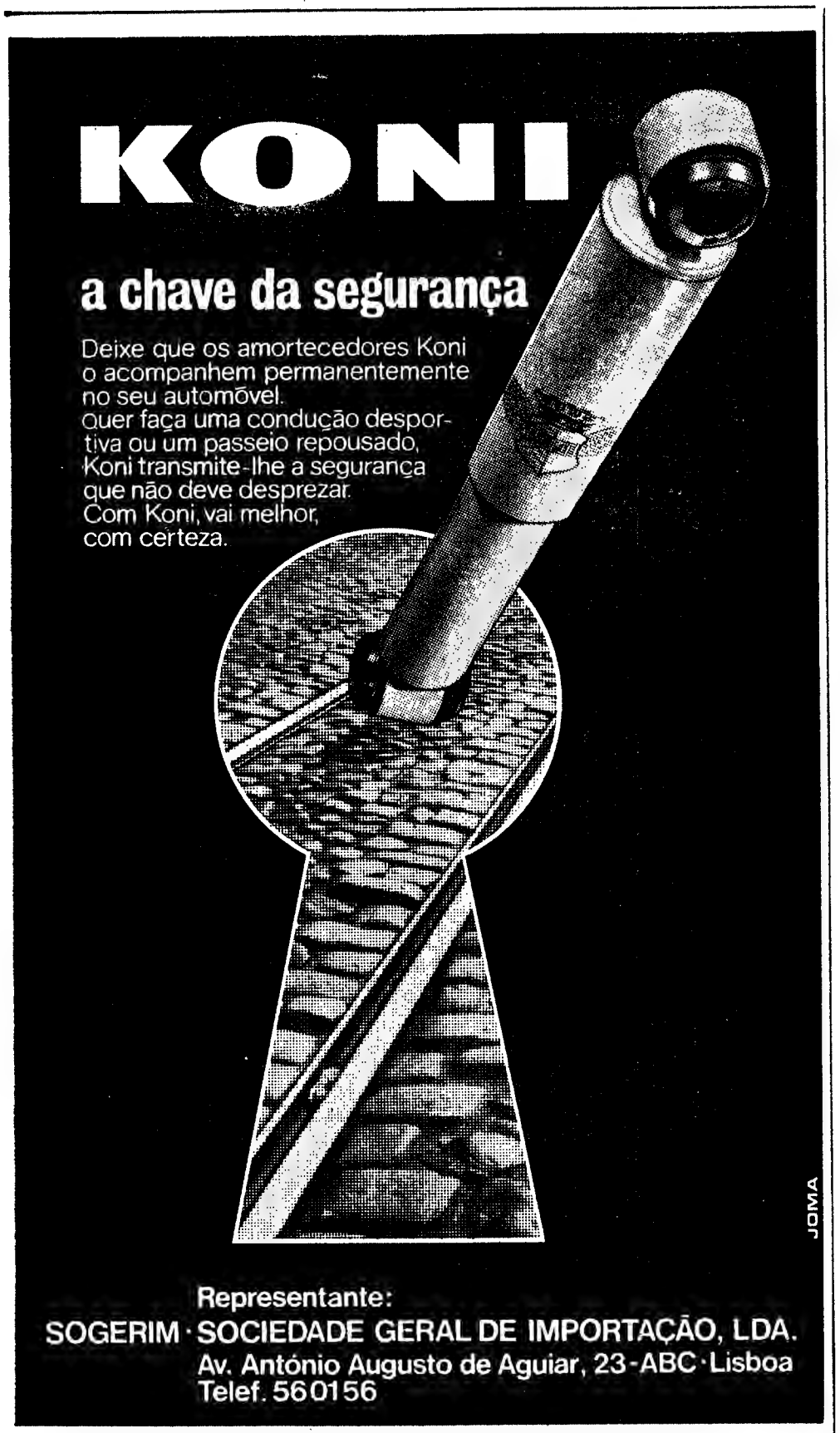
Um dos produtos de exportação portugueses mais prestigiosos — a sardinha em conserva — que chegou a monopolizar, práticamente, o mercado britanico, tem acusado uma quebra notória, de ano para ano. Em 1967 exportámos sardinhas no valor de 2318 milhares de libras (93,8 % das importações inglesas); em 1968, 2274 milhares de libras (95,7 % das importações); em 1969, sómente 1630 milhares (74 %) ano em que começámos a perder terreno, nitidamente em relação a Marrocos. A razão, aqui, é simples e bem conhecida: a indústria da pesca deixou de fornecer as quantidades necessárias para ocorrer ás necessidades da indústria conserveira. Esta entrou em crise, esgotou os «stocks», subiu necessáriamente os preços, vendo-se obrigada a decidir entre a qualidade (base do seu prestígio internacional) e a quantidade (á base de peixe refrigerado fornecido por países, como a Espanha e Marrocos, cujas frotas estão apetrechadas para pescarem em mares longínquos). O mercado britanico, fundamental, mostra-se ainda receptivo á qualidade, se bem que a fortíssima concorrência de preços praticados por Marrocos comece a dar os seus resultados. O grande mal, contudo, continua a ser a falta de matéria-prima, a ausência de capacidade para abastecer os mercados tradicionais. Se verificarmos os últimos números que temos á mão, referentes a Abril do ano corrente não vemos razões para optimismos: o total da pesca da sardinha, nesse mês, foi de 1091 toneladas (6953 contos), menos 1449 toneladas do que em igual mês do ano anterior, 35,6 % desse pescado destinou-se á indústria de conservas, cuja produção, em Maio deste ano, foi, todavia, superior á de igual mês de 1969: 1970 toneladas, contra 1859 (sómente sardinha).

OUTROS PRODUTOS

Juntamente com os diamantes, os têxteis ocupam a cabeça no rol dos produtos que mais divisas britanicas trazem para o nosso País. Contudo, as restrições britanicas, dos últimos anos e a protecção á indústria têxtil do Reino Unido dificultaram a situação deste produto português, bastante apreciado pela qualidade. Outro factor limitativo, de momento, é a constante subida dos preços de custo, na base. A Suíça, valendo-se da sua posição de parceiro da E. F. T. A., galgou rápidamente o mercado britanico, ultrapassou a India, Hong-Kong e Paquistão e colocou-se á frente dos fornecedores da Grã-Bretanha.

A cortiça portuguesa mantém o seu lugar (somos o primeiro produtor mundial...), verificando-se evoluções favoráveis no calçado e nas ceramicas. Somos o primeiro fornecedor da Grã-Bretanha em madeira para caixas.

Na posição total relativa, verifica-se que em 1969 houve uma quebra das nossas exportações para o Reino Unido, (de 28,6 % do total, em 1967, para 26,2 % em 1969). Assim, ao contrário do que se tinha verificado nos dois anos anteriores, a balança de pagamentos com a Grã-Bretanha foi desfavorável a Portugal, em 1969, em 397 799. contos. A tendência prevista para 1970 não promete grandes alterações, para melhor.



Ao acaso da rua

Cont. da pág. 3

Não os achei caros (não sei qual o preço deles, este ano), se comparados com as edições literárias. Acho que a qualidade e perfeição gráfica melhoraram muito. Enfim, todos sabemos que os materiais, a mão de obra encareceram. Isto, evidentemente é uma reflexão objectiva sobre o problma aqui e agora. Não nos podemos esquecer que há países onde todo o material escolar é fornecido gratuitamente pelo Estado.

Finalmente, outra opinião objectiva: a do estudante Luís Raposo aluno do 6.º ano, que saía de uma livraria, no Chiado, carregado de livros, tal como um colega que o acompanhava:

«Lá caros estão e muito. Só nos livros obrigatórios, acabo de gastar cerca de 500$00. Com os não obrigatórios, mas que ao fim e ao cabo, são necessários, faça-lhe a conta. Também tenho tido dificuldade em encontrá-los. Resolvido que está esse problema, resta-nos verificar uma subida de custo muito acentuada, pese embora a melhoria no aspecto gráfico qualidade geral das edições.

Métodos de gestão do pessoal

A evolução das curvas de ofertas e procura em matéria de emprego, preocupam os empresários nos Estados Unidos. O desenvolvimento, a técnica e a automatização crescente postulam cada vez maiores necessidades que não são satisfeitas pelos efectivos com formação superior ou especializada.

Em relação aos quadros de engenharia, as necesidades entre 1968 e 1975 foram calculadas em 510 000 e a oferta entre 360 a 400 000. Para os técnicos a procura seria de 560 000 e a oferta entre 340 a 400 000. A oferta global dos cientistas calcula-se superior à procura, mas, nos sectores ditos de vanguarda (poluição, oceanografia, etc.) o número de formados é bastante escasso.

Também a procura de serviços de secretaria e dactilografia nos centros urbanos, e de empregos, ligados à utilização de ordenadores, não é compensada.

Por outro lado, a automatização de inúmeros sectores tem consequências profundas: um maior apelo à iniciativa individual, eliminação progressiva da repetição de tarefas. Tudo isto põe em causa o que Warren Bennis designou por «The Burreaucracy», isto é, a tradicional estrutura de gestão. Em suma, o sistema autocrático ou paternalista de outrora não se adapta ao progresso industrial de hoje e os esforços de reciclagem de «managers», conduzidos pelo Departamento de Trabalho em Washington, durante 5 anos de experiências não levaram a resultados positivos, pois os meios empresariais não cedem fàcilmente às mudanças requeridas. Daí a necessidade de uma nova metodologia em que se debatam as bases técnicas, os fins objectivos do «desenvolvimento de empresas». Para tal criou-se a «Task Force», grupo escolhido entre os quadros superiores, que analisando as formas da actual «cultura» empresarial e as relações funcionais no seio da empresa, programa os meios de utilização plena das forças físicas e humanas na empresa. Um novo modo de fazer com que os empregados colaborem efectivamente para o dinamismo da empresa ou as subtilezas da exploração.

COMUNICADO

Emílio de Azevedo Campos & C.ª, Lda.

R. ANTERO DE QUENTAL, 17-1.º e 2.º — LISBOA
R. SANTO ANTÓNIO, 137-145 — PORTO

Informa todos os seus estimados Clientes que amanhã sábado, dia 10, todos os seus departamentos de Lisboa e Porto estão encerrados por motivo do almoço de confraternização anual que se realiza na Curia.

O NOVO REGIME DE DOUTORAMENTO

polémica

Passo em frente ou passo em falso?

EDUARDO MARTINHO

Foi com grande interesse que li na Mesa-Redonda de 25 de Setembro último as opiniões de três doutorados no estrangeiro a propósito do novo regime e doutoramento nas Universidades portuguesas (decreto-lei 388/70 de 18 de Agosto). É inegável que se trata de um problema da maior importância porque respeita a um dos aspectos vitais do ensino superior e da vida universitária. Consequentemente convém vê-lo debatido publicamente e com objectividade, não esquecendo que ao pretender-se servir causas sérias é absolutamente necessário evitar referências inexactas, conclusões não fundamentadas e optimismos sem razão real de ser, como algumas das afirmações produzidas pelos intervenientes no inquérito não são inteiramente correctas e como, por outro lado, há facetas do problema que não foram abordadas, julgo oportuno este comentário. Não será exaustivo, longe disso, mas creio que contribuirá para se ter uma perspectiva diferente do problema.

As perguntas formuladas foram:

1.ª — Que pensa do novo decreto sobre doutoramentos?

2.ª — Onde fez o seu doutoramento e que pensa do sistema seguido?

3.ª — Qual o papel que o novo decreto pode ter no desenvolvimento da investigação e na qualidade do ensino?

4.ª — Encontrou em Portugal as condições para prosseguir os seus estudos?

5.ª — Quais são as viabilidades de doutoramento em Portugal para um assistente?

Os três doutorados no estrangeiro interrogados foram:

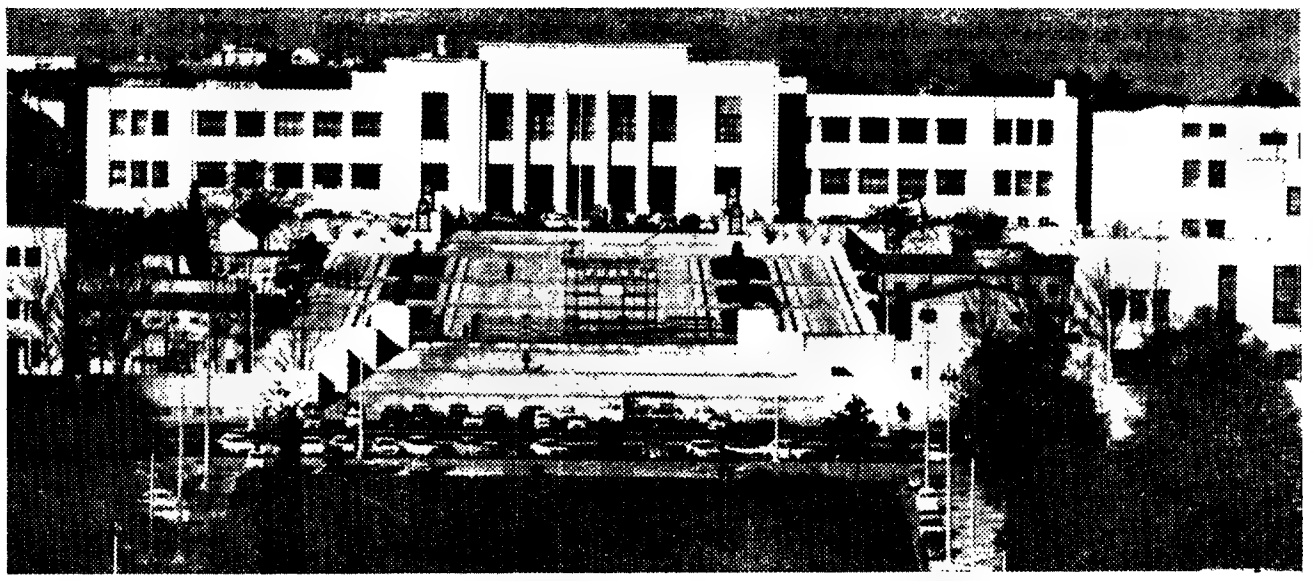
José Lopes da Silva (J. L. S.).

Gabriela Lopes da Silva (G. L. S.).

Jorge Gonçalves Calado (J. G. C.).

O objectivo do doutoramento

No contexto da 1.ª pergunta tem uma importância fundamental a análise da definição do objectivo do doutoramento. Do mesmo parecer é J. G. C.: «Não se pode negar que o novo decreto sobre doutoramentos representa um grande progresso em relação ao antigo regime. Em primeiro lugar porque se define como sua finalidade específica a averiguação da capacidade para a investigação científica e do espírito criador e crítico do candidato». Aqui há uma inexactidão, pois não é esta (infelizmente) a única finalidade do doutoramento prevista no decreto. No n.º 1 do artigo lê-se que «o grau de doutor comprova alto nível cultural e aptidão para a investigação científica em determinado ramo do saber». Tem-se assim que no articulado nada se diz do «espírito criador e crítico do candidato» (isso é no preâmbulo...), antes se exige «alto nível cultural». Aliás aproveito a oportunidade para perguntar a quem possa elucidar-me: que se entende por «alto nível cultural em determinado ramo do saber»? Como se avalia? Quem o avalia?



Maior abertura na admissão ao doutoramento?

Das respostas dadas às diferentes perguntas, fica-se com a convicção de que os três intervenientes no inquérito depositam grandes esperanças no aumento substancial do número de doutoramentos, o que é desejável segundo o preâmbulo do decreto. Uma das razões para que isso aconteça poderá deduzir-se da resposta de J. L. S. à 1.ª pergunta quando se refere à «maior abertura na admissão ao dutoramento» prevista no novo regime. Esta afirmação induz em erro, porque as actuais restrições de candidatura são prticamente as mesmas que vigoravam até aqui.

Na legislação anterior exigia-se a informação final mínima de 16 valores na licenciatura, podendo no entanto o conselho escolar, por deliberação de três quartos dos seus membros, considerar o «curriculum vitae» do candidato equivalente a essa informação mínima.

Entretanto no n.º 2 do artigo 3.º do decreto lê-se:

«Podem candidatar-se ao grau de doutor:

a) Os licenciados pelas Universidades portuguesas com informação final mínima de 16 valores ou os equiparados, nos termos legais com classificação equivalente;

b) Mediante parecer favorável do conselho escolar, os licenciados com informação final mínima de 14 valores que tenham servido como assistentes ou leitores, pelo menos três anos lectivos, na escola em que requerem o doutoramento;

c) Mediante parecer fundamentado do conselho escolar, aprovado por maioria de dois terços do número dos seus membros, aqueles que, embora não preenchendo os requisitos das alíneas anteriores, tenham realizado trabalhos de valor sobre matérias em que pretendem doutorar-se».

Como se constata fàcilmente «a maior abertura na admissão ao doutoramento» é tão reduzida que não será certamente através dela que o número de doutoramentos aumentará como se deseja. Todavia o aspecto essencial da questão não é tanto o aumento do número de candidatos, mas sim a arbitrariedade da selecção dos mesmos. Na verdade não se justificam as restrições de candidaturas baseadas em classificações: só o valor científico da dissertação deve fundamentar a decisão de admitir ou não o candidato à prova de doutoramento.

Dado o único objectivo que deve ter o doutoramento, «averiguação da capacidade para a investigação científica e do espírito criador e crítico do candidato», pretender seleccionar os candidatos através da informação final de curso é admitir que essa nota reflecte algo das suas possibilidades na investigação científica. Ora é do conhecimento público (artigos, colóquios, mesas-redondas, discussão na Assembleia

Cont na pág. 8

A criação de novas universidades e o recrutamento de pessoal docente

Um dos pontos mais necessários a mudar, se se quizer andar para a frente e bem na criação de novas Universidades — e até para tomar as que existem algo de mais aceitável! — é a forma de recrutamento do pessoal docente. A legislação recentemente promulgada veio dar um grande passo em frente e aquela que se promete virá naturalmente a complementar esse avanço. Não me furto a contar um caso bem demonstrador do ridículo sistema que vigorava, como disse já parcialmente modificado pelo actual ministro da Educação Nacional.

Eu tenho um amigo que é licenciado em Medicina Veterinária pela Escola de Lisboa com 14 valores, licenciado em Biológicas pela Faculdade de Ciências de Lisboa com 18 valores e doutorado pela Universidade de Edimburgo. Além disso tem uma série de trabalhos científicos publicados, alguns deles em revistas de reputação internacional, que lhe abrem as portas de muitos bons laboratórios de investigação — dentro ou fora de Universidades — por esse mundo fora.

Uma recente Universidade portuguesa, tão pobrezinha de valores que desesperadamente busca elementos para o seu corpo docente, desejava-o lá. Mas, como esse meu amigo já tinha esgotado o tempo máximo como aseistente (na Veterinária e na Faculdade de Ciências, em Lisboa), ele, á base da lei, **nem sequer podia ser segundo assistente para essa Universidade** e pensavam num subterfúrgio em que, colocando-o em lugar numa instituição que não é a Universidade mas está junto dela, permitisse vir a utilizá-lo como docente.

A razão de tudo é que aquele meu amigo, apesar do seu excelente curriculum, não tinha feito um doutoramentozinho á portuguesa, que isso é que era bom e isso é que «provava», á face da lei, a sua competência!

Como exemplo dum estado de subdesenvolvimento do País não era possível, realmente, encontrar melhor! E prova como era necessária a legislação promulgada neste sector nos últimos seis meses.

Desperdiçar dinheiro

Tem sucedido com certa frequência, em Portugal, serem enviados para o estrangeiro bolseiros que vão aprender coisas que por cá já atingiram, nalgumas instituições, nível muito razoável. Isto tem dois graves males. O primeiro é o desperdício pois se vai gastar dinheiro com uma bolsa no estrangeiro quando a mesma matéria poderia ser aprendida no País. O outro — talvez mais grave — é que se dá ao estrangeiro a ideia de que isto por aqui ainda é pior do que a já de si bastante má realidade.

Qual das hipóteses?

Por escassez de corpo docente, de que há tanto tempo se fala e que tão pouco vinha fazendo para remediar, é hoje corrente, em todas as nossas Universidades, os assistentes regerem cadeiras.

Reger uma cadeira na Universidade é algo muito sério e que exige uma preparação e um nível que não se improvisa. E assim:

— ou o assistente já tem esse nível e está ele a ser lesado, pois deveria ter o vencimento e as prerrogativas de professor extraordinário ou catedrático (conforme o nível que tivesse atingido);

— ou são os alunos que estão a ser prejudicados não recebendo aquele ensino que teriam o direito de exigir ao frequentar a cadeira.

O pior é que parece que ninguém se apercebe da evidente enormidade deste facto.

MIGUEL MOTA

A PROPÓSITO DAS TÉCNICAS DE FREINET

Devotamento à causa da escola po

MARIA ISABEL V. PEREIRA

Há tempos, a mim e a outros colegas, foi-nos dirigida esta pergunta: O que devemos a Freinet? Respondi assim: «Guardo para toda a vida a descoberta da razão do rumo que deve seguir todo o movimento educativo, a nossa própria auto-educação». Mais tarde tive oportunidade de desenvolver esta minha afirmação e esclareci então que a certa altura da minha vida profissional fizera uma descoberta importante: aquilo que, um pouco inconscientemente tinha em mim, havia adquirido mais no ambiente em que meus pais me criaram do que em lições ou explicações que me tivessem dado ou que a escola de algum modo me tivesse ensinado. Tratava-se daquele sentimento de respeito e apreço pelo trabalho — por qualquer trabalho dignificado e dignificador. Isto aprendi depois em contacto com Freinet — deveria ser de facto o ambiente a criar nas minhas aulas, era esse o sentimento que alicerçaria o rumo a dar a toda a minha função de educadora.

Presentemente julgo-me no dever de continuar a testemunhar Freinet e a sua maneira de estar na vida, bem patente em tudo aquilo que escreveu e praticou, ao longo da sua existência, mas ainda frequentemente desvurtuado.

Ora é o próprio Freinet que falando de si mesmo define a posição que deseja ocupar na grande obra da pedagogia: «a do devotamento á causa da escola popular».

Quero hoje esclarecer que não foi só através da leitura dos diversos livros escritos por Freinet que melhor o entendi. Foi principalmente na sua escola onde vivi a alegria de ser membro de uma comunidade — ainda que pequena — e onde senti que todos os trabalhos, desde os necessários á manutenção da ordem e limpeza da escola, alimentação dos seus habitantes, arranjos de roupas, etc., aos trabalhos de classe em qualquer aula ou «atelier», reuniões de cooperativa, de professores, organização de exposições, serões recreativos, passeios, trabalhos de jardinagem, a própria vindima em que ainda participei tudo, TUDO era resultante das próprias necessidades da vida que estávamos empenhados em viver: crianças e adultos, discípulos e mestres.

Por isso Freinet quando me escreveu, acedendo ao meu pedido de estágio na sua escola, acentuava: «Se ajudares o melhor possível na conduta da casa, ao mesmo título que os professores que ali serão nomeados, receber-te-emos de igual. Quer dizer: serás alojada e alimentada sem qualquer despesa para ti. Repara que a actividade que te pedimos tem, ao mesmo tempo, uma grande importância pedagógica. É na medida em que nos interessamos profundamente pelas crianças que nos conhecemos bem e que sentimos igualmente o que é preciso realizar em ordem a uma boa educação».

E mais tarde especificará em carta comprovativa do meu estágio: «Participou simultâneamente na vida do nosso internato e aplicou-se na resolução não só dos problemas escolares como daqueles que respeitam ao comportamento das crianças em comunidade, e das relações novas entre crianças e educadores».

Criadores de um mundo novo

Construtores de um novo mundo

As técnicas de Freinet são, antes de mais, «Técnicas da Vida» ou mais precisamente, técnicas que servem a uma concepção e prática de viver, tanto escolar como extra escolar. Mas que tipo de vida? Perguntar-me-ão. A um tipo de existência em que os indivíduos, através de um trabalho realizador, se vão apercebendo das suas possibilidades, das suas responsabilidades e direitos como seres humanos e sociais que devem ser, existência essa que os levará a «construirem-se partindo do interior.» E daqui a razão porque me parece grave deturpação aceitarem-se ou praticarem-se as técnicas de Freinet desligadas de toda uma Educação do Trabalho. Porque sem ela poderemos ter crianças ou adultos praticantes de algumas mais ou menos interessantes técnicas, adeptos de sistemas mais ou menos atraentes — mas não teremos construtores de um novo mundo.

Ora essa educação do trabalho, dos mais importantes, pilar em que acenta a pedagogia Freinet, é «um diálogo permanente entre as mãos e o cérebro» de que nos fala Óscar Lopes na sua obra intitulada «As mãos e o espírito». Numa outra passagem dessa mesma obra explica-nos o seu autor: «Dizer que o homem é um animal racional significa mesmo que é um animal que tem história; um animal que se faz e refaz a si próprio». Este «fazer e refazer» não creio que possa ser atribuído a qualquer varinha de condão, actuando sobre uma atitude estática do homem; mas antes á sua *inteligência e esforços, que o mesmo será dizer, ao trabalho conscientializado.* Continuando ainda a servir-me da palavra autorizada do mesmo professor e ainda no mesmo trabalho, citarei uma outra passagem que me parece significativa: «Sem vida social um homem nem sequer se aperceberia do seu próprio *eu*. O *eu*, sendo a negação do *tu* ou de *nós*, por exemplo, implica por isso mesmo a sua existência, e evolui em correspondência com eles. A análise do pensamento e da linguagem mostra-nos, portanto, que o ser humano é ainda mais profundamente social do que parece á primeira vista.»

Salientei estes ensinamentos e aconselho a leitura daquele trabalho, porque através dele me parece chegar-se fàcilmente á conclusão de que o homem é ser racional, porque trabalha ou enquanto trabalhador consciente: e é ser social porque homem. E destas possíveis conclusões julgo advir-nos o sentir premente da indispensável educação do trabalho — conforme nos ensinou Freinet — e da não menos necessária integração de homem, com todas as suas potencialidades e funções, numa sociedade com a qual realiza, ou deverá realizar, uma acção de interligação e interdependência: o homem valorizando-se valorizará a sociedade; esta melhorada, fornecerá melhores condições de vida aos homens. O homem sabe que tem obrigações para com a sociedade, e cumpri-las-á. Mas adquiriu também direitos e na medida em que ele se torna «elemento actuante» exige dos seus semelhantes, da sociedade, a execução dos deveres que lhe competem, que são afinal os direitos de cada indivíduo tornado cidadão consciente.

Uma sociedade a preparar conscientemente

Ora tudo isto não é novidade para ninguém. É apenas a necessidade de criar um mundo constituído por um maior número de indivíduos humanizados — conscientes do seu real valor — homens sociais que interessam a uma sociedade, organizada ela por sua vez, para servir a grande massa humana. Não nos parece p tal sociedade surja por g pontânea, nem tão-pouco quer influência m[illegible]osa. que ser consciente... ante p creio que á Escola cabe, mente, mas uma import dessa preparação.

Chegados a esta convic ce-me indispensável um pr so de consciencialização massa de professores, de professores que se não em ser apenas oficiais do comerciantes do ensino, m ser educadores. E parece que não será nas escolas nem mesmo nas médias, qu uma educação do trabalho não se esperará para ini qualquer faceta ou aspect de educar. Porque não fácil então modificar pens consciências deixadas a ou, pior ainda, deixadas ções de se adulterarem.

Há excepções, claro. Ma ciso lembrar que não é so ções que se baseiam leis c espécie de sistema? Julgo sável e já me parece tarda cação do trabalho para a

Eleições suecas

Seis milhões e seiscentos e quarenta mil eleitores suecos foram às urnas para eleger os 350 membros de Assembleia única, nos termos da reforma constitucional adoptada em 1968. O facto característico destas eleições é que socialistas e comunistas ganharam a maioria no Parlamento. Esta situação foi um choque para o grande patronato sueco que contava obter um recuo do partido social-democrata de modo a fazê-lo estabelecer um acordo com o partido do centro. O partido comunista tinha declarado préviamente:

«Nós combatemos pelo nosso programa, mas nunca contribuiremos para substituir por um governo não socialista, um governo social-democrata».

Cont. da pág. 1

homens na certeza de uma Promessa, memo que os termos dessa Promessa se articulassem na consciência de um modo totalmente negativo em relação ao privilégio ou singularidade histórica inexplicável de uma Revelação, como a primeira Revelação feita a Moisés, e a segunda Revelação efectuada através da encarnação de Cristo.

Engels escreveu um livro para salientar os aspectos històricamente progressivos do cristianismo primitivo, e ainda os de outras fases posteriores, como o da revolta dos Anabaptistas, de Thomaz Münzer, na qual, aliás, ainda hoje Ernst Bloch, que se proclama marxista, pretende basear uma espécie de *teologia da revolução*. Nada há de mais parecido com uma religião fanática do que um ateísmo e, ao mesmo tempo que mete indiscriminadamente no mesmo saco todas as formas mais díspares de religiosidade teista, proclama afinal escatològicamente a sua convicção num fatalismo da história, como se o Destino lhe tivesse sido revelado por qualquer processo indiscutível a-acima da razão positiva.

Ora, uma vez postos os problemas neste terreno para onde os chamei, julgo que me resta dizer o que se me oferece acerca destes dois temas, que terei de comprimir nos limites do tempo disponível: 1.º, em que consistirá a crise actual da fé cristã, nomeadamente católica; 2.º, quais os motivos ou razões de uma opção ateísta, dentro da dialéctica, aliás, sempre em aberto entre o teísmo e o ateísmo.

A Igreja atravessa hoje de facto uma crise difícil, mas não me parece que essa crise seja essencialmente de fé, no sentido subjectivo do termo. Essa crise, talvez a mais grave de toda a sua história, é sobretudo uma crise institucional. De facto, se a Igreja se pretende nascida de um pacto entre Deus e os crentes, e se o seu campo de acção é o mundo dos homens, creio que os fenómenos generalizados de contestação antiautoritária, a carência de vocações sacerdotais obrigadas ao celibato, a extensão de um socialismo professamente ateu em mais de um terço do globo, não podem atingir por qualquer forma uma Promissão divina que se estenda para além das formas institucionais de que se reveste. Supomho que a atitude mais cristão se p nobres palav quand[illegible] *e do estabe Portugal*, pro Europa no te mados «gove pretexto de incluindo os aí a hipocris baixo da terr à luz do sc incensa; todo declarando-os

opular

ece possível que
por geração es-
bouco por qual-
osa. Não. Tem
nte preparada e
cabe, não total-
mportante parte

convicção, pare-
im primeiro pas-
ação da grande
es, de todos os
não contentem
ls do ensino, ou
no, mas queiram
parece-me ainda
colas superiores,
as, que se inicia
abalho, tal como
ra iniciar então
aspecto da obra
não creio seja
pensamentos e
as adormecidas
adas em condi-
em.
o. Mas será pre-
é sobre excep-
leis ou qualquer
Julgo indispen-
tardar esta edu-
ara a criação de

uma futura e mais perfeita sociedade. Sociedade essa onde todo o trabalho em geral e alguns trabalhos em particular, deixem de ser um estigma de castigo, de qualquer tipo de castigo, advindo seja de que pecado for! Mas para ser assim, a força motriz que torna o Homem nesse extraordinário obreiro das mil maravilhas do nosso mundo, capaz até, aqui e além, neste e naquele tempo, de se apropriar de leis da Natureza; e que, como ser racional, tem por um dos seus principais direitos, o de fazer accionar para sua felicidade e a de todos os seus semelhantes.

Um espírito novo

Após estas despretenciosas considerações, concluirei finalmente:

1.º — As técnicas de Freinet, sendo Técnicas de Vida servirão não apenas para os alunos mas também, e primeiro, para os mestres.

Assim, temos que nos resolver a aceitá-las, ou melhor: temos de ser sinceros connosco mesmos e, se não as quisermos aplicar na nossa própria vida, não deveremos aplicá-las á dos nossos alunos.

2.º — Se queremos sinceramente trabalhar por uma sociedade melhor, temos, antes de mais, de rever as nossas posições perante a vida, perante a sociedade, perante os nossos alunos e possuirmo-nos de um «espírito novo». Depois tudo virá como consequência.

«É na medida em que nos interessamos profundamente pelas crianças que nos conhecemos bem»

«Esse «espírito novo» não pode resultar de uma explicação, por mais eloquente que seja. É, por natureza, uma concepção demasiado abstracta para que se possa explicar por meio de palavras. Nasce das situações novas que criamos e das respostas por nós dadas aos problemas que nos são postos.» (1).

3.º — Se estamos realmente decididos a fazer esse trabalho (consciente) temos que iniciá-lo na escola infantil.

4.º — Mesmo se, de momento, não tivermos possibilidade de praticar, integralmente, técnicas de Freinet, nem tivermos as condições necessárias para as praticar com perfeição — e tanto uma como outra coisa são inevitáveis porque não há em parte alguma, nem em tempo nenhum, as condições ideais — não nos esqueçamos que em qualquer circunstância, com quaisquer condições, podemos sempre fazer alguma coisa.

★

E a força que nos mover é que fará surgir os melhores frutos! Pois é ainda Freinet que nos adverte: «A libertação da escola popular virá primeiro da acção inteligente e vigorosa dos próprios professores populares».

(1) C. Freinet

A crise da fé

mais coerente de um verdadeiro
se pautaria sempre por aquelas
palavras de Alexandre Herculano
o Prólogo à *História da Origem*
Estabelecimento da Inquisição em
protesta contra aqueles que na
no tempo impunham os então cha-
«governos de autoridade» sob o
de salvar os valores tradicionais,
os religiosos. Diz Herculano: «Há
pocrisia, que, depois de minar de-
a terra durante anos, surge, enfim,
do sol e, balouçando o turíbulo,
todos os que abusam da força,
ndo-os salvadores da religião, como

numa redenção apocalíptica, milenarista, se a religião precisasse de ser salva ou coubesse no poder humano destruí-la.»

A dificuldade de reajustamento da Igreja de hoje reside em ter de escolher entre as estruturas que até hoje lhe garantiram a sobrevivência e outras novas estruturas, não experimentadas, que se relacionam com os novos e futuros modos de produção e convivência entre os homens. A Igreja atravessou até hoje sucessivas organizações económicas e políticas. Nasceu entre gente humilde de um povo humilhado, e dentro em pouco o seu esteio eram, por um lado, esses humildes esperançados e uma camada mercantil urbana espelhada por todo o Império romano. Quando neste Império se verificou a impossibilidade de manter o mito da sacralização augusta do Imperador como símbolo da unidade, e, pelo contrário, os fiéis deram provas de sobrevivência inquebrantável através da sua orgânica comunitária e electiva paralela ao centralismo esclerosado do Império, este último teve a sagacidade de a assimilar, compensando o apoio ideológico dos fiéis com o serviço das suas forças repressivas e centralizadoras. Mais tarde, a Igreja adaptou-se ao feudalismo, cerrando as suas fileiras jerárquicas, eliminando pouco a pouco as suas estruturas democráticas primitivas e partilhando a maior parte do bolo da renda feudal agrária. À revolução da burguesia urbana reagiu, através de um lento reajustamento, pelas ordens mendicantes e pela disciplina escolástica. Da Reforma provocada, em última análise pela crise do feudalismo pré-absolutista, defendeu-se como pôde, com o reagrupamento centralista e doutrinal tridentino. A revolução burguesa das Luzes e do Liberalismo custou-lhe a perda de mais uma larga parte das rendas feudais, além da que já perdera na Reforma, e desta vez a favor de uma classe social diferente;

Crise de Fé ou crise da Igreja?

Uma opção materialista relativamente aos problemas da fé subjectiva não significa, como de início frisei, uma ausência de fé ou esperança. O que significa é ausência daquela fé específica numa Promessa ou num Pacto historicamente contraído entre certos homens e Deus. O filósofo Kant, que, apesar de crente, criticou algumas das mais consabidas concepções ou pretensas demonstrações da existência de Deus, sublinha muito na sua *Crítica da Razão Prática* que a certeza teórica de qualquer sanção *post-mortem* e de qualquer finalidade para a vida é incompatível com a afirmação de uma ética pròpriamente dita e autónoma. O sentido moral, como qualquer sentido absoluto para a vida, é, segundo Kant, inerente ao simples imperativo categórico da acção moral, não o precede. De outro modo, a vida moral transformar-se-ia numa simples conta-corrente a saldar depois da morte.

Esta é a razão ética por que não creio numa Promessa divina, mas tenho apenas uma Esperança inerente à simples acção humana e para além de todos os programas que ela se vai formulando na história. Além disso, e no plano ontológico, vejo a consciência humana como algo de eminentemente social. Eu digo «eu» porque me ensinaram a falar, porque convivo humanamente, porque me integro em toda uma história social humana. A minha consciência não é uma consciência *tout court:* é uma consciência *de,* a consciência de objectos e factores de que nascemos e de que *nos* vamos fazendo ao mesmo passo que *os* refazemos. E chamo «matéria» ao conceito-limite daquilo donde venho e daquilo para que tende o objecto do meu conhecimento e essas aspirações se tornam mais adequados. *Materialismo* quer, portanto, dizer progressismo, convicção de uma infinita disponibilidade potencial para tudo aquilo de que dependemos à medida que dessa dependência nos libertamos pelo conhecimento e pelo trabalho. Tal libertação é histórico-social, e passa pela libertação relativamente a todas as alienações que, limitando-nos, são, todavia, e ao mesmo tempo o sinal e a possibilidade das desalienações futuras.

Não é a mim que compete a apologética da Igreja, mas desejo com a maior sinceridade que ela vença a sua crise institucional de hoje, que ela leve a cabo o seu já hoje sensível esforço de desmitificação, de purificação e de dignificação. Se os teólogos mais avisados hoje vêem o ateísmo como uma teologia negativa que aumenta o grau de exigência quanto a qualquer concepção ou representação, sempre necessàriamente inadequada, de Deus — os ateístas como eu vêem qualquer religião que progrida como um antítese indispensável para que o nosso materialismo se não converta, ele próprio, numa religião, com o seu ritual, as suas fórmulas estereotipadas e uma grande suficiência incrítica.

O resgate de todos os males a que nem sequer aludirei requer um grande esforço e uma grande luta de todos nós, crentes ou descrentes. E não haverá outro critério para avaliarmos, mesmo sujectivamente, da autenticidade da nossa fé que não seja o das obras que praticarmos, colectivamente, nesse sentido.

(Comunicação do dr. Óscar Lopes apresentada no Colóquio sobre Fé e contestação, no seminário da Boa Nova, em Valadares, Porto).

A propósito do novo regime de doutoramento

(Cont. da pág. 5

Nacional do aviso prévio do professor universitário Miller Guerra sobre a Universidade portuguesa, etc.) que a Universidade tem carências de toda a ordem, mormente no domínio vital que é o da investigação científica; sabe-se que a Universidade tem falhado na sua missão de despertar autênticas vocações científicas. Sendo assim, que razão assiste à utilização da classificação da licenciatura para condicionar a candidatura ao doutoramento? Não será perfeitamente admissível que um licenciado com informação final de 12 valores, por exemplo, tenha maior aptidão para a investigação científica que um licenciado com 16 valores? Não se pretenda atribuir a uma classificação mais significado do que tem realmente: é indispensável e muito salutar ter presente que uma mesma informação final de curso tem significado diferente consoante o indivíduo que a obtém, a licenciatura a que se refere e a escola em que foi obtida.

No tocante à alínea *b*) do referido artigo 3.º, conhecidas as carências de orientação e de meios para efectuar investigação científica na Universidade e sabendo-se como é absorvente o serviço de docência quando prestado honestamente, forçoso é concluir que não se pode aceitar a diferença de critério para assistentes e não assistentes. Porquê três anos de serviço prestado como assistente na Universidade conferem a um licenciado direitos de candidatura que não se reconhecem a um outro que, por exemplo, tenha trabalhado os mesmos três anos numa instituição de investigação científica? Não deixa de ser curioso notar que esses direitos só são reconhecidos na escola em que o assistente prestou serviço...

Quanto à alínea *c*) e de duvidar que, na generalidade das escolas, dois terços do número de membros do conselho escolar se encontrem em situação de apreciar devidamente o valor dos trabalhos científicos, necessàriamente especializados realizados pelo candidato.

A tese, prova fundamental do doutoramento?

Ainda em resposta à 1.ª pergunta diz J. L. S. a certa altura que «pelo novo diploma, a prova fundamental passou a ser a discussão da dissertação». Igualmente J. G. C. afirma ser «de destacar o estabelecimento da apresentação e defesa da tese ou dissertação original como prova fundamental do acto». Este tipo de linguagem reflecte exactamente o espírito do decreto-lei tal como enunciado no preâmbulo: «A apresentação e defesa de uma tese ou dissertação original constituirá a prova fundamental do acto». Porém é preciso ter presente que a aplicação de um decreto é feita com base no seu articulado e não no seu preâmbulo. O espírito do decreto pode ser louvável, mas se o articulado não o apoiar devidamente e sem ambiguidade, é evidente que não se podem tirar conclusões definitivas.

Sobre as provas de doutoramento propriamente ditas o diploma contém as seguintes disposições:

«Art. 8.º — 1. As provas de doutoramento incluem a crítica e defesa de uma dissertação original e especialmente escrita para o efeito.

Art. 8.º — 3. Além da dissertação devem os conselhos escolares optar, de acordo com a índole do doutoramento, por uma das seguintes provas:

a) Discussão de dois pontos sobre temas estritamente relacionados com matérias do grupo de disciplinas afins a que corresponde o doutoramento;

b) Discussão de um estudo, proposto pelo candidato, que constitua uma actualização de conhecimentos ou uma análise crítica original sobre tema delimitado abrangido no grupo de disciplinas afins a que corresponde o doutoramento;

c) Discussão de um projecto de investigação apresentado pelo candidato dentro das matérias do grupo de disciplinas afins a que corresponde o doutoramento, mas distinto do trabalho elaborado como dissertação».

Perante o conteúdo destes parágrafos, quem poderá garantir que a defesa da tese venha a ser a prova fundamental do doutoramento? Até demonstração em contrário, tudo o que se pode dizer é que, do ponto de vista legal, a defesa da tese e a prova complementar estão em situação de igualdade na avaliação dos méritos do candidato a doutor, como até aqui.

Os pontos como prova complementar?

Que é ultrapassada a concepção de acto de doutoramento incluindo provas complementares para além da discussão da tese, confirmaram-no os depoimentos dos intervenientes no inquérito da Mesa-Redonda de 25 de Setembro, citando o que se passa em países evoluídos. Porquê então as provas complementares em Portugal? Creio ser à luz do duplo objectivo expressos no n.º 1 do artigo 1.º que se deve analisar esta questão.

Recordando que no decreto se pretende explicitamente que o grau de doutor comprove «alto nível cultural em determinado ramo do saber», parece poder concluir-se que será através das provas complementares que se avaliará o enciclopedismo do candidato. Visivelmente, porém, nem o estudo (alínea b) do n.º 3 do art. 8.º) nem o projecto de investigação, alínea c), poderão atestar aquilo que parece pretender-se: com estas provas haverá sim «uma duplicação da finalidade essencial da tese», como o salientou J. G. C. Restam, pois, os pontos, o que leva a supor que os conselhos escolares optarão de preferência por um sistema análogo ao anteriormente vigente, isto para dar cumprimento ao que estabelece o diploma, claro.

Relativamente à alínea *a*) do n.º 3 do art. 8.º, esclarecem os n.ºs 1 e 2 do art.º 10.º que os pontos serão sorteados e entre quinze propostos pelo júri e que o candidato terá trinta dias para preparar esses dois pontos. Será de esperar que venham a ser propostos quinze pontos sem se sair e muito do domínio da tese? Não o creio, mas a experiência o dirá. Há, pois, uma probabilidade apreciável de continuarmos a assistir aos «shows, mais ou menos circenses» que J.G.C. afirma deixarem de ocorrer com o novo regime.

Aumento do número de doutoramentos?

Em resposta à 3.ª pergunta diz J.G.C. em certo passo: «Pode ser que daqui em diante entre o viveiro de doutorandos surjam as tais cabeças (chefes e orientadores responsáveis). Quanto ao ensino é evidente que só terá a lucrar com a multiplicação, que se espera, dos doutoramentos». Em resposta à 5.ª pergunta G.L.S. confirma a ideia: «Com o presente decreto o número de doutoramentos aumentará com certeza...» Aumentara? Isso não está na nossa mão, não vos parece? Diz J.G.C. na primeira resposta que «os doutoramentos em Portugal eram pràticamente inexistentes». Até prova em contrário, os doutoramentos em Portugal são pràticamente inexistentes.

No que respeita ao eventual aumento do número de doutores com a equiparação prevista no decreto 118/70 de 19 de Março, não há quaisquer certezas, pelo menos por enquanto. Ainda está por conhecer «a lista das Universidades e Institutos de investigação estrangeiros cujo doutoramento é equiparado ao das Universidades portuguesas» que os conselhos escolares deviam propor no prazo de trinta dias, conforme estabelecido no art. 2.º do citado decreto. Quanto aos requerimentos de equiparação apresentados por pessoas amigas aguardam deferimento.

A maior inovação...

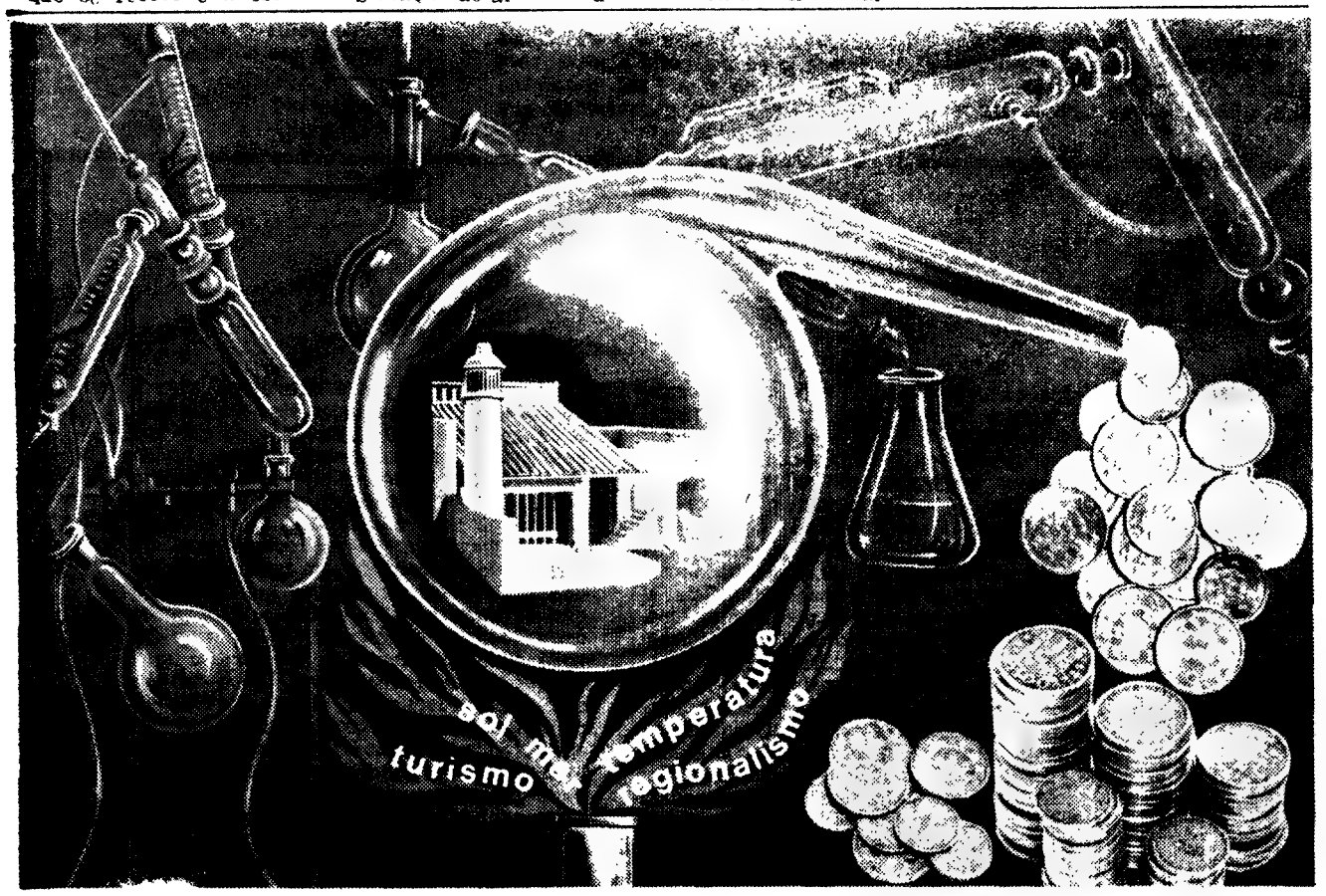
«A maior inovação introduzida por este decreto (388/70) foi a consulta prévia ao corpo docente universitário» afirma G. L. S. ao responder à 1.ª pergunta. Com efeito os assistentes universitários foram convidados a pronunciar-se sobre o correspondente projecto de decreto-lei. A essa solicitação corresponderam os assistentes da Faculdade de Ciências de Lisboa, embora lhes tivessem sido dados apenas dois dias para estudar e discutir o projecto, com um parecer enviado ao respectivo conselho escolar, em que se salientavam os seguintes pontos fundamentais:

1) O objectivo do doutoramento deverá ser exclusivamente o de certificar aptidão para a investigação científica;
2) não se justificam as restrições de candidaturas com base em classificações;
3) é inaceitável qualquer diferença de critérios para assistentes e não assistentes;
4) é ultrapassada a concepção do acto de doutoramento incluindo provas complementares para além da discussão da dissertação.

Nenhum destes pontos foi tido em consideração na nova regulamentação.

As estatísticas dos últimos 10 anos revelam uma escassez confrangedora de doutoramentos na Universidade portuguesa: apenas um por ano e por escola (há grupos de Faculdade em que se passam anos e anos sem produzir um doutor). No preâmbulo do decreto-lei atribui-se, em parte, esta anomalia à regulamentação que vigorou até agora, e salienta-se a necessidade de dar um passo em frente. Oxalá não fosse em falso.

EDUARDO MARTINHO



INVISTA O SEU CAPITAL
NA "ALDEIA DAS AÇOTEIAS"

Nós PROMOVEMOS TURISMO. Nós somos o TOURING CLUB DE PORTUGAL, Indústria Turística, S.A.R.L. e convidamo-lo a associar-se ao nosso EMPREENDIMENTO TURÍSTICO * Praia da Falésia — Albufeira — Algarve.

Recorte o coupon abaixo e envie-o à Divisão de Vendas do Touring Club de Portugal, a fim de receber, sem qualquer compromisso, informações detalhadas sobre este complexo turístico

D. L. TOURING CLUB DE PORTUGAL
ALDEIA DAS AÇOTEIAS
DIVISÃO DE VENDAS
Rua Rodrigues Sampaio, 21, 5.º - C e D
LISBOA Telefs. 51983 - 51998

Estou interessado em receber informações detalhadas sobre o vosso Empreendimento Turístico.

☐ Moradias ☐ Apartamentos

Nome
Morada
Localidade
Distrito Telef.

TCP

TOURING CLUB DE PORTUGAL "DIVISÃO DE VENDAS"
RUA RODRIGUES SAMPAIO, 21 - 5º C e D - LISBOA * telefones - 51983 - 51998

Emigração: fenómeno ambíguo

Cont. da pág. 1

Inimaginável odisseia de cegos da nossa quase totalidade de emigrantes não se regozijará, enfim, com tão consolantes perspectivas?

Claro que espíritos mal intencionados ou com o sarcasmo mal colocado poderão pensar que tais cuidados, um tão prospectivo «carinho» pelos destinos do Emigrante, a organização e o preço desse «acarinhamento», aplicados na cara Pátria teriam talvez a virtude de impedir ou limitar (de maneira positiva **e não repressiva) a própria Emigração. São os que pensam que a Emigração é um fenómeno** subjectivo, **os que há séculos cantam a lenda do português «aventureiro» do seu estrado, Emigrante diante do Eterno. O Governo é mais lúcido. Ele conhece as razões precisas, nada idealistas — mesmo se alguns dos seus ideólogos assim a apresentam — da emigração. É mesmo por reconhecer esse** facto maciço **da implantação mais ou menos longa da mão-de-obra portuguesa no estrangeiro que as suas recentes medidas se explicam. É, pois, fundamentalmente** lá-fora **que a acção prevista junto do Emigrante se fará sentir. Em que sentido e sob que forma?**

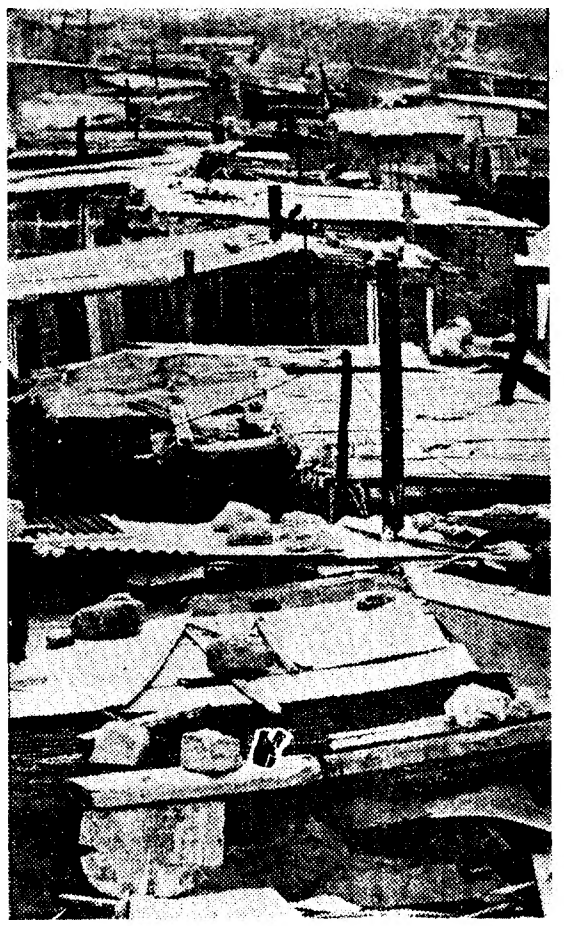
A esta hora os especialistas e sociólogos da Emigração já pensaram no caso e os actuais diplomas são, sem dúvida, reflexo dos seus inquéritos e análises. Infelizmente não está no seu poder reabsorver a inevitável contradição que uma consideração positiva **do fenómeno emigratório e a futura protecção do Emigrante suscitam fatalmente. A magna questão do Emigrante (aparte a óbvia de ganhar dinheiro)** é a da integração no meio em que actua. **Na prática isso traduz-se em não se sentir literalmente** perdido, **des-integrado, no sentido próprio e figurado, no país onde chega. Quem viu «O Salto» — versão bem adoçada do fenómeno emigratório — tem apenas uma vaga ideia da perdição inumana que é a do nosso emigrante minhoto ou beirão, quase sempre analfabeto ou pouco menos. A bem dizer é, por mais doloroso que seja constatá-lo, este mesmo «analfabetismo» e a inconsciência que o salva, como é ele que lhe dá coragem para enfrentar um destino de que não tem senão ideias vagas. Uma vez constatada, como se deve encarar tal** perdição **e como remediá-la? É aqui que se situa a opção fundamental, digamos, a estratégia do «planing» da assistência ao Emigrante. E é de temer, dado o geral contexto ideológico e até o reflexo natural de todos os gastos de** assistência **que essa opção venha a ser uma nova fonte de reais ou potenciais dramas.**

Não falamos de cor. Esse espírito está já em acção na maioria das formas de assistência ao emigrante já existentes. A má-consciência nacional **em relação ao fenómeno, a extensão do paternalismo que nos é próprio ao estrangeiro tem tendência a responder ao** inconforto moral, espiritual, humano **do Emigrante recriando à sua volta — na medida do possível — a atmosfera de origem. Assim se defendem, pensa-se, os interesses da Pátria. O Emigrante encontra-se** perdido. **Trata-se de** o não perder, **de** o recuperar. **Estranho reflexo, que não deixa de lembrar outro, de mais vasta e trágica actualidade ainda. Em suma, vai fazer-se o possível para que** ele não se integre no meio que o acolhe. **É um serviço que se lhe presta?**

Toda a ambiguidade do fenómeno da Emigração reside nisto. Ambiguidade e tragédia que é sempre a do desenraizamento. A perspectiva da futura assistência ao Emigrante supõe toda uma visão da perspectiva nacional e uma certa leitura do nosso próprio destino. De qualquer modo o Emigrante é um ser dilacerado. Deve essa futura Assistência colmatar positivamente **esse dilaceramento, aceitando embora penosamente a hipótese de «perder» o Emigrante enquanto** nacional **ou colmatá-lo** negativamente **lembrando-lhe sem cessar os bolos de bacalhau e os menus espirituais (com que antes de emigrar aliás ninguém se havia preocupado)? É por demais claro — e em certa medida é a hipótese normal justa — que a perspectiva em que se coloca a futura acção da assistência ao Emigrante é a de que essa emigração é** temporária. **Contrariamente a uma lenda hipócrita e malfazeja, o português não vai para** ficar. **Mas** fica: **em Rhode Island, na Venezuela ou em Clermont-Ferrand lá onde uma «outra vida» se estrutura á sua volta. E isto é que importa. A futura acção terá pois que lucidamente, em função dos** interesses reais do Emigrante **e não de contestáveis interesses — ou pelo menos discutíveis — não-pátrios, mas puramente «nacionalistas» e «hipe-nacionalistas» decidir se a sua acção tende para a criação de** guettos **nacionais ou para uma forma natural e adulta de** presença portuguesa **compatível com a aceitação leal de uma integração harmoniosa no novo meio do Emigrante. De todos os paradoxos da Emigração o menor não será este: que** lá-fora, **o pobre, seja enfim alvo de uma solicitude, de uma compreensão, de uma atenção que de portas adentro nunca ninguém lhe prestou. Ao menos uma secreta recompensa, um escrever direito por linhas tortas, se cumpra nesse paradoxo: foi para ser** reconhecido **que o Emigrante saiu da sua terra. E já é uma consolação que a Pátria corra agora atrás dele para o adoptar.**

Nice, Setembro de 1970.

EDUARDO LOURENÇO



Reveladora paisagem

Barracas sobrepostas, numa paisagem de pobreza e desolação. É em ambientes como este que vivem milhares de trabalhadores portugueses em França. Porquê vegetar nestes antros? O desejo cego de poupar? Sim, mas não só. A ausência de hábitos de higiéne e de condições mínimas de vida não pode deixar de estar na base de tão lamentável situação.

tem a palavra o leitor

Oferecer cá o que prometem lá fora

«VISEU, 4 — Uma verdadeira multidão tem permanecido, ultimamente, junto do Governo Civil, durante horas seguidas, aguardando cada um a sua vez de receber os documentos que lhe permitam emigrar legalmente. Muitos apresentam-se no local ainda de madrugada, quando não ficam por ali de um dia para o outro, a fim de conseguirem o melhor lugar.» («D. L.» 4-9-70)

O contraste entre esta pequena notícia e as imensas tabuletas «admite-se pessoal» espalhadas por essas obras da capital, são o sintoma evidente e concreto do pungente drama que nos aflige a todos, portugueses das esquerdas ou das direitas.

Ficamos logo a pensar porque não se criam justas condições de vivência nesta nossa terra, para evitar a exportação em massa do material humano, que já por todos os lados escasseia, seja nas obras ou na decadente agricultura, base principal da nossa economia, segundo os livros.

Acho que poucas pessoas poderão ficar alheias a este drama de um povo decididamente disposto a trabalhar, mas já suficientemente esperto e esclarecido para exigir justa recompensa, mesmo que para tanto tenha de ir a terras estranhas e distantes.

Entretanto, alguns factores estarão na base desta fuga maciça, tais sejam, por exemplo, o grande aumento do custo de vida, a deficiente assistência, etc., etc.

A par destes pontos, já de si bastante significativos, outros ainda existem a provocar nas gentes do campo o ardente desejo de melhor vida.

Poderei enumerar alguns, por conhecimento próprio, pois sendo nascido e criado na aldeia e não obstante viver em Lisboa, é minha preocupação constante o modo como lá se vive, pois em espírito continuo a morar e a viver com essa boa gente: qualquer obra que por lá se faça, seja uma fonte, uma estrada rural, a electrificação, etc., terá de ser comparticipada pelo povo. Um pequeno baile onde a escassa mocidade se queira divertir exige onerosas licenças, o mesmo acontecendo em relação a festas tradicionais, o que cerceia por completo o cunho regionalista do folclore do nosso povo. Nota-se ainda, na ensombrada fisionomia da aldeia, uma quase completa ausência de sinais do progresso que marca os nossos dias: a televisão raramente lá chega, não lêem jornais, desconhecem o que é teatro ou cinema e ouvem dizer que há Casas do Povo (*).

A mulher rural também é ali uma triste esquecida. Há pouco falei lá nas actuais reivindicações da mulher portuguesa e seus legítimos anseios de uma mais ampla promoção socioprofisisonal. Pois riram-se e não perceberam patavina do que eu disse. Verifiquei com mágoa não estar a mulher rural incluída na definição genérica de «mulher portuguesa».

Não restam, porém, dúvidas de que é urgente:

1.º — Procurar fixar as pessoas na sua terra natal, criando um conjunto de condições e regalias sociais, condigno e humano;

2.º — Canalizar os que desejarem sair, para os grandes centros industriais, facultando-lhes uma formação profissional planificada segundo as exigências, além de ordenado e habitação compatíveis.

Em resumo: oferecer-lhes cá o que lhes prometem lá fora, na certeza de que todos lucrarão; e todos somos Portugal!

Valdemar Quinta Ferreira

(*) Há em Portugal 944 casas do povo que cobrem quase 30 % das freguesias rurais.

A paciente espera de um futuro melhor

Tanto espaço para sonhar!

Os sonhos também precisam de espaço. Precisam de azul.
Em Santo António dos Cavaleiros encontra o ambiente
onde se desenvolvem os seus sonhos. Onde se tornam realidade.
Santo António dos Cavaleiros ergue-se, repousadamente,
longe do ruído da cidade. Mas, para sua própria conveniência,
fica apenas a dois passos de Lisboa!
Leve os seus filhos à sua futura casa em Santo António dos Cavaleiros.
Onde há espaço bastante para sonhar.
Espera-o ali uma equipa de técnicos, apta a encontrar soluções
para as suas conveniências.

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS
uma certeza de felicidade

Um empreendimento da ICESA – Indústrias de Construção e Empreendimentos, SARL.
Av. da Liberdade, 9 – Lisboa 2/Telef.: 326314 (P.P.C.) 6 linhas
Santo António dos Cavaleiros – Estrada de Loures – Telef.: 2530865
Visitas todos os dias, das 11 às 13 e das 15 às 20 horas, excepto às 2.as feiras.

A criança e a conservação da natureza

ANA GONÇALVES DA SILVA

A explosão demográfica, a grande densidade populacional da cidade e, dentro dela, jogada de casa para a escola e da escola para casa, através do asfalto e do cimento, vivendo desenraizada do mundo verde—a criança.

O seu desenvolvimento processa-se dentro de uma escala de valores desintegrados de uma vida plena e franca, habituada ao sol frio que atravessa o manto poluido do ar e do som que nasce nas ruas da sua cidade.

É esta mesma criança que ouve falar na escola no morangueiro que dá morangos, mas não viu com certeza a cor da flor ou sentiu o seu cheiro; é esta mesma criança que vê no Outono os homens do lixo limparem apressadamente as folhas vermelhas ou castanhas espalhadas pelo chão deslavado da calçada.

É este, sem correr o grave risco de exagerar, o sopro da natureza que chega a esta criança de 3.º, andar de um prédio, por exemplo, da Almirante Reis.

É também a esta criança que, mais tarde, integrada no somatório da população adulta do País, lhe vêm exigir que proteja a natureza, que a respeite, que não suje o chão...

Gesto de protecção

Fazem-se filmes que escolhem o caminho da vergonha disfarçada para convencer toda esta gente alheada da beleza directa e simples do espaço da papoila a comportar-se como pessoas-que-não-deitam-papéis-para-o-chão-e-outras-coisas. Refiro-me aos filmes «não suje Portugal por causa do turista». E nós? Já podemos coabitar com a lixarada que não aprendemos a evitar?

A protecção da natureza, para ser eficiente, terá de ser dividida por escalões de responsabilidade a atribuir á população duma Nação, do mundo inteiro.

Assim, cabe-nos a todos, cidadãos de várias profissões ou em vias de as ter, essa compartimentação do trabalho para com o mundo verde, de que dependemos. Este gesto de protecção pode partir da família que durante o passeio de domingo não semeia papéis sujos, até ao trabalho de atelier do arquitecto paisagista.

Ser-se ignorante é não ver, não sentir, não reagir.

É-se inerte ou ostensivo.

As crianças esquecem o significado da Natureza

A natureza é qualquer coisa de banal que não merece importância. Constrói-se a casa de campo. Grande e feia. Agride-se a paisagem e o nervo da gente que vive nessas aldeias. Ver arder uma floresta é espectacular. São poucos os que sentem a vida de dezenas de anos dessas árvores a serem consumidas para sempre e o trabalho imenso que é necessário para a reconstituição dessa mata.

Criar uma maioria esclarecida

Está-se habituado a oferecer flores caras e a pisar a beleza escondida da flor do campo. A permissão do inconcebível acontece sob nossos olhos: faz-se do ar e da água o esgoto dos serviços incompetentes. O-fumo-cor-de-rosa-que-mata continua a poluir uma vasta zona da outra banda, a espuma celulósica que entulha o rio Sado permite pràticamente só a vida desafogada das alforrecas.

É urgente que se crie uma maioria esclarecida, harmoniosamente actuante no espaço que ocupa.

É primordial, a educação da criança.

A criança, na espontaneidade de querer saber, deve trazer a natureza dentro do seu pequeno ser. Plantar a árvore da escola, aproximar-se **afectivamente** dessa árvore, tratar das plantas do jardim, viver com elas, querer protegê-las da chuva com o carinho com que protege a sua boneca ou o seu comboio eléctrico.

Só observando, experimentando, sentindo, a criança permanecerá espontânea no seu pequeno mundo de motivações. Deve penetrar no segredo maravilhoso das várias células de uma folha a funcionar, que trabalham para ela; conhecer a sua dependência do mundo verde. Aperceber-se do mundo microscópico. A sua dimensão de comparação será muito mais rica, mais concreta, mais verdadeira, como mais concreta e verdadeira foi a informação recebida.

Procurar espaço de luz e de ar

É na natureza que aprenderá a ler a dinâmica da vida — na linha, na liberdade das formas, no movimento ensinado pelo vento, a água, a folha, a flor.

A criança vê e sabe. É preciso que não lhe destruamos aquilo que aprende de uma maneira tão pura e directa, que só os poetas e os estetas não esquecem.

A minoria especializada e atenta à conservação da natureza ficará rodeada de uma opinião pública esclarecida que apoia e valoriza o seu trabalho profissional, seja ecólogo, urbanista ou arquitecto paisagista.

Procurar espaço amplo de luz e de ar, rejeitar a construção seca de verdura é um passo em frente na criação de um quotidiano mais feliz no homem consciente que não quer ver os seus direitos subestimados. Nesse espaço adquirido, o sossego e a calma, tão necessários para que o tempo disponível seja melhor aproveitado por cada um a seu modo, serão uma força que ajudará a desfazer a malha da nossa sociedade de agressão.

Algumas crianças falam

Crianças que encontrei ao acaso no meu caminho e que gentilmente conversaram comigo sobre o assunto que lhes propus — a Natureza.

Rosa Maria Lopes Vicente, 12 anos — «A Natureza é o viver entre as flores.»

Brinco no pátio da casa, sem árvores.

Maria Luísa Lemos da Silva Pereira, 13 anos, e *Maria Manuela Simões Costa Vaz*, 14 anos — Não sabem o que é a Natureza, não sabem responder á pergunta.

José Henriques, 10 anos — Conhece a Natureza. «É tudo o que existe na Terra». Gosta muito da Natureza porque sem ela não poderia viver. Gostava de ter jardins ao pé de casa. As flores são para alegrar a casa e a paisagem.

Ana Paula Henriques de Moura, 7 anos—«Uma flor é uma planta». Não sabe o que é a Natureza. Tem o jardim da vizinha para brincar.

Ana Maria Miranda Albuquerque, 6 anos — Brinca em casa, não tem jardim, não sabe o que é a Natureza.

Jorge da Silva Duarte, 4 anos — Gosta da flor. Brinca á porta de casa. Não tem flores ao pé de casa dele.

lemos para si

Coacção e liberdade na educação

Coacção e Liberdade na Educação, de Heinrich Meng, editado pela Moraes, na sua colecção de Psicologia e Pedagogia.

O problema que o livro debate encontra-se sintetizado a pgs. 125-26: «Quando se põe a pergunta: «Deveremos castigar as nossas crianças?», só se pode responder: «É preciso formar crianças baseando-se nos seus próprios interesses. É preciso despertar o seu trabalho intelectual, a sua actividade, o seu autodomínio — em vez de agir de uma maneira automática e comunicar o ensino por uma disciplina mecânica».

É indispensável agir assim, se quisermos, não só vencer uma calamidade presente, mas agir em vista de um desenvolvimento posterior. Para lá chegar é preciso não só estimular a actividade do jovem por um ensino baseado no prazer de aprender, mas ainda pelo comportamento dos professores e dos camaradas (Zulliger: Führerprinzip).

Este comportamento põe a necessidade de afeição do adolescente ao serviço do ensino. Em toda a educação colectiva e na aplicação das proibições necessárias, é preciso fazer agir as forças de compensações. Pfister, já antes de Freud, em Analytische Seelsorge, tinha sublinhado a importância do princípio de compensação na educação. É preciso igualmente lembrarmo-nos de que o interesse por uma matéria ensinada depende muitas vezes da personalidade do professor».

Esta obra de Heinrich Meng trouxe-nos algumas revelações inesperadas. Por exemplo esta: «Steckel precisa, fazendo alusão às críticas deste tipo, como é necessário controlar os livros das crianças. Cita em

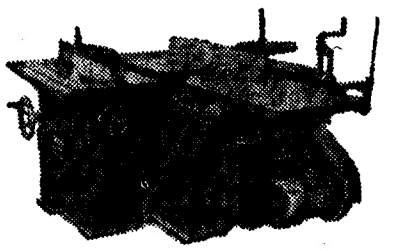
particular um artigo de E. Jaloux, aparecido em *Les Nouvelles Littéraires*, em 1932, em que o autor, falando da biografia da Condessa de Ségur, relata uma cena de flagelação terrível, extraída do General Durakine. Uma mãe e o seu filho, com a idade de seis anos, são chicoteados. «Nós vemos aqui», diz Jaloux, «um refinamento da invenção, um acréscimo da excitação apaixonada, que têm um efeito singular».

A exactidão com que Mme. de Ségur descreve os castigos e os seus efeitos psíquicos prova bastante bem que ela própria devia ser possuida de tais fantasmas. Se um freudiano analisasse, descobriria com certeza certos complexos espantosos. Os especialistas não têm ilusões a esse respeito. As livrarias que vendem essa literatura mencionam-na sob o título de «terríveis cenas de flagelação». Em diversas novas edições — a de Hachette, por exemplo — as cenas são atenuadas, enquanto nos manuscritos originais tais atrocidades são longamente descritas». (Pgs. 174-175). A Condessa de Ségur discípula do Maquês de Sade?

Gráficos

O Sindicato dos Profissionais das Artes Gráficas de Lisboa prepara a remodelação do seu Contrato de Trabalho. No sentido de auscultar a opinião dos profissionais, este Sindicato pede sugestões aos sócios, as quais devem ser entregues na sede, até ao dia 30 do corrente mês. Também o sector de Évora se movimenta: para dia 17 de Outubro está programado, pelas 16 horas, na sede da FNAT, um colóquio sobre Orgânica Sindical, em que os associados do distrito poderão levantar problemas e buscar com firmeza a sua solução.

«MIDA»



UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

MÁQUINA UNIVERSAL
Mod. GDFT

Fábrica: — TROFA Tel. 94923/4/5

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

Agricultura: crise em vários tons

Muito se tem falado da crise da agricultura e da necessidade da reforma agrária. Mas geralmente ficam ao nível de especialistas as obras que põem o dedo na ferida (causa-efeito). As deficiências de planeamento agrário não são suficientemente divulgadas, ouvem-se discursos teóricos e os problemas concretos, particularizados, apenas são focados em regra marginalmente.

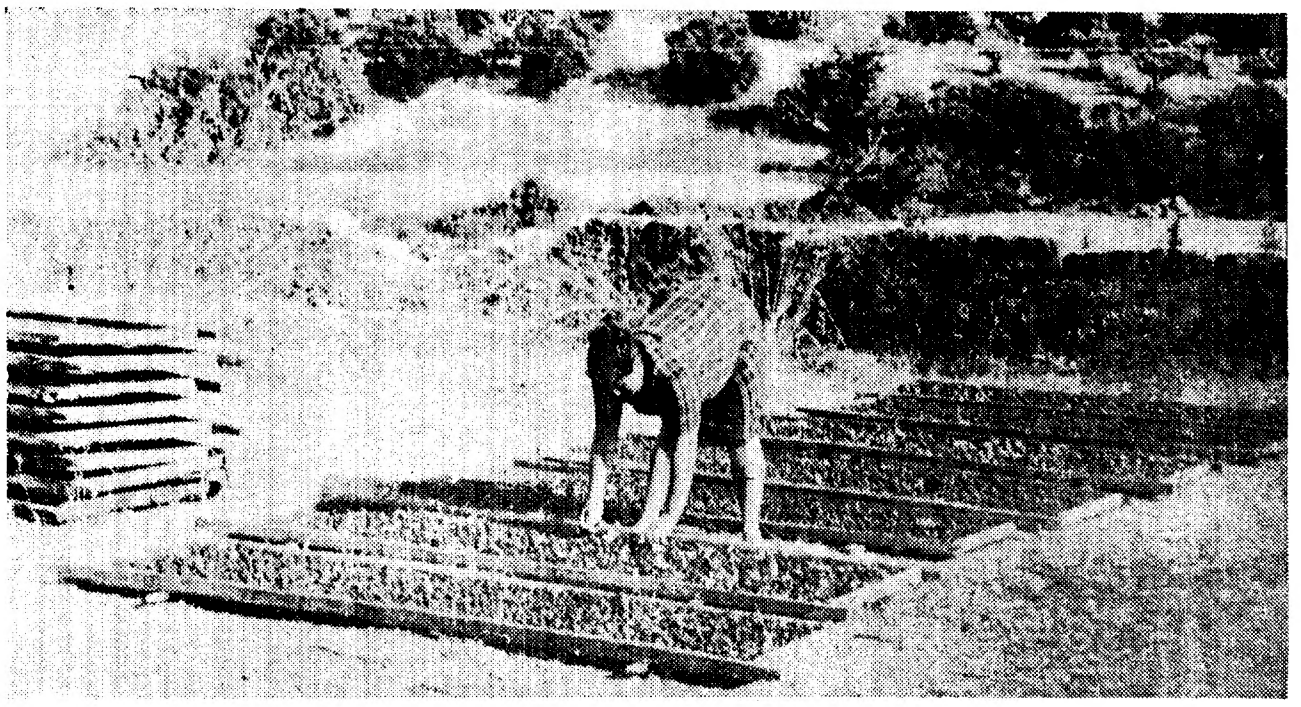
A população mundial é constituída de 59 por cento de rurais.

Isto porque é da agricultura que devem provir os excedentes necessários á manutenção alimentar da população, e é a partir de uma estrutura agrária planeada e organizada que se processa grande parte da acumulação de capital para a industria e progresso do desenvolvimento económico.

Entre nós, 40 a 50 por cento da população vive da terra e, no entanto, «a agricultura portuguesa não satisfaz as necessidades alimentares mínimas do País», é tecnológicamente pobre e largamente dependente do clima. A oferta vazia em função de factores sazonais e de deteriorabilidade, não satisfaz a procura, a produtividade da mão-de-obra agrícola processa-se lentamente e desajustada ao aumento de produtividade geral, apesar de neste sector a duração de trabalho continuar elevada. Por outro lado, no período de 1955-1965, a taxa anual do produto agrícola bruto foi inferior a 2% e a taxa de crescimento da produção agrícola de 1952-54 e de 1961-63 foi apenas de 9% (em Espanha 32,2%). Em 1963-64, Portugal foi o País que apresentou menor quantitativo em kg/habitante de consumo de adubos químicos (30 kg/ha) e, em 1966, os menores rendimentos das principais culturas.

E isto porquê? Essencialmente porque as presentes estruturas socioeconómicas não proporcionam (nem podem proporcionar), devido a contradições internas, uma reforma agrária que corresponda ás necessidades prementes portuguesas. Grande parte da nossa área agrícola (33%), é ocupada por explorações de pequena dimensão (92% do total), mas a experiência ao nível do que se passa no Alentejo — zona latifundiária por excelência — e as próprias contradições em jogo, provam que não será o aceleramento da concentração agrária e a integração monopolista que irão resolver o problema da agricultura portuguesa.

Pensamos que o tipo de soluções revitalizadoras e transformadoras da nossa estrutura agrícola têm de enraizar-se num estudo particular de cada zona agrária específica, tipo de propriedade e cultura, condições de oferta e procura agrícola características da população rural, etc. Nesse sentido, tentou-se uma modesta amostra de auscultação de pessoas económicamente dependentes de um sector nitidamente problemático.



ESCOLHA DO FIGO — Uma produção decadente, por falta de mão-de-obra e de estímulo

COOPERATIVA DE SEVER DO VOUGA:

Nova experiência falhada?

Uma cooperativa agrícola de produção pensada e organizada em moldes e circunstâncias de certa originalidade, no concelho de Sever do Vouga, atravessa graves dificuldades e receia-se pela sua sobrevivência.

Em princípio, seria impensável uma cooperativa do género em região onde predomina a divisão intensíssima da propriedade, propiciando uma economia de tipo caseiro — ou de auto-abastecimento — incapaz de, por via disso, fugir às limitações ou romper para novos caminhos de industrialização e comercialização. A terra, além de muito dividida, obedecendo às características do mundo rural nortenho, impõe métodos arcaicos e, neste caso específico, estende-se por um concelho que abrange uma larga zona montanhosa, cortada ao meio pelo leito do rio Vouga.

A ideia de criar a cooperativa, porém, assentou num conhecimento preciso das realidades locais — e tem muito de novo, exactamente porque constitui um reconhecimento e uma reacção a essas realidades. Em primeiro lugar, impõe-se a verificação da inexistência de mão-de-obra. Trata-se de uma zona onde, poucos anos atrás, ainda persistia a prestação de serviços de favor, ou por troca. As condições económicas da população eram ainda piores — situação esta em parte alterada pela implantação dos Serviços Florestais, mau grado o exagero da «ocupação» e as más condições de remuneração e segurança que de há muito prevalecem. A partir de certa altura, pois, os jovens passaram a ganhar algum dinheiro, desviando-se da ocupação principal, até então, que era o trabalho rudimentar na lavoura. Depois vieram as operações militares, e um melhor conhecimento do mundo e da problemática social, a explosão emigratória. E o progressivo assalariamento da mão-de-obra que ficou. Hoje, o custo dos salários é demasiado elevado para economias tão débeis. Mas, sobretudo, há falta de braços. As terras estão a ser progressivamente abandonadas. Transformaram-se mais num encargo do que em fonte de riqueza. O lavrador tradicional teve de seleccionar melhor as explorações, em termos de rentabilidade. E viu-se obrigado a desviar a sua atenção para outro tipo de tarefas complementares, mais rendosas, a curto prazo.

É nesta fase da evolução que surge a possibilidade — única — de uma cooperativa de produção para agricultura de tal jaez. A Cooperativa Agrícola de Sever do Vouga, autorizada e apoiada pelo Ministério da Agricultura, propunha-se recuperar as terras abandonadas por falta de braços e de interesse na sua exploração. Os agricultores entravam como societários na proporção das terras cedidas, ou arrendadas, à Cooperativa. Esta criaria condições de mecanização, transporte e produção rentáveis, incluindo pocilgas e uma vacaria.

Os resultados dos primeiros anos, contudo, não foram animadores. Um certo empirismo técnico, o desconhecimento de uma produção — como a vacaria — que exige condições e segurança técnicas apuradas, e, sobretudo, a enorme divisão das explorações agrícolas, a distância grande a que se encontram da sede, disseminados por um concelho montanhoso, a dificuldade de acessos e o tempo gasto, pelas máquinas e pelos homens, a caminha das e para essas explorações, constituem obstáculos que impõem, agora, o acto de repensar (e reorganizar, possivelmente) a Cooperativa Agrícola de Sever do Vouga.

Segundo pudemos verificar na região, ouvindo algumas pessoas, o desânimo não atingiu o principal propulsor da ideia, o incansável eng.º Vital Rodrigues, da Experiência Agrícola daquela vila. A queda da Cooperativa representaria, também, um golpe profundo no cooperativismo agrícola deste tipo, e não será ainda caso para desistir da exploração deste campo de actividades. O qual não pode ser solução absoluta, como é evidente. Mas enquanto essa solução tarda, não deixemos perder, ao menos, os remedeios mais positivos.

O problema do figo

Fui a Torres Novas. Corri os minifúndios onde sub-ranchos apanham, secam, ensacam e escolhem o figo. Aprendi a colher em duas ou três conversas as incríveis condições em que se faz a agricultura em Portugal. Já tinha sentido e compreendido a situação dos seareiros de melão. À porta das fábricas e no meio das mulheres-crianças do rancho, a trabalhar de empreitada, entendi a «questão» do tomate. No fundo, ouvir de quem trabalha nos campos, realidades esquecidas: «o tomate tem o mesmo preço há 20 anos», «os intermediários levam o valor todo do melão», «há trinta e tal anos que o figo tem o mesmo preço».

Descobrimos «o problema do figo». Não somos técnicos, logo ouvimos para comunicar. Daí que as palavras dos camponenses nos digam muito. Para nós são tudo novidades. Como se forma um rancho de apanha de figo? Donde surgem estes, homens e mulheres, velhos? E estas crianças? Quanto ganham? Há quantos anos se mantém fixo o preço do figo? Porquê? E o figo escolhido?

Algumas das respostas ajustam-se e ajudam a compreender uma realidade. Mas as reportagens interpenetram-se e revelam um condicionalismo comum: os muitos anos de proteccionismo que a indústria transformadora de produtos agrícolas tem recebido.

Constatámos no caso do figo:

— Existência de sub-ranchos com mulheres velhas e crianças.

Abandono geral dos campos. Os próprios proprietários das pequenas herdades são na sua maioria operários, na cintura industrial de Torres Novas.

— Fixação, como no caso do tomate, do preço do figo durante dezenas de anos, não o submetendo, ás leis de oferta e de procura.

— A existência de empresas transformadoras vivendo á custa do baixo preço do figo.

— Não utilização do figo seco escolhido, alimento rico e barato através duma estrutura de comercialização a nível nacional nem para exportação.

— Manutenção dum sistema de venda clandestina que mostra que o preço praticado por corporações e empresas particulares não é real.

— Condições, a manter-se o preço e a falta de protecção aos pequenos produtores e camponeses, para o desaparecimento duma importante cultura local. As populações historicamente preparadas para as fainas tradicionais deixaram de se interessar pelo figo e vão transformando a região em pomares de maçã (eles também sem qualquer protecção).

— «Muitos anos de proteccionismo» consolidados na tentativa de criar um único monopólio transformador, criaram condições para o desaparecimento do espírito de iniciativa entre os produtores da região: nunca se tentou formar uma autêntica cooperativa de produtores de figo, nem se fez um estudo sobre as possibilidades de criar uma actividade comercial á volta do figo como alimento.

DL MESA REDONDA